

RESUMO

O trabalho presente foi desenvolvido no âmbito da disciplina de Projeto, do Curso de Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ano letivo de 2011/2012. Tratado-se de um projeto que tem como base o planeamento e realização de uma exposição, subordinada ao tema *SARDINHA*, explicando todos processos pelos quais é necessário passar, da ideia até a sua materialização. O trabalho inicia-se com a contextualização da sua origem e os seus principais objetivos. Posteriormente será apresentado o conceito de exposição, teorização, bem como temas envolventes. Posteriormente é explorado o projeto e as suas múltiplas fases de execução, com principal atenção para o estudo em torno da sardinha, dos seus múltiplos universos e das fases imprescindíveis para a concretização da exposição.

Palavras-chave: exposição, espaço, projeto, sardinha, Matosinhos;

ABSTRACT

The present work was developed under the discipline of Project, to the Master's in Museology of the Faculdade de Letras da Universidade do Porto, school year 2011/2012. This is a project that is based on the planning and conduct of an exhibition entitled *SARDINHA* so i will explain all the processes by which it is necessary to go from the idea to its materialization. In this order, the starting point of this work is the contextualization of its origin and its main objectives. Next we present the concept of exposure, their theorizing, as well as issues surrounding. Later we proceed with the project and operation of its multiple stages of implementation, with main focus in the study around the sardines and their multiple universes, still addressing the essential steps in achieving exposure.

Keywords: exhibition, space, project, sardine, Matosinhos;

RÉSUMÉ

Le présent travail a été élaboré sous la discipline de la conception, de la maîtrise en muséologie de la Faculdade de Letras da Universidade do Porto, l'année scolaire 2011/2012. Puisqu'il s'agit d'un projet qui est basé sur la planification et la conduite d'une exposition, intitulée *SARDINHA* vais vous expliquer tous les processus par lesquels il est nécessaire de passer de l'idée à sa concrétisation. En ce sens, on prend comme point de départ de ce travail de contextualisation de son origine et de ses principaux objectifs. Ensuite, nous présentons le concept de l'exposition, leur théorisation, ainsi que les questions entourant. Plus tard, nous procédons à la conception et à l'exploitation de ses multiples étapes de mise en œuvre, en mettant l'accent principal de l'étude autour des sardines et leurs univers multiples, en s'adressant toujours à les étapes essentielles dans la réalisation de l'exposition.

Mots-clés: exposition, espace, la conception, sardine, Matosinhos;

AGRADECIMENTOS

Desenvolver um projeto, principalmente uma exposição, nunca é um trabalho solitário, assim sendo, devo agradecer a todos os que permitiram e auxiliaram na realização deste ambicioso e arduo trabalho.

Em primeiro lugar tenho que retribuir o esforço e apoio incondicional dado pelos meus pais na realização deste projeto, que sem os quais seria completamente impossível levar a bom porto este trabalho.

Também gostaria de agradecer a todos que permitiram e auxiliaram na realização deste projeto, muito obrigado:

Maria Clara Paulino, Docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e orientadora deste projecto;

Luís Soares, MuMa - Rede de Museus de Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos;

Câmara Municipal de Matosinhos;

Junta de Freguesia de Matosinhos;

Leroy Merlin de Matosinhos;

NAPESMAT;

Bolos Quentes;

Comissão do Mártir S. Sebastião;

Docapesca de Matosinhos;

La Gondola;

Pinhais;

ProPeixe;

Ramirez;

Aos meus familiares e amigos que me apoiaram ao longo desta viagem;

ÍNDICE

RESUMO	I
ABSTRACT	II
RÉSUMÉ	III
AGRADECIMENTOS	IV
ÍNDICE	V
ÍNDICE DE IMAGENS	VII
ÍNDICE DE ABREVIATURAS	VIII
I. INTRODUÇÃO	1
O PORQUÊ DO TEMA DA SARDINHA?	1
II. EXPOSIÇÃO	6
III. ESTUDO DE CASOS	11
III.1. MUSEU DE PORTIMÃO	11
III.2. MUSEU MUNICIPAL DE ESPINHO	15
III.3. MUSÉE IMAGINAIRE DE LA SARDINE	18
IV. PROJETO	20
V. IDEIA	25
VI. PLANO INICIAL	26
SARDINA PILCHARDUS	27
PESCA DA SARDINHA	28
MATOSINHOS E A SARDINHA	30
CONSERVAS DE SARDINHA	33
FARINHA DE ANIMAIS E ÓLEOS COM BASE NA SARDINHA	38
VENDA DA SARDINHA	38
SARDINHA NA CULINÁRIA	39
SAÚDE E A SARDINHA	40
PROVÉRBIOS, DITOS POPULARES E OUTROS SIGNIFICADOS DA SARDINHA	42
VI.1. ACERVO	44
ACERVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS	44
ACERVO DO NAPESMAT	47
OUTROS ACERVOS	49
VI.2. ESPAÇO	50
VI.3. TEMPOS	55

VII. DESENHO PRELIMINAR	56
VIII. DESENHO ESQUEMÁTICO	70
IX. DESENHO FINAL	73
SARDINHA E O SEU IMAGINÁRIO	75
SARDINHA DO MAR ATÉ Á VENDA	75
SARDINHA E A INDÚSTRIA CONSERVEIRA	79
SARDINHA NA MESA PORTUGUESA	82
X. PRODUÇÃO	83
XI. INSTALAÇÃO / MONTAGEM / INAUGURAÇÃO / MANUTENÇÃO	86
XII. AVALIAÇÃO	92
XIII. CONCLUSÃO	95
XIV. BIBLIOGRAFIA	98
XV. WEBGRAFIA	102
XVI. ANEXOS	104
XVI.1. EXPOSIÇÃO SARDINHA	105
XVI.2. INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO SARDINHA	109
XVI.3. A MINHA SARDINHA	111
XVI.4. LIVRO DE MEMÓRIAS DA EXPOSIÇÃO	114

ÍNDICE DE IMAGENS

I - Tipos de circulação: sugerido, não estruturado e estruturado	10
II - Quadro comparativos dos casos de estudo com o projeto SARDINHA segundo tipologias expositivas	10
III - Museu de Portimão	11
IV, V e VI - Exposição: A vida industrial e o desafio do mar	13
VII - Museu Municipal de Espinho	15
VIII, IX e X - Exposição: Fábrica de Conservas Brandão Gomes, Museu Municipal de Espinho	17
XI - Cartaz do <i>Musée imaginaire de la sardine</i>	18
XII, XIII e XIV - Exposição: <i>Musée imaginaire de la sardine</i>	19
XV - Esquema do ciclo dinâmico da gestão de projetos	21
XVI - Cronograma do projeto SARDINHA	23
XVII - Esquema dos principais momentos da projeção de uma exposição	24
XVIII e XIX - Barco de pesca em alto mar; sardinhas na rede	45
XX, XXI e XXII - Núcleo museológico do NAPESMAT	48
XXIII - Sede da NAPESMAT, a azul a zona referente á sua sala de conferencias	52
XXIV - Espaço da Comissão Administrativa do Mártir São Sebastião, a azul	53
XXV - Planta do espaço atribuído à Comissão Administrativa do Mártir São Sebastião, 1.º e 2.º piso	53
XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX e XXX - Espaço disponível para montar a exposição, <i>hall</i> e sala, 1.º piso	54
XXXI - Materiais publicitários desenvolvidos pelo <i>atelier de design</i> Bolos Quentes	67
XXXII, XXXIII e XXXIV - Materiais publicitários desenvolvidos pelo <i>atelier de design</i> Bolos Quentes	68
XXXV - Despejas do projeto SARDINHA	72
XXXVI, XXXVII e XXXVIII - Maquete da organização da exposição	74
XXXIX - Exemplo de legenda utilizada na exposição SARDINHA	84
XL, XLI e XLII - Estruturas no espaço expositivo e uma fotografia no seu interior	87
XLIII - Gráfico do numero de visitas diárias á exposição SARDINHA, de 26 de maio a 17 de junho	93
XLIV - Sardinha	104
XLV a LXVI - Exposição SARDINHA na Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores	105-108
LXVII a LXXIX - Inauguração da exposição SARDINHA na Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores	109-110
LXXX a CXXII - A MINHA SARDINHA, alguns exemplares das ilustrações	111-113
CXXIII a CXXV - Algumas palavras dos visitantes da exposição SARDINHA	114-116

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

CPM - *Critical Path Method*

cm - centímetro

CMM - Câmara Municipal de Matosinhos

DASA - *Arbeitswelt Ausstellung*

DVD - *Digital Versatile Disc*

FACE - Fórum de Arte e Cultura de Espinho

km - quilómetro

mm - milímetro

MuMa - Rede de Museus de Matosinhos

NAPESMAT - Núcleo de Amigos dos Pescadores de Matosinhos

OSB - *oriented strand board*

PERT - *Programe Evaluation and Review Technique*

RTA - *Rancho Típico da Amorosa*

I. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a conclusão do 2.º ano do Mestrado em Museologia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi desenvolvido um projeto que tem como principal objetivo o planeamento e realização de uma exposição subordinada ao tema *SARDINHA*. Este projeto permitirá também evidenciar os conhecimentos adquiridos e consolidados ao longo do 1º ano do Mestrado em Museologia, mas de uma forma mais aplicada na prática.

O PORQUÊ DO TEMA DA SARDINHA?

Há muito tempo que em Matosinhos têm começado a surgir alguns movimentos com a intenção de criar um *Museu do Mar*, como normalmente é denominado, promessa há muito tempo apregoada, mas sempre adiada pelas autoridades locais. A comunidade de Matosinhos quer ver um museu onde a sua história seja contada e dada a conhecer, uma vez que teve sempre uma forte ligação com o mar, quer pela sua abundância e generosidade de alimento, quer como via de comércio ou como porto de abrigo privilegiado, tendo sido considerado um importante porto e centro piscatório, desde tempos imemoriais, principalmente durante os séculos XIX e XX. A indústria piscatória foi o motor da economia e do desenvolvimento da região, sobretudo durante as décadas de 30 a 60 que transformou Matosinhos no maior centro sardineiro do mundo. A indústria piscatória também fez florescer outras indústrias que lhe estavam adjacentes, como é o caso das indústrias conserveira e tipográfica. A sardinha ganha uma nova importância em Matosinhos uma vez que é a principal espécie capturada na costa continental portuguesa, o que corresponde a mais de 45% do total de desembarques do peixe fresco, colocando, deste modo, os portugueses no terceiro lugar entre os maiores consumidores de peixe no mundo e os primeiros da União Europeia. De registar que cada português consome, em média, 57 kg de peixe por ano.

A ideia de criar um museu em Matosinhos dedicado ao mar, às suas gentes e à indústria conserveira começou a ser falada na comunidade local na década de 70, aquando do início do declínio da pesca da sardinha e da indústria conserveira. Por esta altura, as gentes de Matosinhos começaram a constatar que o seu património, material e imaterial (história, cultura e memória)

iniciara uma rápida degradação ou mesmo desaparecimento e, de imediato, decidiram implementar uma série de iniciativas, a fim de alertar toda a comunidade para tal facto.

Porém, só em 1989 é que a Câmara Municipal de Matosinhos organiza a exposição *A Indústria Conserveira em Matosinhos: Exposição de Arqueologia Industrial*, nas Galerias da Nave dos Paços do Concelho. Esta exposição veio evidenciar uma crescente preocupação com a memória e a história de Matosinhos, bem como a de uma das principais indústrias que promoveu a transformação de Matosinhos, fazendo com que uma estância balnear com uma pequena comunidade piscatória e agrícola passasse a ser uma cidade industrializada e equipada com as mais recentes invenções da época. A exposição era constituída por máquinas, maquetes, fotografias, impressões, cartazes, latas, caixas, filmes, enfim, tudo o que estivesse ligado à indústria conserveira, de forma a constituir a primeira exposição de arqueologia industrial, no Norte de Portugal. Porém, quando a exposição foi desmontada, a maior parte deste acervo foi devolvido às fábricas que o tinha emprestado, o que, com o tempo, infelizmente, acabou por levar ao seu desaparecimento, uma perda irreparável, com exceção dos poucos objetos que ficaram à guarda da CMM e que se encontram atualmente nas suas reservas, arquivos e armazéns.

Mais recentemente, na década de 90, a CMM deu um novo passo para a concretização do desejo de criar o *Museu do Mar* com a compra dos Armazéns da Companhia da Real Vinícola do Norte de Portugal. Sendo um complexo gigantesco, correspondente à primeira fábrica que surgiu em Matosinhos e que, curiosamente, não tem nenhuma ligação com a indústria piscatória ou conserveira, por sua vez é uma sequência de armazéns de vinho juntamente com uma fábrica de barricas. Na mesma altura a CMM desenvolveu um projeto com a intenção de preservar e restaurar o complexo arquitetónico, que consistia na criação de um grande aquário juntamente com um polo de investigação marítima, que seriam designados de *Centro de Ciências do Mar*, onde também seria montado um museu que contaria a história da pesca e da indústria conserveira de Matosinhos. No entanto, este projeto nunca chegaria a ver a luz do dia.

Para além destas duas grandes iniciativas, a CMM tem levado a cabo, ao longo do tempo, diversas atividades que visam contar e preservar a sua memória, com principal destaque para as exposições de índole artística onde são apresentados os grandes mestres de Matosinhos, tais como António Carneiro, Agostinho Salgado, Augusto Gomes, Barata Feyo, Gustavo Bastos, Ruy Anahory, Lagoa Henriques e Irene Vilar.

A temática da indústria piscatória e conserveira vem ganhando maior importância e valorização junto da comunidade local e, para além da CMM, algumas associações concelhias e particulares têm vindo a organizar múltiplas iniciativas, procurando lutar contra o desaparecimento e morte de uma memória comum.

É neste panorama que nasce o projeto *SARDINHA*, o qual se insere nas inúmeras atividades e exposições, em Matosinhos, que têm prestado homenagem às suas gentes e às suas expressões artísticas, embora nenhuma delas se tenha debruçado sobre este pequeno peixe que fez florescer Matosinhos, apesar de ter sido graças a ele que se deve a criação de uma das maiores frotas piscatórias de Portugal, que leva o nome de Matosinhos para o resto do Mundo nas suas pequenas embalagens.

É pois com a intenção de prestar homenagem a este singular peixe que surge o projeto *SARDINHA*, que consistiu na criação de uma exposição em que a sardinha esteve no centro das atenções, como elemento identitário de uma região, do seu povo e do seu rico imaginário. Aborda a sua viagem das profundezas dos oceanos até a mesa portuguesa, passando pelas redes de pesca, pela venda na lota, e posteriormente pelo encaminhamento para a indústria conserveira transformadora, ou para a venda em grandes superfícies, no mercado ou na rua.

Com esta exposição, que inclui aspetos da arte, a história e a etnografia relacionadas com a sardinha, procurou-se perpetuar a sua importância na história de Matosinhos, evocando as suas gentes, costumes e o seu rico imaginário.

Para *levar a bom porto* este projeto foi necessário estruturá-lo em capítulos, para explicar de forma clara as suas várias facetas, que serão apresentadas e analisadas individualmente.

Assim sendo, em primeiro lugar, será explorado o conceito de exposição, bem como as suas tipologias. Posteriormente, à contextualização teórica de exposição, pensámos ser pertinente explorar alguns museus e exposições que abordam a temática da sardinha, tendo sido escolhidos para tal fim os Museus de Portimão e de Espinho, a nível nacional, e a exposição *Musée Imaginaire de la Sardine*, a nível internacional.

De seguida, será, então, apresentado o projeto *SARDINHA*, que se inicia pela apresentação do projeto e a enumeração das suas várias fases necessárias para a sua

concretização. Em primeiro lugar, encontra-se a *ideia*, a origem e os motivos pelos quais se desenvolveu o projeto. A fase seguinte consiste no *plano inicial* do projeto que aborda o estudo do tema a expor, os acervos e objetos que poderão ser usados, o espaço disponível para a exposição e a sua duração. Assim sendo, temos em primeiro lugar a análise do objeto de estudo, a sardinha. De referir que, antes de se avançar para a criação e planeamento da exposição, foi necessário perceber a sardinha em toda a sua extensão, desde a análise fisiológica e estudo do pequeno peixe, até a sua influência na forma de vida em Matosinhos, passando pelas artes da pesca, as indústrias que ajudou a fomentar e ainda a vasta culinária que se criou à sua volta.

Enquanto se desenvolvia o tema da sardinha fez-se uma análise de museus com a mesma temática, sendo necessário perceber que tipo de acervos, ou objetos poderiam ser utilizados na exposição e se seria necessário produzir novos objetos de forma a completá-la e a transmitir a mensagem idealizada. Ainda dentro desta fase, vai ser apresentado o espaço onde será exibida a exposição, tendo em atenção a sua missão, o meio envolvente e a comunidade. Simultaneamente, foi necessário definir a calendarização da exposição, com principal destaque para a sua inauguração e encerramento.

A fase seguinte do projeto é o *desenho preliminar*, onde se fez o desenvolvimento do guião da exposição a partir do estudo detalhado do tema e das conclusões retiradas da investigação científica. A partir do guião da exposição deu-se início à seleção e definição dos objetos, materiais audiovisuais e textos necessários para a exposição. Seguidamente, apresentam-se as estruturas necessárias para a montagem da exposição, a iluminação e distribuição do espaço. O desenho preliminar termina com a apresentação do programa educativo e das estratégias promocionais do projeto.

O próximo passo no desenvolvimento do projeto é o *desenho esquemático*, onde encontraremos uma definição mais rigorosa e esquemática da exposição e dos seus vários elementos e onde temos a listagem dos objetos cuja presença na exposição é indispensável. Neste tema também são apresentadas as possíveis fontes de financiamento para a realização e materialização da exposição, bem como o orçamento dos gastos finais.

Seguidamente temos o *desenho final*, onde é delineada a exposição em pormenor, incluindo localização das estruturas e dos objetos, divisão do próprio espaço e a circulação do público no espaço expositivo, bem como a descrição dos quatro temas principais que a

constituem, através dos objetos e textos finais imprescindíveis para a sua construção, instalação e montagem.

O passo seguinte na realização do projeto foi a *produção* dos materiais e das estruturas necessárias à exposição. Posteriormente focamos a *montagem, instalação, inauguração e manutenção* da exposição, sendo estas as fases finais do projeto de uma exposição e o culminar de todo o trabalho anteriormente desenvolvido.

A última fase do projeto, e deste trabalho, tem a ver com a *avaliação* e análise.

O presente trabalho é a síntese do processo levado a cabo ao longo do último ano para a criação da exposição *SARDINHA*.

II. EXPOSIÇÃO

As exposições têm sido ao longo de séculos uma das ferramentas mais eficazes e poderosas para atingir e cativar o público para a aquisição de conhecimento através de objetos expostos em museus ou instituições museológicas, sendo também o elo entre o público e os seus acervos. É através das exposições que os museus definem e afirmam a sua identidade e missão.

Na sua aceção mais simples o termo *exposição* define a apresentação de um objeto ou ideia a um público. Marc Maure (1996: 132) define *exposição* como um método, e o mais importante utensílio de diálogos e consciencialização, de que o museólogo dispõe para estabelecer a ligação com a comunidade. David Dean (1994: 161) apresenta-nos a *exposição* como um conjunto de elementos que são empregues na apresentação de uma coleção, em conjunto com informação e ferramentas, de forma a atrair o público. Dentro da terminologia de exposição, G. Ellis Burcaw (1997: 115) distingue entre os termos *display* de *exhibit*, sendo o primeiro utilizado quando se trata de uma mostra, ou exposição, e o segundo de uma exposição mais demonstrativa, descritiva e interpretativa. Já Peter Van Mensch (1991: 11-13) define *exposição* como uma encenação, na qual se utiliza um amplo conjunto de elementos de acordo com algumas estratégias, podendo estas ser objetivas e estéticas, ou narrativas e lineares, dando origem a uma grande diversidade de possibilidades e de organização dos mesmos objetos e ideias.

Assim sendo, podemos dizer que uma exposição é uma mostra de objetos ou ideias organizadas segundo um propósito predefinido e delineado com o intuito de transmitir uma mensagem, conhecimento, ideia ou pensamento destinado a atrair uma comunidade. Cada estratégia a ser seguida deve ser ponderada uma vez que representa um ponto de vista de uma realidade, sendo o museu ou o curador o responsável pela sua criação, sem esquecer que os objetos estão previamente embutidos de significados e que as suas escolhas constituem seleção e manipulação. Por assim dizer, quando o curador seleciona um objeto em detrimento de outro, está a eliminar os restantes objetos da visão dos visitantes e determinado a realidade que estes vêem.

As exposições são lugares a que o visitante recorre para desfrutar de experiências sensoriais (visuais, olfativas, auditivas, tácteis e gustativas) e aquisição ou construção dos conhecimentos e valores.

O discurso expositivo tem evoluído desde a constituição das primeiras coleções da Pinacoteca de Atenas, continuando pela exibição dos espólios de guerra e conquistas romanas. Na Idade Média o Cristianismo formou grandes tesouros nos seus lugares mais sagrados, *mosteiros, conventos, catedrais, igrejas, capelas e ermidas* (Almeida, 2006-2007: 32) como forma de afirmação do seu domínio. Já no Renascimento vemos surgir os gabinetes de curiosidades que através da acumulação dos objectos e da sua disposição espelham o conhecimento, *hierarquia e a ordem do mundo* (Pearce, 1995: 112). Mais tarde surgem as galerias palacianas dos príncipes e soberanos como forma de ostentação do seu poder e riqueza. No século XVIII, o museu público surge-nos do resultado da transferencia das colecções da indo privada para a publica e da sua gestão pelo Estado com fim a beneficiar e a educar a população (Semedo, 2004: 131). Durante o século XIX, o museu público consolidou-se efectivamente e ocorreu uma autêntica transformação no discurso expositivo e na sua sistematização impulsionada pelas novas correntes ideológicas e influências das feiras e exposições universais. Já no século XX, após a II Guerra Mundial, deparamo-nos com o nascimento de novos museus, o que obrigou a uma reavaliação dos diversos campos da museologia com principal atenção às exposições, uma vez que estas se converteram mais recentemente em acontecimentos socioculturais e começaram a habitar não só os palácios e os museus para se distribuírem também por fundações, galerias, feiras e ruas, falamos, assim, da democratização da cultura.

Dentro na Nova Museologia encontramos a exposição como um dos mais importantes instrumentos de consciencialização da, e diálogo com a comunidade de que os museus dispõem (Fernández, 1999: 10), assumindo a exposição um papel educativo e social mais ativo.

A necessidade de criar exposições cada vez mais atraentes e chamativas é impulsionada pela sociedade atual, na era da comunicação e da imagem. Neste momento o museu, e por sua vez, as exposições, são um instrumento essencial de educação e cultura, uma vez que expor é um ato de comunicar, criar e transmitir uma mensagem, que cada vez mais se assemelha a um espetáculo com cenografia própria, atores, adereços e público. É necessário, desde o momento em o espectador entra no recinto da exposição, que o espaço o envolva e proporcione momentos de prazer e deleite, para além de conhecimento acrescido.

Como podemos ver, a exposição é um conceito bastante amplo que engloba uma grande multiplicidade de expressões e variáveis e que, independentemente do seu significado, tem uma grande diversidade de tipos. Assim sendo, é necessário definir uma tipologia estruturada e bem delineada.

De forma generalista pode-se identificar quatro tipos de funções de uma exposição, que não são exclusivas ou incompatíveis entre si, podendo estar simultaneamente presentes numa exposição, sendo elas (Fernández, 1999: 18):

- Simbólicas, em que o objetivo é a glorificação religiosa e política, com destaque para o valor ostentoso dos objetos;
- Comerciais, com forte ligação à valorização de uma mercadoria através de uma mostra e demonstração dos seus mais recentes objetos;
- Documentais, em que a informação científica ou técnica dos objetos é o principal elemento da exposição, sendo a divulgação do conhecimento a sua função central, geralmente com recurso a textos, diagramas, gráficos e mapas de forma a fornecer explicações necessárias à sua interpretação. Nesta classificação enquadra-se o ecomuseu;
- Estéticas, cujo valor é inerente ao artista ou à qualidade estética dos objetos (Rico, 1999: 77);

Uma segunda categorização impõe-se na planificação de uma exposição, tendo como diretriz a participação do público, assim sendo consideremos as exposições:

- Passivas, onde o visitante é um mero espectador da exposição, podendo ver, observar e aprender;
- Interativas, quando o visitante é convidado a participar e a relacionar-se, de forma ativa, com a exposição e as suas representações;

As exposições também podem ser analisadas e classificadas segundo um critério espaço-temporal, podendo ser (Fernández, 1999: 19):

- Permanentes, geralmente é a exposição mais comum nos museus que inclui grande parte da sua coleção;
- Temporárias, ou seja, com uma duração limitada, tendo um objetivo mais concreto e circunstancial do que as permanentes;
- Itinerantes, que tal como as temporárias têm uma duração limitada, com a diferença de que se irão deslocar por diversos espaços;
- Portáteis, constituindo uma variante das exposições temporárias, assemelhando-se às itinerantes embora mais pequenas e de fácil instalação, transporte e montagem; entre as portáteis incluem-se as móveis, que diferem das anteriores pois podem ser montadas independentemente do espaço, uma vez que

são instaladas em meios de transporte (carros, comboios, autocarros, atrelados, entre outros);

Neste momento impõe-se também uma nova classificação, nomeadamente as exposições *on-line*, também conhecidas por exposições virtuais. Estas exposições têm o seu espaço no ciberespaço, sem representação física, a sua temporalidade é fugaz, podendo estar congelada indefinidamente a sua visualização, como também poderá estar a transformar-se sempre que um utilizador a visualiza; pode ainda estar aberta 24 horas por dia. Neste género de exposições há que ter em atenção que a sua visita, ou visualização, não é restrita a um grupo de pessoas, mas pode percorrer em breves segundos todo o mundo, desde que o seu visitante tenha acesso a um computador com ligação à *internet*.

Todas as exposições têm como objetivo máximo a sua conexão com os diversos públicos que a visitam, da forma mais direta e clara possível. Para tal o desenho da exposição está diretamente relacionado com a interpretação e a comunicação do espaço. O espaço de uma exposição deverá funcionar como um momento sensorial e de experiência, onde o visitante é convidado a ver os objetos expostos e em que, por breves momentos, é transportado para as suas construções mentais, transformando, ou adaptando a sua realidade aos conceitos apresentados na exposição.

Neste sentido, o espaço é um condicionante e definidor da experiência do visitante na exposição em que todos os elementos expostos aparecem interligados e delimitam o espaço. A organização espacial e as articulações de todos os componentes da exposição possibilitam ao visitante re/encontrar-se com os objetos e os lugares das diferentes facetas agregadas na sua memória. O público é o protagonista, todas as exposições desenvolvem-se à sua volta, o espetáculo desenrola-se no momento em que ele entra no espaço e está apto para participar, transformando-se numa experiência num determinado espaço físico e conceptual.

Como podemos verificar, o espaço é um dos elementos que definem uma exposição e dentro deste a circulação do visitante é um dos elos mais fortes e significativos da exposição e da sua conexão com o público. David Dean desenvolveu graficamente uma classificação tipológica dos modelos de circulação, baseada na circulação e movimento dos visitantes no espaço da exposição, apresentando três variáveis (Fernández, 1999: 49):

- Sugerida, na qual o visitante percorre a exposição seguindo um trajeto predefinido e bastante delimitado, como se existisse uma linha invisível;
- Não estruturada, na qual, em contraste com o circuito sugerido, o visitante circula livremente no espaço tendo constantemente de optar por uma direção e um trajeto;

- Estruturada, em que o trajeto funciona num meio-termo, entre a predefinição, que encaminha o visitante ao longo de toda a exposição, e a opção, pois o visitante tem a opção de circular livremente pelo espaço e de saltar zonas que não lhe sejam para ele relevantes;



I - Tipos de circulação: sugerida, não estruturada e estruturada (Fernández, 1999: 49).

No decorrer do trabalho foi necessário estudar alguns exemplos de museus ou exposições que funcionariam como ponto de partida para a abordagem a delinear para o projeto *SARDINHA*, os quais serão analisados no capítulo imediato. Porém é pertinente fazer neste momento um paralelismo entre os casos de estudo, o projeto *SARDINHA* e as tipologias apresentadas até o momento através do quadro que se segue.

exposição segundo:		Museu de Portimão	Museu Municipal de Espinho	<i>Musée Imaginaire de la Sardine</i>	<i>SARDINHA</i>
função	simbólicas				X
	comerciais			X	X
	documentais	X	X		X
	estéticas	X		X	X
participação do público	passivas	X			
	interativas		X	X	X
espácio-temporal	permanentes	X	X		
	temporárias				
	itinerantes				
	portáteis			X	X
	on-line				X
modelo de circulação	sugerida				X
	não estruturada			X	
	estruturada	X	X		

II - Quadro comparativos dos casos de estudo (museus e exposição) com o projeto SARDINHA segundo tipologias expositivas

III. ESTUDO DE CASOS

No desenvolvimento do projeto foi necessário estudar e analisar alguns casos, museus e exposições, que se distinguem na abordagem dada ao tema da sardinha. Nesta perspetiva destacam-se, a nível nacional, o Museu de Portimão, o Museu Municipal de Espinho e, a nível internacional, a exposição *Musée Imaginaire de la Sardine*.

III.1. MUSEU DE PORTIMÃO

O primeiro caso a ser estudado e analisado é o do Museu de Portimão, que surgiu na antiga fábrica de Conservas La Rose, uma fábrica de conservas de sardinha dos finais do século XIX, sendo este o principal motivo para a sua análise.



III - Museu de Portimão (site, Portimão, 2012)

A ideia do Museu de Portimão nasceu em 1983, quando a Câmara Municipal de Portimão manifestou o desejo de criar *um observatório permanente e uma estrutura de mediação cultural para investigar, conservar, interpretar, divulgar e valorizar os testemunhos materiais e imateriais mais relevantes, da história, do património, do território, da memória e da identidade da comunidade local e regional* (Gameiro, 2007: 150), de forma um pouco semelhante às intenções do desejado *Museu do Mar* em Matosinhos.

Passados treze anos, em 1996, começou a ganhar forma o museu, com a compra do complexo industrial de La Rose pela Câmara Municipal de Portimão de forma a prestar *homenagem a um povo e a um concelho que durante anos viveu quase exclusivamente virado para o mar* (site, Portimão, 2012). Para além do seu papel na valorização do património, da memória e da história, o museu tem como objetivo ser um centro cultural, onde o público poderia afluir tirando partido da sua localização ribeirinha. Em 2004, as obras na antiga fábrica de Conservas La Rose foram iniciadas com um programa museológico previamente delineado, que visava a reabilitação e construção do complexo de forma a haver um equilíbrio entre o velho e o novo, entre o passado e o futuro (site, Portimão, 2012).

O Museu de Portimão veio a ser inaugurado em maio de 2008, com uma coleção que contém acervo industrial, naval, arqueológico, etnográfico, iconográfico e subaquático.

O museu encontra-se focalizado numa grande exposição *Portimão - território e identidade*, que sintetiza, representa e interpreta a história de Portimão com destaque para a interação com a geografia que une comunidades com distâncias temporais milenares.

Por sua vez, esta exposição está subdividida em três percursos temáticos, sendo o primeiro *Origem e destino de uma comunidade*, onde é realçada a importância da ria de Alvor e do rio Arado como ponto de fixação e de desenvolvimento das primeiras sociedades locais, começando pelas pré-históricas e prosseguindo até às atuais, sem esquecer o seu importante papel como via de navegação. De forma sintetizada, o primeiro percurso funciona como um grande núcleo expositivo onde são realçados os momentos mais importantes da localidade, funcionando como uma espécie de bilhete de identidade da comunidade, marcada por sete momentos distintos: *Alcaldar a ocupação milenar de um território, A presença romana, A presença islâmica, Ria Arade, uma porta entre o Atlântico e o Mediterrâneo, Abate da*

madeira, Estaleiros de Portimão, Frutos secos e fumeiros, o mundo rural na viragem industrial e Manuel Teixeira Gomes - viajante, político e escritor (site, Portimão, 2012).

O segundo percurso do museu é *A vida industrial e o desafio do mar*, sendo este o que merece o maior destaque, uma vez que retrata a memória industrial conserveira de uma comunidade, com algumas semelhanças à de Matosinhos, e à importância da sardinha. Na exposição é realçada a importância dos homens e das mulheres no papel económico e de desenvolvimento da localidade, representada pelo seu labor na antiga fábrica de Conservas La Rose. Para tal, a exposição é marcada por cinco momentos, sendo o primeiro *Há peixe no cais! Há gente na lota! Quem dá mais?* onde é tirado partido do espaço pré-existente do antigo cais de Portimão para representar a chegada do peixe e a sua venda.

O segundo momento, *Entre apitos e sireias*, retrata a deslocação das mulheres para o trabalho, uma vez que só iam trabalhar quando ouviam o apito da fábrica, sinal de que havia peixe.

Posteriormente é apresentado *A casa do descabeço*, onde é retratado o coração da fábrica e todos os passos dos processos pelos quais a sardinha passa. Para tal colocaram as operárias, estátuas à escala 1:1, desenvolvendo as suas tarefas. No Museu de Portimão as pré-existências da antiga fábrica de Conservas La Rose foram, na sua maioria, preservadas, restauradas e conservadas, como é o caso de todos os mecanismos do sistema de lavagem, transporte e dos tanques de salmoura, uma vez que estes são um meio de comunicação, interpretação, representação e testemunho do passado. O museu leva o visitante a percorrer todos os processos pelos quais a sardinha passava - descabeço, engrelhamento, cozedura, seca - até ao seu enlatamento.

A viagem continua até às *Artes do cheiro, artes do vazio*, onde estão representadas as embalagens das conservas de sardinha, bem como a sua confeção, nas oficinas e litografia existentes dentro da fábrica, e o seu respetivo enchimento.



IV, V e VI - Exposição: *A vida industrial e o desafio do mar*, Museu de Portimão (site, Foto archaeology, 2012)

O segundo percurso termina com a *Promoção: de Portimão para o mundo*, onde foi recriado o espaço de uma antiga mercearia tradicional, para promoção das conservas. Ao longo de todo o percurso é de destacar os painéis fotográficos que ajudam a reforçar as vivências de cada espaço.

O último percurso apresentado pelo museu é o *Do fundo das águas*, onde é utilizada a antiga cisterna da La Rose como cenário das projeções da fauna e da flora subaquáticas do rio Arade e da orla costeira de Portimão.

Em suma, no Museu de Portimão é de destacar o uso inteligente das pré-existências da antiga fábrica de Conservas La Rose com maior destaque para *A casa do descabeço*, onde são revelados os usos originais dos espaços da fábrica, através da sua recuperação e das estátuas das mulheres, em posição de trabalho, envergando vestes da época, ao mesmo tempo com intervenções criativas e engenhosas, criando um grande espaço fortemente cenográfico. Desta forma, a união do velho com o novo cria um espaço híbrido onde o passado, presente e o futuro convivem em perfeita união.

O Museu de Portimão já é um dos mais premiados museus em Portugal. Apesar da sua curta existência, em 2009 recebeu o prémio *Turismo de Portugal*, em 2010 foi distinguido com o galardão de *Museu do Ano*, pelo Concelho Europeu e, já em 2011, venceu a primeira edição do DASA como o melhor na área dos museus ligados ao trabalho.

III.2. MUSEU MUNICIPAL DE ESPINHO

O segundo caso a ser estudado e analisado foi o do Museu Municipal de Espinho. Este museu, como o anterior, nasceu das fundações de uma antiga fábrica de conservas de sardinha, a Fábrica de Conservas Brandão Gomes, e por tal motivo é objeto de estudo.



VII - Museu Municipal de Espinho (site, Blog Museu Municipal de Espinho, 2012)

A Fábrica de Conservas Brandão Gomes foi fundada em 1894, pelos irmãos Brandão e Gomes, tendo como principal motor a sardinha em conserva de diferentes formatos e dimensões. Rapidamente alargaram os seus horizontes com a produção de conservas de outras variedades de alimentos, como é o caso de carne, aves, frutas e legumes, crescendo a tal ponto que, em 1895, foi nomeada *Real Fábrica de Conservas Alimentares* por D. Carlos. O rápido desenvolvimento da Fábrica e a excelência da sua qualidade fizeram com que rapidamente suplantasse as suas concorrentes nacionais e internacionais, ao ponto de ter representantes em quase todas as grandes cidades europeias e ser a maior fábrica de conservas da Península Ibérica da altura. Graças ao seu desenvolvimento, abriram novas fábricas em Matosinhos, em 1903, S. Jacinto, em 1910, e em Setúbal, em 1911.

A I Grande Guerra Mundial foi o *El Dorado* para a indústria conserveira portuguesa, e a Brandão Gomes não foi uma exceção, atingindo o seu apogeu nas duas primeiras décadas do século XX. Porém, em 1927, a fábrica declara falência e inicia o seu ciclo de declínio, iniciado com a venda das suas filiais e encerramento parcial da fábrica mãe. A II Grande Guerra Mundial deu um novo impulso à produção conserveira; no entanto, a obsolescência do equipamento da Brandão Gomes impediu a sua recuperação no mercado, acabando por ser vendida em 1965 à Fábrica Lopes da Cruz e C.^a de Matosinhos. Apesar do esforço da nova administração e dos trabalhadores a fábrica acaba por encerrar definitivamente em 1985 (*site*, Espinho, 2012).

Passado um ano, em 1986, a fábrica é posta à venda em haste pública, sendo comprada pela Câmara Municipal de Espinho.

Posteriormente ao encerramento da fábrica a zona envolvente entra em degradação, devido à falta de infraestruturas, de investimentos, de preocupações ambientais e habitacionais, tendo como espelho o próprio edifício da Brandão Gomes que se encontrava abandonado e em processo de rápida degradação.

Com o intuito de reabilitar a zona envolvente da fábrica a Câmara Municipal de Espinho vai dar início a um programa de reabilitação urbana, tendo como apogeu a recuperação da Fábrica de Conservas Brandão Gomes devido à sua importância na história e identidade de uma comunidade e ao seu valor arquitetónico.

Assim nasce o FACE, Fórum de Arte e Cultura de Espinho, no qual está inserido o Museu Municipal de Espinho, visando a regeneração da área envolvente, o desenvolvimento da orla marítima e a criação de um polo cultural, que veio a ser inaugurado em junho de 2009.

O Museu Municipal de Espinho surge com o objetivo de criar *um espaço dinâmico, de interação entre o passado e o presente, delimitado pelas fronteiras de uma comunidade que foi ao mesmo tempo piscatória e operária* (*site*, Espinho, 2012).

O museu conta com duas exposições principais permanentes, a primeira exposição é dedicada à fábrica de Conservas Brandão Gomes, onde é realçada a sua história, anteriormente descrita, e a sua importância no desenvolvimento de Espinho. A segunda área expositora é dedicada às Artes da Xávega, *sistema de pesca artesanal caracterizado por possuir um aparelho de arrasto* (*site*, Espinho, 2012).



VIII, IX e X - Exposição: Fábrica de Conservas Brandão Gomes, Museu Municipal de Espinho (site, Blog Museu Municipal de Espinho, 2012)

Para além das áreas expositivas permanentes, o museu conta com uma galeria de exposições temporárias de índole artística e documental. Este último espaço segue o conceito de *white cube*, com uma iluminação zenital, com poucos elementos decorativos e aberturas para o exterior. Em contraste, o espaço das exposições permanentes é uma adaptação das infraestruturas pré-existentes do edifício, dividido em duas grandes alas (exposição Conservas Brandão Gomes e das Artes da Xávega). Acede-se às exposições permanentes através de um grande átrio, onde é de realçar a importância dada à traça original do edifício (organização, elementos arquitetónicos e carris de ferro) de cariz industrial.

Por sua vez, as exposições seguem uma disposição linear, organizada em grandes *stands* em todo o comprimento da sala, sendo através destes que se desenrola a narrativa expositiva. Contudo, eles parecem não se enquadrar com o resto do edifício, ao contrário do que acontece no Museu de Portimão, aqui as intenções de perpetuar a história de um lugar e de uma comunidade estão um pouco aquém do esperado. O discurso expositivo tem algumas limitações, pois os objetos e a sua história encontram-se fechados em grandes aquários no museu, que podem estar montados na Antiga Fábrica de Conservas Brandão Gomes como em qualquer outro espaço do concelho.

III.3. MUSÉE IMAGINAIRE DE LA SARDINE

O terceiro e último caso de estudo a ser analisado, com intuito de perceber as múltiplas formas de abordar a temática da sardinha, trata-se da exposição *Musée Imaginaire de la Sardine*. Ao contrário dos casos anteriores, este não se trata de um museu, mas sim de uma exposição itinerante.

A exposição nasceu pelas mãos de Philippe Anginot, com o objetivo de mostrar a importância da sardinha no nosso universo mental.



XI - Cartaz do Musée imaginaire de la sardine (*Musée imaginaire de la sardine*, 2012)

A exposição começou a ganhar forma em 1990, aquando da Bienal de Jovens Artistas do Mediterrâneo, em Marselha, Philippe Anginot fundou a associação *Ichthys* destinada a promover e a valorizar a sardinha e o seu imaginário. Mas só em 1992 é que o *Musée Imaginaire de la Sardine* ganhou vida através da colaboração de vários artistas locais. A partir deste momento, a exposição continuou a crescer com várias doações, benfeitores e patrocínios.

A exposição foi construída em torno de uma coleção de mil latas de conservas de sardinha de todo o mundo, desde as suas origens até hoje, e é através delas e das suas ilustrações que é contada a história da sardinha, do mar, da pesca, dos portos, das fábricas, da gastronomia, do folclore e da publicidade. As latas de conserva e os seus cartazes são formas próprias de expressão cultural, sendo espelhos da evolução dos gostos de cada geração e das mudanças dos paradigmas e movimentos artísticos.

A exposição inicia-se com a apresentação da sardinha, que apareceu na Terra há quase 400 milhões de anos, a sua vida nas profundidades dos oceanos nos quatro cantos do mundo e a sua captura pelas redes dos pescadores. Posteriormente, são apresentadas as sardinhas em conserva, desde a sua invenção desta, utilizando garrafas pertencentes a Nicolas Appert, até à profusão a nível mundial e as suas múltiplas formas de preparação, terminando com a sardinha como modo de vida. Ao longo dos séculos a sardinha criou um folclore e simbolismo próprios, músicas, obras de arte e tradições populares.



XII, XIII e XIV - Exposição: Musée imaginaire de la sardine (Musée imaginaire de la sardine, 2012)

De todos os casos estudados este é o que mais se assemelha às pretensões e objetivos do nosso projeto, uma vez que a sardinha é o tema principal da exposição e tudo gira à sua volta e também porque se trata de uma exposição itinerante. Atualmente, parte da coleção e da exposição está patente no Museu da Fundação Nestlé em Vevey, na Suíça, configurando a exposição *l'Alimentarium* que estará montada até junho de 2013. Porém, esta exposição encontra-se um pouco caótica na sua organização e disposição, uma vez que os objetos se encontram muito próximos uns dos outros, de forma amontoada, sem dar espaço para a sua valorização individual, funcionando mais como um grande conjunto de objetos que só podem ser lidos e interpretados consoante os que o rodeiam. Contudo este tipo de exposição funciona bastante bem para os públicos infantil e adulto, que descobrem *a cada esquina* uma nova caixa, lata, sentindo-se como que estando dentro de um gabinete de curiosidades, em que cada passo é uma descoberta.

IV. PROJETO

Nos capítulos que se seguem serão exploradas as diversas etapas do desenvolvimento do projeto *SARDINHA* e a melhor forma de o fazer é estabelecer um plano estratégico, uma vez que a criação de uma exposição requer um planeamento pormenorizado e rigoroso. As várias etapas não são desenvolvidas separadamente, em momentos diferentes e contidos no espaço e tempo, uma vez que a projeção de uma exposição é um trabalho orgânico e que se encontra constantemente em metamorfose. Porém, é fundamental a divisão das múltiplas tarefas do projeto, de forma a ter uma abordagem sistemática e metódica que ajuda a solucionar, em qualquer fase, os problemas que vão aparecendo, tendo em conta o resultado final e o trabalho anteriormente efetuado. Para além de fornecer um *checkpoint* em cada fase que obriga à sua revisão e reflexão, visando melhorar o desenvolvimento das restantes e do produto final. Num projeto nenhuma etapa está completamente fechada e encerrada em si (Roldão, 2000).

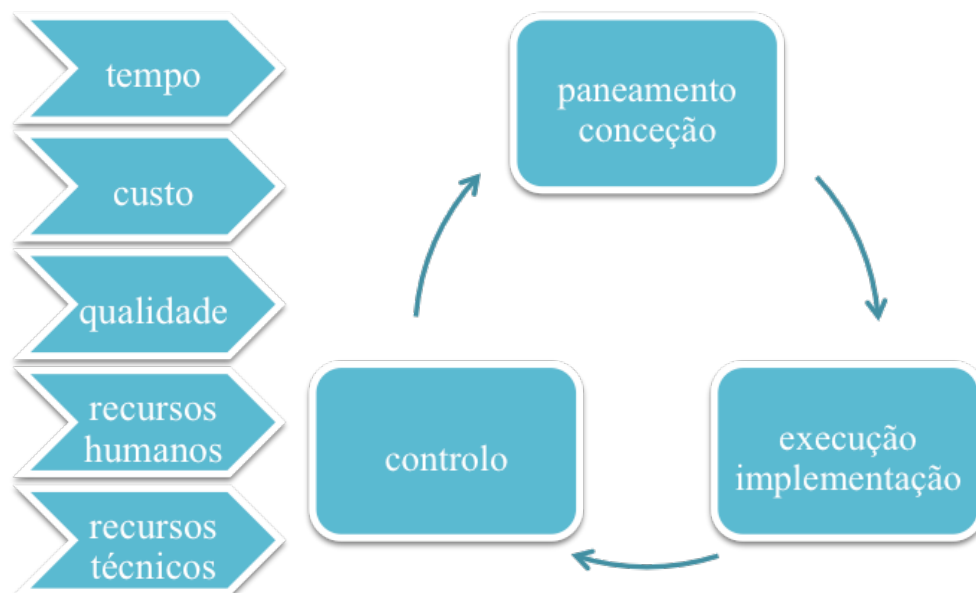
Projetar e programar uma exposição é uma tarefa complexa que poderá complicar-se se não usarmos ferramentas e modelos de gestão indicados. Para tal é necessário utilizar métodos de análise, avaliação e controlo para a gestão de uma exposição, principalmente se englobar um grande número de profissionais que necessitam de estar a par do desenvolvimento dos trabalhos, o que não aconteceu neste projeto, uma vez que foi desenvolvido integralmente por uma única pessoa.

Para que a gestão do projeto seja eficiente é imperativo criar um plano que funcione como orientação de todo o projeto, cujo processo inclui:

- Planeamento ou conceção - determinação dos objetivos do projeto de forma a delinear todos os recursos necessários (funcionais, técnicos e financeiros), e definição das estratégias a executar, sua planificação e produção;
- Execução ou implementação – montagem e instalação do idealizado na fase de conceção, tendo em atenção os recursos disponíveis;

- Controlo – realizado ao longo das duas anteriores fases, com o objetivo de avaliar a evolução do projeto e verificar se os resultados desejados estão a ser alcançados; caso tal não esteja a acontecer é necessário fazer ajustes no processo; nesse momento também se dá início à recolha de ideias a serem aproveitadas em projetos futuros;

Através da planificação de todo o projeto, da sua correta gestão e destes princípios é que se desenvolvem todos os trabalhos de gestão de projetos de forma a obter o resultado final pretendido dentro dos prazos e custos determinados e com a qualidade desejada. Porém todo projeto deverá ser flexível e dinâmico, uma vez que acontecem frequentemente alterações e imprevistos que inicialmente não tinham sido previstos (Roldão, 200: 5).



XV - Esquema do ciclo dinâmico da gestão de projetos

Dentro das várias ferramentas que são indispensáveis para o desenvolvimento de uma exposição, e projeto, é fundamental a utilização de uma rede ou gráfico de barras demonstrativo de todo o processo. Dentro dos principais métodos utilizados temos o *Programme Evaluation and Review Technique* (PERT), o *Critical Path Method* (CPM) e o Diagrama de Gantt (Roldão, 2000).

O PERT consiste num esquema em rede que divide um projeto em atividades, de forma a lidar com os problemas de incerteza, tornar visível os recursos necessários e estimar a duração total das atividades e do projeto. Para tal, utiliza valores médios na duração das

atividades, bem como o seu grau de interdependência de forma a dar visibilidade às atividades que procedem de outras ou ocorrem simultaneamente. Com o método PERT, pode-se controlar o tempo e os custos durante todas as fases do projeto, com a intenção de o reajustar e de fazer face às modificações, atrasos e imprevistos. O PERT é bastante útil na determinação do caminho crítico, que consiste na estimativa da duração da sequência de atividades que não podem sofrer atrasos; caso isso aconteça todo o projeto tem de ser reajustado. Para além disso, é indispensável para determinar as folgas e as atividades que ocorrem paralelamente. A utilização deste método permite melhorar a distribuição das tarefas e recursos, com intenção de não haver atrasos e a dirigir a atenção sobre as atividades críticas. A sua representação é feita sob a forma de um diagrama.

O CPM é semelhante ao PERT, no que diz respeito aos conceitos de planeamento em rede, caminho crítico, folgas, interdependências e sequências. Por outro lado, o CPM diferencia-se do anterior por ter sido concebido no sentido de solucionar problemas referentes à calendarização, uma vez que é determinista, não considera os tempos aleatórios na duração das atividades, enquanto o PERT é probabilístico e calcula-os. Assim sendo, o CPM é mais rigoroso no tempo, tornando-se um instrumento de planeamento com maior complexidade, sendo favorável a sua utilização na tomada de decisão em projetos complexos. Por outro lado, o CPM tem algumas desvantagens, uma vez que a sua construção é complexa, obriga à utilização de um computador para a elaboração de cálculo e a sua leitura é complicada e demorada.

De entre as redes ou gráficos de barras demonstrativos de todo o processo, o mais utilizado é o Diagrama de Gantt, normalmente designado por gráfico de barras, uma vez que é organizado por um sistema de eixos coordenados, o eixo das ordenadas é representativo das atividades e o das abcissas da sua duração. Assim sendo, para o seu desenvolvimento é necessário definir dois parâmetros; as atividades a desenvolver e as suas durações, normalmente em dias, semanas ou meses.

De entre os três métodos apresentados o Diagrama de Gantt revela-se o mais simples e claro, que no seu desenvolvimento, quer na leitura imediata, quer na rapidez de transformação, pois facilmente se acrescentam atividades, altera ou mesmo elimina a sua duração. As atividades são sequenciadas de forma lógica, o que impossibilita uma clara leitura das inter-relação e sequências das atividades.

Uma vez que este projeto foi desenvolvido por uma única pessoa, não era necessário estar constantemente a desenvolver ou a retificar o gráfico de barras demonstrativo de todo o

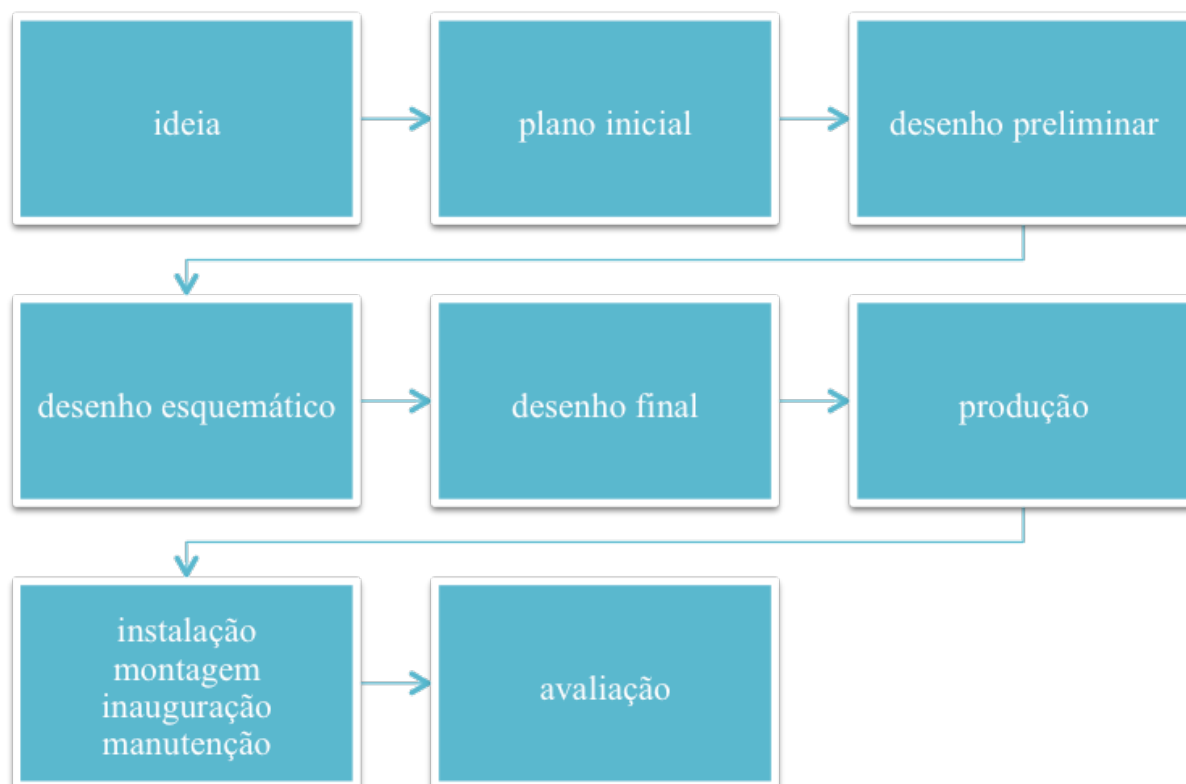
processo. Assim sendo, optou-se pelo Diagrama de Gantt, representativo das atividades e das suas durações. Para tal, o primeiro passo foi desenvolver a listagem das múltiplas atividades com a sua duração em meses, devido ao longo período do projeto, como se encontram representadas neste diagrama:

Tarefas	2011			2012								
	outubro	novembro	dezembro	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro
1												
2												
3												
4												
5												
6												
7												
8												
9												
10												
11												
12												
13												
14												
15												
16												
17												
18												
19												

XVI - Cronograma do projeto SARDINHA e enumeração das tarefas para a sua elaboração: 1.Estudo do objeto do projeto, sardinha; 2.Estudo de dispositivos expositivos; 3.Seleção da orientação da exposição; 4.Consulta do acervo dos museus; 5.Levantamentos/listagem de objetos do acervo dos museus e obras externas a integrarem a exposição; 6.Proposta do guião para a exposição; 7.Levantamento do espaço expositivo (dimensões e condições de monitorização); 8.Lista das peças a solicitar por empréstimo ou a adquirir; 9.Pré guião para a exposição; 10.Levantamento do orçamento necessário para a montagem da exposição; 11.Elaboração do guião da exposição; 12.Planeamento de atividades a desenvolver no momento de inauguração e ao longo da exposição; 13.Elaboração da planta da exposição; 14.Aquisição de material e suportes necessários para a exposição; 15.Montagem da exposição (peças, legendas e textos, conteúdo, suportes); 16.Inauguração; 17.Entrega da 1.ª versão do relatório do projeto; 18.Revisão do relatório do projeto; 19.Entrega do relatório do projeto;

A listagem das atividades foi desenvolvida aquando da apresentação da proposta de projeto no início do ano letivo de 2011. Como se pode verificar, trata-se de uma enumeração bastante abrangente, mas que será drasticamente alterada posteriormente na vez que a criação de uma exposição é uma atividade orgânica e cheia de imprevistos, tendo como únicas constantes o início e o fim da sua execução e os objetivos traçados inicialmente.

Os próximos capítulos debruçar-se-ão sobre o desenvolvimento do projeto e das suas diversas fases, que se encontram divididas de uma forma bastante linear e simples, que se podem representar sob a forma de um esquema linear com os principais momentos da projeção de uma exposição.



XVII - Esquema dos principais momentos da projeção de uma exposição

V. IDEIA

A primeira fase do projeto é a ideia, sendo esta anterior ao próprio projeto uma vez que lhe dá origem e nela residem os motivos pelos quais o projeto se vai desenvolver. Deverá funcionar como uma âncora, quando surgir algum problema nas etapas seguintes, de forma a não se perder o ponto de partida e a meta desejada a alcançar. Desta forma, na ideia deverá incluir-se o título do projeto e a sua natureza (funções, características e objetivos).

Segundo as classificações espaço-temporais inicialmente enumeradas, o presente projeto é uma exposição portátil, uma vez que tem uma duração limitada e curta no tempo, e se deslocará por diversos espaços (museus, galerias, escolas, juntas de freguesia, átrios de instituições, entre outros), que na sua maioria não estarão preparados para receber uma exposição. Por tal motivo terá de ser relativamente pequena, de fácil instalação, transporte e montagem.

A exposição também pode ser classificada segundo as suas funções, anteriormente listadas, das quais se destaca a simbólica (glorificação de um animal que fez florescer e crescer a cidade de Matosinhos), documental (recolha mostra e divulgação do conhecimento que os múltiplos universos e influências da sardinha encerra) e estética (valorização de várias expressões artísticas e exploração das suas relações).

Este projeto desenvolve numa exposição intitulada *SARDINHA* com o objetivo de mostrar a sardinha como elemento identitário de uma região, do seu povo e do seu rico imaginário, uma vez que a sardinha foi, e ainda é, o motor de desenvolvimento de Matosinhos. A exposição mostra o percurso da sardinha das profundezas dos oceanos até à mesa portuguesa, passando pelas redes dos pescadores, venda e a transformação pela indústria conserveira. Na exposição dever-se-á encontrar fotografias de arquivo e contemporâneas, objetos de *design* e de artesanato, filmes, ilustrações e imagens afins de obras dos grandes mestres de Matosinhos. De forma a complementar o imaginário em torno da sardinha e da sua influência nas produções artísticas, a exposição deverá abarcar temas artísticos, históricos e etnográficos, procurando perpetuar e homenagear a importância e a memória deste singular peixe que fez florescer Matosinhos e, simultaneamente, cativar uma grande multiplicidade de públicos e audiências para a exposição.

VI. PLANO INICIAL

Posteriormente à definição da ideia deu-se início a um plano inicial para a exposição. Este aborda o estudo do tema a expor, os acervos e objetos que poderão ser usados, o espaço disponível para a exposição e a sua duração. Tendo sempre como diretriz que uma exposição é sobretudo comunicação e todas as tomadas de decisão têm consequências no resultado final do projeto.

Assim sendo, o primeiro passo é o estudo do tema, a sardinha, e a compilação de informação que será indispensável nas fases seguintes do projeto e a partir do qual se vai poder fundamentar toda a linha de ação da exposição e desenvolver o plano estratégico da abordagem a tomar. Uma pesquisa rigorosa torna-se meio caminho andado para a projeção e montagem da exposição, assim sendo mais de metade do tempo disponível para a realização deste projeto concentrou-se nesta fase inicial, ao contrário do que estava inicialmente planeado.

Tratando-se de um tema bastante abrangente que não se encontra delimitado no espaço e tempo e que aborda uma grande gama de áreas e assuntos, foi necessário fazer uma pesquisa rigorosa, tendo como base fontes documentais (livros, revistas, imprensa), fotografias, bases de dados e obras de arte e complementando com informação disponível na *internet*, tendo sempre em atenção a sua credibilidade e segurança.

Através desta pesquisa foi possível desenvolver as linhas de orientação da narrativa expositiva, temas e abordagens. Podendo identificar de imediato uma linha expositiva marcada por cinco temas principais: *sardinha pilchardus*, pesca, lota/venda, conservas, mesa/saúde.

VI.5. SARDINHA

SARDINA PILCHARDUS

Segundo a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira entende-se por sardinha, entre outras definições, o *nome vulgar dos peixes malacopterígi*os (*Clupeiformes*) da família *clupeídeos* (na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Sardinha, 1960: 725).

O termo sardinha é utilizado para descrever vários tipos de pequenos peixes oleosos, da família dos *clupeídeos*. Assim sendo, o termo não é muito preciso, uma vez que dependendo da região poderá referir-se a uma grande variedade de espécies de peixes. O mesmo nome é dado a vários peixes de outras famílias, de aspeto exterior semelhante, dos quais se destacam cinco grandes géneros, a *brevoortia tyrannus*, *clupea harengus*, *clupea pallasii* e a *sardina pilchardus*, sendo esta última a sardinha que corresponde à sardinha europeia pescada no litoral português.

Acredita-se que a origem do nome sardinha remonta a tempos passados, quando havia em grande número este tipo de peixe nas imediações da ilha da Sardenha, no Mediterrâneo.

O registo mais antigo da existência da espécie sardinha, encontrado sob a forma de fóssil, corresponde ao período do Eoceno, 55 a 36 milhões de anos atrás.

A sardinha é caracterizada por ser um peixe pequeno, de corpo alongado, que pode atingir até 15 a 16 cm de comprimento. Possui apenas uma barbatana dorsal sem espinhos, caudal bifurcada e boca sem dentes e de maxila curta. As suas escamas são grandes, facilmente caducas e cicloides. Na água a sua cor é esverdeada clara, mas, após a sua captura, perde muitas escamas nas redes e a cor muda para azul-escuro metálico no dorso e prateada nos flancos e ventre. Vive no máximo até quatro anos.

O ciclo de vida da sardinha inicia-se com a postura que ocorre no mar alto ao anoitecer, onde todas as fêmeas libertam, quase simultaneamente, à volta de 50.000 a 60.000 ovos durante cerca de quatro a cinco horas, que posteriormente são fecundados pelos machos. Ao fim de dois a quatro dias as larvas nascem, medindo quatro mm de comprimento. Do estágio larvar até a idade adulta a sardinha leva, em média, 45 dias, sendo durante este período proibida a sua captura. Após a desova as sardinhas adultas regressam à nossa costa à procura de alimento. A sardinha atinge a sua maturação sexual no seu terceiro ano de vida. Alimenta-se, quando pequena, de fitoplâncton e de microrganismos (zooplâncton), quando atinge a idade adulta.

Geralmente viaja em grupo formando grandes cardumes com milhares de indivíduos que percorrem a costa atlântica entre França e Marrocos. É um animal pelágico, uma vez que tanto nada na orla costeira como também poderá frequentar águas mais profundas e frias.

Tem como predadores naturais várias espécies de peixes, aves marinhas e mamíferos, mas a sua maior ameaça é a pesca predatória, que nos últimos anos se tem intensificado devido à sua crescente procura no mercado, à poluição e à destruição do habitat. Levantando preocupações relativas à sustentabilidade dos oceanos, uma vez, que o numero de capturas da sardinha na costa portuguesa tem diminuído drasticamente de ano para ano. Podendo neste momento estar a suceder-se o mesmo que em tempos aconteceu na costa Bretã (século XIX) e na costa Oeste dos Estados Unidos da América (século XX) onde a sardinha desapareceu, possivelmente à procura de paragens mais favoráveis.

PESCA DA SARDINHA

A pesca da sardinha no Norte de Portugal é efetuada através do uso de traineiras, grandes e pequenas, e do processo do cerco americano. O uso preferencial da traineira no Norte do país deve-se ao facto do mar ser mais duro e irreverente nesta zona. Para fazer frente às provações da faina, a traineira adotou o uso de redes mais curtas, logo o seu manuseamento mais fácil.

Antes do uso das traineiras e do método do cerco os pescadores usavam as lanchas poveiras, as bateira e a arte Xávega na pesca da sardinha. A arte Xávega é uma espécie de pesca de arrasto, com a diferença de que o barco sai de terra deixando uma corda, que está sempre ligada a este, dando a volta a mais de 500 metros de distância da costa este deixa a rede que depois é arrastada até á praia, onde é puxada por bois, mais recentemente utilizam-se os tratores, capturando todo o tipo de peixes que encontrava pelo caminho. Tratando-se de um método única em tudo o mundo, onde os bois lavram o mar.

Em relação às embarcações utilizadas na captura da sardinha temos em primeiro lugar a lancha poveira que, tratando-se de um barco de boca aberta, não tinha convés nem qualquer tipo de cobertura. A propulsão do barco era obtida graças à força braçal dada pelos doze remos que a configuram, e dos ventos, através da sua vela triangular. Este tipo de embarcação

tinha uma tripulação de 20 a 30 homens. Porém a lancha poveira deixou de existir na década de 50.

Posteriormente ao uso da lancha poveira utilizou-se a bateira, que possibilitava navegar em mares bravos onde outros tipos de embarcações não conseguiam. A bateira tem as suas origens nas embarcações dos conquistadores normandos, os Vikings. É caracterizada por ter um fundo liso, que possibilitava o seu transporte para terra, e um perfil luniforme, arcados em meia lua, de forma a fazer frente à rebentação das ondas com lugar para quatro remos, cada um com oito homens, e uma vela. No entanto, este tipo de embarcações requeria muito esforço da sua companhia, uma vez que a tripulação ora estava a remar ou a deitar e a puxar as redes da água, o que levou à sua extinção.

Mais recentemente, nos inícios do século XX, surgem as traineiras a fogo, descendentes das canoas baleeiras. As traineiras a fogo moviam-se graças à sua caldeira alimentada a carvão e tinham uma companhia de 50 homens, empregando milhares de famílias na época dourada da pesca da sardinha. Posteriormente a traineira a fogo dá lugar à traineira a motor a petróleo, na década de 30. Com a utilização de equipamento mais mecânico e motorizado o número de efetivos da companhia reduz drasticamente. O surgimento da traineira a motor coincidiu com a afirmação de Matosinhos como o maior porto sardineiro do Mundo.

A pesca da sardinha representa, atualmente, uma parte importante do total de descargas de peixe nas docas, uma vez que constitui, em média, 2/3 do peso total da pesca e 3/4 do valor. Sendo de apontar que o porto de Leixões, Matosinhos, é o que possui o maior número de sardinhas capturadas (na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Sardinha, 1960: 723). A nível mundial a sardinha representa quase 1/3 de toda a produção mundial de pescado.

A pesca da sardinha é feita principalmente à noite, altura em que ela se aproxima da superfície para se alimentar de plâncton. As traineiras saem para a pesca ao escurecer e voltam na madrugada do dia imediato. No mar a tripulação da traineira, com um total de doze homens, usa a observação para encontrar os cardumes, uma vez que durante a noite eles formam sobre a superfície da água manchas características denominadas de cabrilho (carneirada das ondas). Para além do cabrilho os pescadores também se servem dos mascatos (ave que assinala a presença do cardume) e de sondas para localizar os cardumes, depois de saber a sua localização dá-se início ao cerco do cardume e ao largar das redes borda fora, com o auxílio da chalandra (pequena embarcação), até elas estarem completamente submersas. Na sua maioria a rede utilizada é de fio de linho tingido com casca de salgueiro. Na pesca da sardinha a rede empregada chama-se

rede flutuante, de superfície ou de sardinheira. Esta rede tem o comprimento de 66 a 110 metros e uma altura de 300 a 400 malhas, tendo bóias na zona superior e pesos na inferior. Posteriormente ao cerco estar completo e o lanço vedado, a rede começa a ser puxada recheada de sardinhas (Marçal, 1988: 4-5). Com a técnica do cerco as redes podem apanhar peixes de diferentes tamanhos e espécies que não são o alvo da pescaria e que estejam no meio do cardume. Depois de içar as redes a sardinha é amontoada na traineira e as redes são preparadas para serem novamente lançadas, caso se aviste um novo cardume.

Por voltas das seis, oito horas da madrugada as traineiras regressam ao Porto de Leixões, com a sardinha quase viva.

A pesca reduz-se ao mínimo nos meses de março e abril, época do ano conhecida por *entre duas safras*, atingindo o máximo de captura nos meses de setembro a dezembro. Assim sendo, a pesca da sardinha é um trabalho sazonal, uma vez que, dependendo do ano, pode estar parada mais de quatro meses, devido ao humor do tempo e do mar e à má qualidade do peixe (Galego, 2004: 264).

A sardinha portuguesa é a única espécie de peixe, em toda a Península Ibérica, a obter a certificação de qualidade e o rótulo da *Marine Stewardship Concil*¹.

MATOSINHOS E A SARDINHA

Os Leixões, conjunto de afloramento rochoso em forma circular que se erguiam face à foz do Leça, formaram, durante séculos, um ponto de abrigo natural para as embarcações que corriam a zona da foz do rio Leça e do Oceano Atlântico. Formando um porto seguro na zona que era conhecida como a trágica Costa Negra, que deve o seu nome à orla traiçoeira com formações rochosas, nevoeiros enganadores e mar agressivo, formando o cenário trágico de constantes naufrágios.

Podemos ver a raiz da tradição piscatória da zona de Matosinhos no antigo povoado do Castro de Guifões, o qual se localiza no Monte Castelo, na margem esquerda do Rio Leça, que tem a sua origem no 1.º milénio A.C., período da Idade do Ferro, e é ocupado durante a romanização. Os materiais arqueológicos indicam que o seu povoado conhecia a

¹ Organização sem fins lucrativos que tem como missão a certificação da pesca sustentável, de forma a reconhecer e premiar as boas práticas de pesca, com o intuito de influenciar as escolhas dos consumidores quando compram produtos do mar (*site*, Marine Stewardship Concil, 2012).

rede de pesca e tinham embarcações capazes de fazer frente ao Oceano Atlântico até a costa da Irlanda, no Mar do Norte.

Em 1258, as gentes de Matosinhos e Leça foram descritas como sendo *rudes habitantes que pescavam à rede e tinham embarcações em que iam pelo menos até à foz do Cávado* (Galego, 2004: 59), sendo uma população pequena com cerca de 150 habitantes, lavradores, pescadores e salineiros.

No ano de 1387, durante o reinado de D. João I, a pesca da sardinha foi protegida por carta que permitia aos pescadores da zona do Porto pescarem nas águas de Lisboa e Setúbal.

No século XIII, Matosinhos servia com porto de abrigo para caravelas, pinaças e saveiros que descarregavam *baleias, golfinhos, orcas e toninhas, além de outro pescado* (Fangueiro, 1988: 11).

Um dos registos mais antigos referente a Leixões como porto de pesca surge no período do governo Filipino que, em 1621, levou a cabo o estudo de todos os portos da Península Ibérica, onde são registadas as suas características e onde é realçada a importância dos Leixões e das zonas de desembarque. As características únicas da zona são lembradas, em 1673, pelo Cosmógrafo-Mor Luís Serrão Pimentel e, em 1746, pelo Cosmógrafo-Mor Manoel Pimentel (Galego, 2004: 12).

No século XIX vai-se dar em Matosinhos a maior construção de engenharia, no panorama nacional, o Porto de Leixões (Galego, 2004: 3). Em 1852 (após o naufrágio do vapor Porto onde morreram 66 pessoas pertencentes à alta burguesia da cidade do Porto), foi montada uma comissão, a mando da Rainha D. Maria II, para dar início a um estudo sobre a possibilidade de construção de um porto de abrigo na zona dos Leixões como porto temporário e de auxílio aos barcos que se dirigiam para o Porto (Galego, 2004: 14). Passados 32 anos, em 1884, foi fixada a primeira pedra que daria origem ao Porto de Leixões. Porém a construção do Porto de Leixões nada teve a ver com o desenvolvimento da indústria piscatória da zona, mas sim aos avultados prejuízos que os comerciantes do Porto tinham aquando do fecho ao trânsito dos navios mercantes da traiçoeira barra do Douro que poderia por vezes levar meses (Galego, 2004, 17). Em 1892, a 27 de fevereiro, a tragédia volta a abater-se sobre os pescadores quando lanchas da Póvoa, Afurada e Matosinhos são apanhadas por um forte temporal que acabou por ceifar a vida a 105 pescadores.

Com a criação do Porto de Leixões a zona envolvente foi alvo de um rápido desenvolvimento, atraindo em grande escala pescadores de outras zonas. Como podemos

comprovar pelos números apresentados no Guia de Leilões de 1934, que dá conta da existência de 67 embarcações em 1883 e, passados dez anos, em 1893, já existiam 280 embarcações dedicadas exclusivamente às atividades piscatórias (Galego, 2004: 18).

Apesar da construção do porto artificial de abrigo, em 1895, a descarga da pescaria tinha de ser feita através do esforço braçal e animal, inicialmente a sardinha era transbordada dos barcos para as chalandras, as quais traziam a sardinha e o resto dos peixes até a areia, *a praia*. A sardinha era trazida para a praia através dos cabazes transportados num bordão aos ombros de dois homens. A lota inicialmente era no meio da areia sinalizada unicamente com bandeiras (Galego, 2004: 18). Mal a sardinha chegava à praia era logo cercada pela população que examinava a sua qualidade através da apalpação e dava-se início ao leilão.

O árduo labor só veio a ser um pouco aliviado em 1924 com a construção da rampa-lingueta, rampa destinada à descarga do pescado na praia, todavia o esforço na descarga do peixe ainda era colossal. No cimo da rampa encontrava-se a lota, onde era vendido o peixe. Mesmo com a construção da rampa a descarga ainda era um esforço espinhoso e pesado, uma vez que ainda era necessário fazer as descargas da pescaria das traineiras, ancoradas no ancoradouro, para as bateiras ou chalandras que eram carregadas de cabazes, que por sua vez eram puxadas pelos pescadores ou por bois para terra pela rampa onde se procedia à sua descarga. Tinham de repetir o mesmo trabalho enquanto houvesse peixe nas traineiras.

O naufrágio de dois de dezembro de 1947, onde faleceram 152 pessoas, vai dar um novo impulso para a melhoria do porto, de forma a torná-lo mais seguro e a melhorar o trabalho da descarga e transporte do peixe (Galego, 2004: 156). No entanto o início das obras para a construção dos cais acostáveis para as traineiras, compostos por três *pontes-cais*, deu-se só em 1964 e as obras foram completadas em 1966, a importância das *pontes-cais* era tal que na sua inauguração foi usada a expressão *fim da escravatura* (Galego, 2004: 318-319). Esta obra no porto permitia a descarga simultânea de 72 traineiras, dando assim origem às condições para surgir a maior frota pesqueira do país (Pacheco, 1986: 113).

Após a construção das três *pontes-cais*, tal como acontece atualmente, a descarga é feita depois das traineiras estarem ancoradas com recurso a guindastes. Depois da safra do dia estar no cais, a tripulação começa a separar a sardinha da cavala e do chicharro para os cabazes que, aquando cheios, são encaminhados para a lota. Dentro da lota o peixe começa a ser pregado pela leiloeira com o fim de obter o melhor preço, que varia consoante a

qualidade da sardinha e a escassez ou abundância da mesma. Atualmente a sardinha representa cerca de 45% dos desembarques em peso efetuados na lota de Matosinhos. Em 2010 foram capturadas 60.000 toneladas de sardinha em Portugal.

Da pesca da sardinha vivem muitas pessoas, direta ou indiretamente: *pescadores e famílias, motoristas e ajudantes, armadores, empregados das empresas de pesca; também pessoas ligadas às fábricas de conservas e armazéns de peixe; as carpintarias navais, as serralharias, as fabricas de redes, as casas de oleados; estabelecimentos comerciais diversos, até a Câmara Municipal de Matosinhos, que recebia diretamente um imposto sobre a venda do pescado!* (site, Matosinhos, 2012).

A sardinha tem diferentes destinos, sendo utilizada como isco, peixe fresco, conservado através do método de seca, salga ou defumação e ainda através da indústria conserveira. A sardinha também é utilizada na indústria de transformação, através da sua redução em farinha de peixe (ração animal) ou de óleo (fabrico de tintas, vernizes e linóleo).

Da pesca da sardinha (em Matosinhos) (...) chegaram a depender centenas de famílias, armadores, pescadores, fabricantes, empresas de serralharias, litografia, comerciantes, consumidores, em suma milhares e milhares de pessoas (Tato, 2008: 330).

CONSERVAS DE SARDINHA

Desde os tempos mais remotos que o homem tem necessidade de conservar os alimentos de forma a fazer frente à fome em períodos de escassez e à necessidade de transportar os alimentos nas suas deslocções (na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Sardinha, 1960: 719).

A Sardinha é certamente o mais abundante (produto da pescaria nacional), o mais rico, e o mais precioso: desgraçadamente ela não é aproveitada com todas as utilidades, que oferecem, perdendo-se nas praias uma parte considerável desta (...) por não ser convenientemente preparada (Fearing, 1804: 3).

Os processos mais antigos de conservar os alimentos são os da salga e da fumagem, a que se seguiu o uso da conserva em recipientes e mais recentemente a sua congelação.

O processo de salga do peixe (de várias espécies das quais se destaca a sardinha) já é conhecido em Portugal desde a ocupação fenícia e mais tarde dos Lusitanos, durante o

período de ocupação romana, exportam o peixe para Itália, Inglaterra e África (na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Sardinha, 1960: 719-720).

A salga da sardinha esteve sempre presente ao longo da história de Portugal, sendo o processo mais tradicional e antigo de conservar sardinhas. Vai ganhar um novo impulso, no final do século XIX, quando indústrias espanholas e italianas se instalam em Portugal graças à abundância de sardinha da sua costa, atingindo o auge em 1922 com o total de 150 fábricas (na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Sardinha, 1960: 720-721). Graças às salinas marinhas presentes em Matosinhos, atualmente desaparecidas, e à sardinha, a salga de forma artesanal já vem de tempos imemoriais, como meio de combater a escassez de sardinha durante algumas épocas do ano. Mais recentemente, durante os séculos XIX e XX, a indústria de salmoura instala-se em Matosinhos, atingindo o seu apogeu durante a I Guerra Mundial (Tate, 2008: 230-231).

O registo mais antigo encontrado em Portugal sobre o processo de fumagem da sardinha remonta a alguns Forais Manuelinos, onde é destacada a produção da zona de Setúbal. Até o século XIX a fumagem é feita ao ar livre e em vasos abertos, obtendo um produto muito mais valorizado do que a sardinha não fumada (na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Sardinha, 1960: 720).

Podemos traçar a origem das conservas em vinagre desde a Grécia Antiga, onde fritavam *os peixes em óleo com louro e outras especiarias, conservando-os depois em vinagre* (Tato, 2008: 15), técnica posteriormente usada pelos Romanos e que até 1938 era utilizada pelos italianos, espanhóis e portugueses (Tato, 2008: 15).

No início do século XIX, em 1809, o francês Nicolas Appert descobre um novo método de conservar a sardinha, que consistia em depositá-las nuns recipientes hermeticamente fechados e esterilizados através da ação do calor, dando início à indústria conserveira tal como a conhecemos atualmente (na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Sardinha, 1960: 720). Até ao momento eram utilizados frascos de vidro na conserva dos alimentos, o que tornava o seu transporte bastante delicado, sendo só em 1823 patenteado, em Inglaterra, o uso de latas de metal como recipiente, estas eram muito mais baratas e rápidas de se fazerem e mais fácil o seu transporte, pelo inglês Peter Durand (Tato, 2008: 18). Em 1825 procede-se com os primeiros estudos da utilização de recipientes hermeticamente fechados com as sardinhas embebidas em azeite (na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Sardinha, 1960: 720).

Inicialmente a *indústria* conserveira era muito lenta e trabalhosa, o que encarecia bastante o produto final. Deste modo, as conservas eram um símbolo de *status* da classe média, das famílias mais abastadas, ou dos militares em combate.

Só passados 45 anos, da utilização do método de Nicolas Appert em França, ele é importado para a indústria portuguesa, mais propriamente para Setúbal, no ano de 1854. Nos anos 80, do século XIX, a indústria conserveira portuguesa teve um rápido desenvolvimento, logo de início, graças à crise de pesca que se abateu sobre a França. Em 1884 existiam em Portugal 18 fábricas conserveiras de peixe, aumentando em apenas dois anos o seu número para 66. Para além das crises de pesca em França, de 1880 a 1887 e de 1902 a 1908, a indústria conserveira teve um novo incremento, aquando das guerras do século XIX, com principal desenvolvimento durante a I Guerra Mundial, de 1914 a 1918, e a II Guerra Mundial, de 1939 a 1945. A demanda da procura das conservas, principalmente das de sardinha, durante as guerras, deve-se às suas qualidades nutritivas, alto teor de calorias e ao seu fácil transporte e ainda à capacidade de se manterem em bom estado, independentemente das condições das trincheiras.

Em 1899 instala-se em Matosinhos a sua primeira fábrica de conservas, a Lopes, Coelho Dias & C.^a L.^a, que produzia conservas de sardinhas em azeite. Graças à abundância de matéria prima, a sardinha, e das salinas do concelho a indústria conserveira pode instalar-se em Matosinhos e prosperar (Tato, 2008: 226).

O auge das indústrias conserveiras em Portugal foi atingido em 1924 com o total de 400 fábricas, suplantando rapidamente todos os países europeus. As conservas de sardinhas portuguesas eram, e são, reconhecidas pela qualidade da sua matéria-prima e dos seus tipos de conserva, em azeite e em molho. A fama das conservas de sardinha portuguesa deve-se também aos grandes progressos nas técnicas industrial dos meios de conservação e da pesca (na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Sardinha, 1960: 721).

Os anos 30 foram uma época negra para a indústria conserveira, a maioria das empresas estavam endividadas e mal equipadas. Porém, a explosão da II Guerra Mundial, 1939 a 1945, deu um novo impulso à indústria conserveira portuguesa, uma vez que as suas concorrentes no resto da Europa tinham a sua produção paralisada e Portugal gozava o estatuto de neutralidade. Com o resto da Europa imersa no caos a indústria conserveira portuguesa gozava de uma localização estratégica para a sua distribuição pelos vários mercados do

mundo e de um bom *stock* de reserva (Tato, 2008: 19). Para além de serem facilmente transportadas as conservas, em especial as de sardinha, continham alto teor nutritivo necessário aos soldados que se encontravam nas frentes de guerra.

As décadas seguintes vieram marcar o início da decadência da indústria, quer seja por motivos de escassez da sardinha, que procuraram outras paragens com maior abundância de plâncton e águas mais quentes, quer pelo uso abusivo dos arrastões e de redes com malha pequenas, quer devido a uma indústria com maquinaria obsoleta ou ainda pelo aumento da concorrência por parte da indústria espanhola (mais desenvolvida) e marroquina (mão de obra mais barata). Por tais motivos a indústria conserveira de Matosinhos entrou em declínio (Tato, 2008: 226-229).

No apogeu da indústria conserveira Matosinhos tinha mais de 50 fábricas dedicadas à conserva da sardinha: A Boa Nova, A Independência, A Padroense, A Universal, A Activa, Adão Polónia, Aguiar, Algarve Exportador, António Luças & Filhos, Aviz, Botelhos, Brandão, Conservas Alva, Conservas Portugal Norte, Conserveira Portuguesa, Continental, Dias, Dragão, E.F.E.L., Estrela do Sul, Facole, Garantia, Gargalo, Guedes, Idamar, Interpesca, Joana D'Arc, Júdice Fialho, La Gondola, Lage, Litoral, Lopes, Marques, Nero, Nun'Álvares, Oceano, Padrão, Paramos, Pátria, Pinhais, Prado, Rainha do Sado, Ramirez, Record, S. José, Sagrada Família, Sardinal, Selene, SICMA, Unitas, Varina e Vasco da Gama, das quais apenas quatro ainda se encontram em labor em Matosinhos, nomeadamente Conservas Portugal Norte, Pinhais, Ramirez e La Gondola. Porém, apesar do reduzido número de fábricas de conserva atualmente, estas produzem em maior quantidade que todas as 50 fábricas juntas produziam nos tempos áureos da indústria conserveira em Matosinhos.

De forma bastante simplista o processo de conserva da sardinha iniciava-se na lota, onde as fábricas conserveiras compravam a matéria-prima necessária para o seu trabalho. Com as sardinhas dentro da fábrica dava-se início à operação do descabeço ou corte, que consiste em tirar a cabeça e as vísceras das sardinhas. O descabeço era feito por operárias que, na sua maioria, eram mulheres e filhas de pescadores. Após o descabeço a sardinha era encaminhada para grandes tanques cheios de água e sal, salmoura, com 25% de salinidade, onde era mergulhada, a fim de lhe ser retirado o sangue e apurar o paladar. Depois do banho a sardinha era engrelhada, isto é, colocada em grelhas sem haver contacto entre elas, daqui seguindo para a cozedura em vapor. Posteriormente a esta fase, a sardinha arrefecia até atingir a temperatura ambiente, sendo de seguida cortada ao tamanho da caixa e colocada no

respetivo recipiente, enchido com vários tipos de molhos, como óleo, azeite, tomate, pimenta ou mostarda, podendo ser ainda condimentado com limão, *pickles*, malaguetas e especiarias. Para além dos vários tipos de molhos, na altura da preparação da sardinha, podia ainda escolher-se se a sardinha seria normal, sem espinha, sem pele ou sem pele nem espinha. Os desperdícios do descabeço e do corte, para caber nas latas, eram encaminhados para adubar as terras dos agricultores da zona ou seguia para a fábrica da farinha.

O processo atual da conserva da sardinha é bastante semelhante ao utilizado antigamente, com a diferença da sua mecanização (algumas fábricas ainda preferem o processo manual) e de um maior rigor na segurança e na higiene.

A conserva da sardinha era um trabalho sazonal, o que obrigava os trabalhadores a passarem dias sem trabalhar ou, pelo contrário, a fazerem trabalho extraordinário, devido, por vezes, à quantidade excessiva de sardinha, como é o caso descrito no jornal *O monitor*, de 21 de abril de 1903, *No passado domingo foi tal a quantidade (de sardinha) que trouxe uma grata consolação aos mais apreensivos. Só a Real Fábrica de Conservas - Lopes, Coelho Dias & C.^a adquiriu cerca de 1.200 milheiros, tendo de trabalhar no seu preparo extraordinariamente no domingo até à meia-noite e segunda-feira até à mesma hora* (Galego, 2004: 60).

Anualmente são comercializadas em todo o país mais de 25 mil toneladas de sardinha em conserva, das quais 60% são para exportação.

A forma mais recente de conservar a sardinha é através da sua congelação. A sardinha, quando é congelada, mantém o mesmo sabor e a mesma qualidade nutritiva do peixe fresco. Após a captura da sardinha, ela inicia imediatamente o processo de decomposição, o qual nunca poderá ser parado, apenas reduzido na velocidade. Assim sendo, de forma a manter as suas qualidades, mal a sardinha entra na fábrica, inicia-se o ciclo de congelação que consiste em lavar a sardinha por imersão (em água salgada), sendo posteriormente lavada por aspersão (com água doce), seguindo-se a seleção do peixe, deixando de lado o que estiver estragado, com alguma lesão ou de espécies diferentes. Mais tarde a sardinha segue para as arcas frigoríficas onde será congelada a -35°. Quando congelada, é depositada em caixas plásticas para ser efetuada a pesagem, voltando imediatamente para o armazém com câmaras frigoríficas. De seguida, a sardinhas é embalada, encaixotada e empilhada, ficando à espera de ser vendida.

FARINHA DE ANIMAIS E ÓLEOS COM BASE NA SARDINHA

Algumas das sardinhas que são capturadas na nossa costa e os detritos das fábricas de conserva são usados na indústria de transformação, com o fim de serem utilizados na criação de óleos, tintas, sabão, detergentes, lubrificantes e farinhas para animais (gado (antigamente), aves e peixes).

Para fazer frente à grande quantidade de resíduos da indústria conserveira de Matosinhos foi fundada em 1937 a Fábrica de Óleos e Farinhas de Peixe de Matosinhos (Galego, 2004: 236), sendo a primeira do seu género em Portugal. A Fábrica da Tripa, como era conhecida, usava os resíduos da indústria conserveira e a sardinha que não era própria para o consumo, com o intuito de os transformar em farinha e adubo de peixe e óleos (Tato, 2008: 242-243). Porém, devido ao forte cheiro a tripas, que desagradava à maior parte dos habitantes, a fábrica teve de ser encerrada na década de 80 (Tate, 2008: 257).

VENDA DA SARDINHA

A sardinha pescada na nossa costa, para além de ser utilizada nas conservas, é vendida como peixe fresco em mercados, supermercados ou nas ruas pelas peixeiras.

Sendo o símbolo mais emblemático da venda da sardinha a típica peixeira *de canastra à cabeça, as pernas nuas, à mostra, e os pés descalços, com o mais novo ao colo ou deitado no fundo de uma cesta levada debaixo do braço com os restos da sardinha, estas mulheres correram léguas... Eram infatigáveis e cheirando a peixe, com os cabelos ao vento e um sorriso a aflorar-lhe a boca apregoavam: Viva da Costa!... Viva quem quer viva!* (site, Matosinhos, 2012).

Apesar desta imagem romantizada da peixeira a pregoar pelas ruas das cidades já não ser visível nos tempos que correm, a tradição ainda continua no mercado de Matosinhos onde encontramos as bancas das peixeiras e onde não pode faltar a sardinha ou a relação de confiança entre o cliente e a vendedora.

SARDINHA NA CULINÁRIA

A sardinha conta com um vasto receituário, que esteve sempre ligada à alimentação popular e mais recentemente assistimos à sua utilização por grandes chefes e pela alta gastronomia ou cozinha de autor.

A sardinha, como pudemos verificar, já se encontrava em Portugal antes da sua formação, com principal destaque para a época da ocupação romana. Neste período a sardinha era exportada para todo o Império Romano e era um dos elementos que entrava no *garum* (condimento utilizado na antiguidade, feito através de sangue, vísceras e outras partes do atum, da cavala e da sardinha, juntamente com outros crustáceos e moluscos, era considerado um produto de luxo).

Durante a Idade Média a sardinha era um produto indispensável durante o jejum, que poderia atingir os 240 dias.

Podemos encontrar a primeira referência culinária à sardinha no livro de João da Mata, de 1876, onde ele nos dá três receitas, a sardinha à mata, sardinhas em pastelinhos à portuguesa e sardinhas em espiches (*site*, Freire, 2012).

Mais recentemente, a sardinha surge-nos como o prato indispensável na comemoração das festas populares, desde o Santo António, passando por S. João até ao S. Pedro, de preferência assada na brasa em cima do pão, que absorvendo a gordura natural, é a melhor forma de saborear a sardinha e a mais popular, como diz o ditado *No S. João, a sardinha pinga no pão*. Na realidade, a tradição de comer a sardinha no pão remonta ao século XVIII, na época em que a população esfregava a sardinha assada no pão com o fim de lhe conferir sabor e, desta forma, fazer frente à sua escassez.

A sardinha na brasa é o prato mais tradicional na cozinha portuguesa e é um *ex-libris* gastronómico da cidade de Matosinhos, geralmente acompanhada com batata cozida, uma salada de pimentos, assados na brasa, e bom vinho. A época balnear corresponde também à época em que o seu sabor é melhor e daí a razão pela qual ela se transformou no símbolo culinário das festas populares, dando origem ao ato de comer sardinhas assadas na brasa em grupo, à volta do assador, a sardinhada.

A popularização da sardinha e das suas múltiplas maneiras de preparação deve-se ao seu preço acessível, à sua versatilidade e sabor, podendo ser confeccionada de múltiplas formas: assada, frita, grelhada, recheada, na brasa ou em conservas.

Podemos encontrar na culinária portuguesa múltiplos pratos em torno da sardinha: arroz de sardinhas, caldeirada de sardinhas, sardinha em vinho tinto, caldeirada de petinga, sardinhas fritas, sardinhas de escabeche, sardinhas na telha, bola de farinha de milho com sardinhas, sardinhas assadas no forno, sardinhas assadas no erguiço, sardinhas prenhas, sardinhas recheadas com bacalhau, sardinhas cozidas, sardinhas recheadas com carne, sardinhas curtidas, bola de sardinhas, farinha de pau com sardinhas, pastelões de petinga, costeletas de sardinhas, migas com tomate e sardinhas, massa com sardinhas, caldeirada de sardinhas ao forno, tarte de sardinha e sardinha à escabeche. A bola de sardinha e a sardinha salgada eram bastantes apreciadas pelos agricultores do Norte, uma vez que servia como formas de as conservar em alturas de escassez.

De realçar que, na escolha da sardinha, no momento da compra, é necessário ter em conta o cheiro, que deve ser suave, a maresia (se cheirar a peixe estragado ou a amoníaco a sardinha não se encontra em condições de ser consumida). Os olhos devem estar limpos, brilhantes, salientes, a córnea transparente e a pupila negra e as guelras devem estar vermelhas, brilhantes e sem muco. As escamas inteiras, brilhantes e com cor vivas, sem descoloração e a carne deve estar firme, macia ao toque e elástica, quando pressionada deve voltar à forma natural.

SAÚDE E A SARDINHA

A sardinha é um dos alimentos mais completos que temos ao nosso dispor, ela é rica em omega -3, supera o salmão, e ácidos gordos, os quais são indispensáveis para a prevenção de doenças cardiovasculares e da Alzheimer (*site*, Mail Tribune, 2012). A sardinha também ajuda a preservar outros tipos de demência, ao reduzir a inflamação do cérebro, ao ajudar no desenvolvimento cerebral e na regeneração das células nervosas. Para além do omega -3 e dos ácidos gordos a sardinha é fonte de cálcio, vitamina A, D, B1, B2 e PP, niacina, proteínas (*site*, Department of Health, 2012), minerais como o ferro, magnésio, sódio e o fósforo (na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Sardinha, Sardinha, 1960; 719).

O consumo da sardinha reduz o risco de enfarte, baixa o nível de triglicerídeos no sangue, previne a diabetes e a osteoporose. A sardinha também retarda o avanço do cancro

da mama, graças aos ómeegas presentes e a gordura da sardinha é capaz de diminuir a tendência de processos inflamatórios e dolorosos, como é o caso das enxaquecas (*site*, Fogaça, 2012). Para além do cancro da mama, a sardinha reduz, consideravelmente, o risco do cancro do cólon, próstata e dos rins.

Durante o período de gestação é aconselhável as grávidas consumirem sardinha, uma vez que ajuda no desenvolvimento e funcionamento do sistema neurológico do bebé (*site*, Fogaça, 2012). O consumo de sardinha enlatada também é aconselhável durante o mesmo período, uma vez que estudos recentes comprovam que ajuda a melhorar a visão dos bebés, para tal é aconselhável o seu consumo pelo menos uma vez a cada 15 dias (*site*, CMDV, 2012).

Na sardinha a quantidade de gordura é bastante variável consoante a época do ano, atingindo o seu valor mais elevado por volta de setembro e outubro, tendo como oposição os valores mais baixos por volta de março e abril. Durante a época do verão a sardinha atinge o seu melhor, no que diz respeito aos seus efeitos para a saúde e sabor.

Para tirar o máximo de nutrientes da sardinha é aconselhável que seja fresca e com pele, uma vez que é mais rica que a processada. *Apenas 100 gramas de sardinha satisfazem mais do dobro das nossas necessidades diárias em vitamina D e B12* (*site*, Life&style, 2012) e 150g satisfazem as nossas necessidades diárias de proteínas, tendo quase a mesma percentagem de proteínas que a das carnes brancas.

A forma como preparamos ou confeccionamos a sardinha também é um elemento importante para as suas propriedades benéficas. A sardinha frita ou confeccionada no micro-ondas atinge temperaturas elevadas e ocorrem reações químicas que comprometem os ácidos gordos e as suas propriedades benéficas (*site*, Peso&Medida, 2012). Porém a sardinha enlatada é mais rica em cálcio que a fresca, uma vez que a sua espinha é comestível e é uma rica fonte de cálcio. Uma lata de sardinha fornece 30% da necessidade diária de cálcio de um adulto, mais que um copo de leite (*site*, Fogaça, 2012).

Outro fator a favor da sardinha e do seu consumo é a sua baixa quantidade de contaminação por mercúrio e outros metais pesados, presentes nas águas. Uma vez que a sardinha é um peixe que vive pouco tempo, a sua exposição é reduzida num ambiente poluído, ao contrário de outros peixes maiores que vivem mais tempo e que por sua vez consomem outros animais no mesmo ambiente (*site*, Fogaça, 2012).

PROVÉRBIOS, DITOS POPULARES E OUTROS SIGNIFICADOS DA SARDINHA

Os provérbios ou ditos populares são frases de caráter popular que passam de geração em geração e que têm como base o senso comum e sabedoria de uma comunidade, servindo como forma de instrução, esclarecimento ou de sátira social. Assim sendo, a sardinha não poderia ficar de fora com o seu vasto leque imaginário, existindo ditos populares para todas as ocasiões e sentidos.

Puxar a brasa para a sua sardinha

Estar como sardinhas em lata

A mulher e a sardinha, quer-se da mais pequenina

Mulher é como a sardinha, quer-se gorda e pequenina

No S. João, a sardinha pinga no pão

Quem em maio come sardinha, em agosto lhe pica a espinha

Quem quer ver seu homem morto dá-lhe sardinha em maio e couves em agosto

Quem quiser mal à vizinha dê-lhe em maio uma sardinha e em agosto a vindima

Quem quer a sardinha assada, chega-lhe a brasa.

Quem vende sardinha, come galinha

Sardinha e galinha só com a mãozinha

Da garganta para baixo, tanto sabe galinha como a sardinha

Sardinha sem pão é comer de ladrão

Tirar a sardinha com a mão do gato

Em tua casa não tens sardinha, e na dos outros pedes galinha

Nem sempre galinha, nem sempre sardinha

Se tens sardinha... Não andes à cata de pero

Comer sardinha e arrotar pescada

Quando falamos de provérbios e ditados populares não podemos deixar de referir o vasto repertório que a sardinha tem no mundo musical, com principal destaque para o fado, onde encontramos, por exemplo, o fado *O Carapau e a Sardinha*, da autoria de António Avelar Pinho, interpretado por Amália Rodrigues com arranjo musical de Nuno Rodrigues (*site*, Portal do Fado, 2012).

*De uma sardinha fresquinha
Diga-me lá, quem não gosta?
Salpicadinha
Viva da costa
Assim fresquinha,
Chegadinha de Cascais
Prateadinha
De comer, chorar por mais*

*Quem é que não gosta?
Quem é que não gosta?
De uma sardinha
Salpicadinha da costa
Bis*

*Quando se ouve o pregão
Vê-se logo a mesa posta
Comer à mão
Como se gosta*

*Muito gordinha
No pão saloio a pingar
Uma buchinha
Prá sardinha não queimar*

*Quem é que não gosta?
Quem é que não gosta?
De uma sardinha
Salpicadinha da costa
Bis*

*Juntei uma petinguinha
Com um lindo jaquinzinho
Ela assadinha
Ela fritinho
O casamento
Naquele dia se fez
Foi o padrinho
O “verdinho” português*

*Quem é que não gosta?
Quem é que não gosta?
De uma sardinha
Salpicadinha da costa
Bis*

*O carapau e a sardinha
Qual é o mais popular?
É a sardinha
Não há que errar*

*Dos jaquinzinhos
Bem fritinhos, gosto eu
Mas a sardinha
É um petisco do céu*

*Quem é que não gosta?
Quem é que não gosta?
De uma sardinha
Salpicadinha da costa*

(site, Portal do Fado, 2012)

A sardinha tem um vasto simbolismo que se deve, na sua maioria, à sua ligação e associação com as classes sociais mais pobres, sendo o peixe da revolução, da insanidade e representa o fim e o início das coisas.

O termo sardinha também é aplicado a um jogo de crianças, que consiste na sobreposição das mãos de uma nas da outra, de forma a ficar palma contra palma. O jogo começa quando a criança que tem as mãos sobrepostas retira uma mão, de cada vez, procurando bater com a palma da sua mão na palma da mão da parceira, enquanto esta tenta evitar ser tocada.

VI.1. ACERVO

Posteriormente ao início do estudo do tema foi necessário procurar e entender o acervo a que poderia recorrer para montar a exposição e transmitir a mensagem desejada.

ACERVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS

Na procura de um acervo a utilizar na exposição o primeiro contacto foi realizado com a Câmara Municipal de Matosinhos, uma vez que é um dos principais apoios culturais para a criação deste projeto e dado que é detentora de um rico acervo que, desta forma, poderá vir a ser valorizado. Atualmente o acervo encontra-se à guarda da MuMa, Rede de Museus de Matosinhos, que congrega, requalifica, divulga e dinamiza os diferentes museus e polos museológicos do concelho de Matosinhos. Neste sentido a MuMa tem a missão de *mediar e apoiar o tecido museológico do concelho de Matosinhos, através, nomeadamente, do fomento da cooperação entre as diversas instituições que albergam museus neste território* (site, Matosinhos, 2012). Matosinhos conta com doze museus e núcleos museológicos: Casa do Mar e Tanques Romanos, Casa-Museu Abel Salazar, Museu da Escola EB2,3 de Lavra, Museu Paroquial de Lavra Padre Ramos, Museu dos Bombeiros, Museu da Quinta de Santiago, Museu da História da Escola Gonçalves Zarco, Museu da Misericórdia de Matosinhos, Museu do Linho e do Milho, Museu de Jazigos Minerais Portugueses, Sala-Museu Guilherme Ferreira Thedim e Núcleo Museológico do Mar (integrado no MuMa, a 18 de maio de 2012, durante a realização deste trabalho).

Após uma primeira fase de observação dos acervos dos museus de Matosinhos e de consulta dos catálogos do acervo da Câmara Municipal de Matosinhos, inventário de 1970 e de 1995, é de notar o rico acervo de pintura e desenhos dos mestres António Carneiro, Agostinho Salgado, Augusto Gomes, que retratam a terra de Matosinhos e as suas gentes, com principal destaque para o último, Augusto Gomes, que mostra nas suas pinturas uma

iconografia do quotidiano, do dia a dia do povo com principal proeminência para as mulheres da sua terra, Matosinhos, os pescadores e as paisagens de Matosinhos.

Porém, deste vasto e rico acervo não existe uma única obra em que o tema central seja a sardinha. A sardinha vem surgindo em várias obras da Câmara, mas sempre com um papel secundário, onde o centro da atenção e mensagem é sempre as gentes de Matosinhos.

Para além do acervo artístico (pintura, ilustração, escultura) a CMM tem um arquivo fotográfico, pertencente ao Gabinete Municipal de Arqueologia e História, criado em 1995, com a intenção de reunir um acervo fotográfico que se encontrava disperso e em risco de se perder, uma vez que a fotografia é um dos testemunhos mais importantes da memória histórica local, mas também um dos mais frágeis e perecíveis. O Arquivo Fotográfico apresenta uma grande diversidade de temas que vão desde os finais do século XIX aos finais do século XX, com obras de fotógrafos como A. Vieira, Emílio Biel, Domingos Alvão, Teófilo Rego ou Armando Leça.

No entanto, este arquivo, apesar de ter obras dos pais da fotografia do Norte de Portugal, ficou um pouco aquém das expectativas, uma vez que não chega às 60 fotografias com temáticas ligadas à pesca ou à indústria conserveira de Matosinhos.



XVIII e XIX - Barco de pesca em alto mar; sardinhas na rede (coleção CMM)

O Gabinete Municipal de Arqueologia e História também conta com um arquivo filmográfico/videográfico onde é de realçar o documentário *Aspetos de Leça da Palmeira, Matosinhos e Leixões*, com duração de 32 minutos, executado pelos Serviços Cinematográficos do Exército, em 1928. Aqui aparecem as paisagens do concelho de Matosinhos, vários monumentos e obras de arte, as gentes com os seus costumes e

hábitos da época, sendo de destacar a parte final do filme onde surgem as fábricas de conserva, as suas fachadas e em laboração, a azáfama do Porto de Leixões, bem como as obras do novo porto, a largada das traineiras para a pesca, o desembarque e venda de peixe, acabando com imagens de vendedoras de peixe.

Para além do documentário *Aspetos de Leça da Palmeira, Matosinhos e Leixões*, o Gabinete Municipal de Arqueologia e História possui ainda um filme de 1948 executado pela Comissão Municipal de Turismo de Matosinhos.

Em relação aos possíveis acervos a utilizar na exposição é de realçar o acervo conserveiro da CMM, que configuraram na exposição *A Indústria Conserveira em Matosinhos: Exposição de Arqueologia Industrial* de 1989, anteriormente mencionada, em que se destaca o acervo da extinta Fábrica Continental, onde constam: quadros estatísticos, diplomas, fotografias da fábrica, horários da empresa, alçadas da fachada, álbuns com fotografias da fábrica Casebre e Cia. Lda. fotografias de fábrica de Azeite, revistas de conservas, o anuário de Portugal de 1944, calendários de 1949, carimbos, envelopes de carta, base de tintadachina, provas de etiquetas de latas de conserva e um cartão do funcionário Manuel Cardia Ventura.

A Câmara de Matosinhos tem ainda à sua guarda o acervo da antiga Litografia Amorim, onde podemos contar com: pedras litográficas em calcário para gravação de rótulos de latas de conserva, provas em papel de rótulos de latas de conserva e várias latas de conserva em folha de Flandres.

ACERVO DO NAPESMAT

Outro acervo que poderá vir a ser utilizado na exposição é o do NAPESMAT, Núcleo de Amigos dos Pescadores de Matosinhos, o qual contem um rico patrimonio material e imaterial pronto a ser explorado. É necessário fazer uma apresentação do grupo, uma vez que não existe nenhuma documentação sobre o mesmo, dado que só foi criado em 2004.

A ideia de criar o NAPESMAT surgiu nos fins de 2003, aquando da união de dois grupos que tinham em comum o interesse pela memória e cultura de Matosinhos. Por um lado existia um grupo de individualidades ligadas à cultura de Matosinhos que se reunia de forma informal no café Onda, onde trocavam ideias num ambiente de tertúlia, tomavam café, conversavam, trocavam fotografias e recortes de jornais. Entretanto havia outro grupo que se ficava pelo Parque do Jardim de Basílio Teles, que tinha em comum, tal como o anterior grupo, o gosto pela história de Matosinhos e a sua tradição. Posteriormente, os dois grupos uniram-se de forma a ganhar força e a haver uma maior troca de ideias e conhecimentos, passando a reunir-se no Café Internacional, onde resolveram fundar o NAPESMAT, nos fins de 2003, com pouco mais de vinte elementos.

Neste panorama o NAPESMAT surge, em 2004, com o intuito de descobrir e divulgar a verdadeira história das gentes do mar, de forma a dignificar a memória desta gente que, durante muitos anos, andara esquecida. Nada melhor para realizar tais objetivos que a realização de uma folha informativa a ser distribuída por Matosinhos, onde seriam publicados os trabalhos, estudos dos vários elementos com o nome de *MARÉ*, em homenagem a José Fernandes Tato, autor de mais de 60 artigos publicados no Comércio de Leixões com o mesmo título. Porém rapidamente constatarem, aquando da união dos textos, que não tinham uma folha informativa, mas sim um total de seis páginas e, desta forma, resolveram fazer um boletim, que perdura até ao presente. Para além do boletim, o NAPESMAT tem um programa bastante dinâmico de forma a incentivar os seus sócios a participarem nas atividades por si organizadas, com destaque para as exposições, palestras e visitas a outras comunidades piscatórias, como é o caso da de Vilagarcía da Arousa, Espanha. Esta cidade, uma das cidades geminadas com Matosinhos, mereceu a atenção especial do NAPESMAT, que promoveu uma visita com o objetivo de homenagear as suas pessoas e a sua amabilidade na altura do grande naufrágio de 27 de fevereiro 1947, uma vez que esta comunidade piscatória aconchegou os pescadores que foram lá ter no temporal que fez perecer 105 pescadores portugueses.

Assim sendo, o NAPESMAT pretende unir uma comunidade que tem as suas origens espalhadas pelo litoral e de contar e registar as histórias das pessoas ligadas ao mar. O NAPESMAT, nas suas atividades, dá principal destaque para as comemorações do Dia do Pescador, a 31 de maio, e para os dias de 27 de fevereiro e 02 de dezembro, de forma a homenagear as tragédias que ceifaram a vida a mais de 250 pescadores.

Nestas premissas surge o núcleo museológico do NAPESMAT, o qual poderá ser utilizado na realização deste projeto. A criação do núcleo museológico surgiu desde os inícios do NAPESMAT, começando com a oferta de pequenos objetos que os elementos do grupo, os pescadores e os seus familiares tinham em casa e que iriam deitar fora, o que implicaria a perda definitiva de vestígios da história da sua terra. Porém o grupo verificou que já se tinham deitado fora muitos acervos que seriam indispensáveis para a criação de um museu e da sua narrativa.

O NAPESMAT com o seu núcleo museológico tem a intenção de colmatar e solucionar a lacuna da CMM, com a não realização do *Museu do Mar* há muito prometido e desejado. Neste sentido o NAPESMAT tem vindo a guardar e a reunir os objetos na esperança de vir a criar um museu na sua terra, uma vez que já chegaram a dar algumas peças às comunidades piscatórias de outras zonas, com o intuito de as incentivar a criar os seus museus, como é o caso do Museu Municipal da Póvoa de Varzim.

O NAPESMAT tem vindo a reunir também um vasto património imaterial, pertencente ao universo piscatório, com as histórias de vida dos mestres, contramestre, motoristas, ajudantes, camaradas e dos saberes dos homens e das mulheres do mar, publicadas no boletim *MARÉ*.



XX, XXI e XXII - Núcleo museológico do NAPESMAT (NAPESMAT 2012)

OUTROS ACERVOS

Para além dos acervos pertencentes à CMM e ao NAPESMAT a exposição *SARDINHA* valeu-se da utilização de outros objetos, como é o caso de peças de artesanato, uma vez que se trata de uma expressão artística característica de uma comunidade e das vivências do artesão. Em Matosinhos, podemos encontrar uma multiplicidade de expressões e representações dos testemunhos da memória piscatória, rural, urbana e industrial, como é o caso de miniaturas de barcos de pesca, pequenos espigueiros, alfaías agrícolas e painéis de azulejos.

Quando se fala de sardinha e do seu imaginário não se poderia esquecer das obras do génio Rafael Bordalo Pinheiro, dentro das quais destacamos as sardinhas em cerâmica pintadas meticulosamente à mão, e que atualmente são reproduzidas pela Fábrica de Faianças Artísticas Bordalo Pinheiro, onde também são elaboradas as originais andorinhas portuguesas.

Também foi utilizado algum acervo das fábricas de conservas que ainda estão no ativo, com principal destaque para as suas latas e embalagens, de antigamente e de agora.

Com o intuito de unir a multiplicidade de acervos presentes na exposição e como principal motor de transmissão da mensagem pretendida, serão utilizadas fotografias, quer antigas como atuais.

VI.2. ESPAÇO

O próximo passo a ter em conta foi a escolha do espaço para a montagem da exposição. Ao mesmo tempo que se fazia o estudo do objeto, sardinha, e a recolha de acervos disponíveis para a montagem da exposição foi importante procurar o espaço onde seria montada, uma vez que consoante a sua missão e localização mudaria a forma de expor e de abordar o tema da sardinha.

Inicialmente o projeto foi apresentado tendo em vista a ocupação do espaço da Galeria Municipal de Matosinhos, inaugurado em maio de 2005. A Galeria foi desenhada pelo arquiteto Alcino Soutinho e encontra-se inserida num vasto complexo que conta com a Biblioteca Municipal Florbela Espanca, o Arquivo Histórico Municipal, entre outros serviços administrativos e de direção do Departamento da Cultura da Câmara.

A escolha do local teve em atenção a sua missão de divulgar, promover e valorizar a arte moderna e contemporânea, com principal destaque para as expressões portuguesas e as suas múltiplas faces: pintura, escultura, *design*, fotografia e outras expressões das artes plásticas. A Galeria é um espaço amplo, sem elementos decorativos, inserindo-se no que normalmente é classificado de *white box*, subdividida por três salas.

Porém o espaço tem uma agenda muito específica e planeada com bastante tempo de antecedência, o que inviabilizou a hipótese de montar a exposição neste espaço.

O espaço seguinte a ser explorado para a montagem da exposição foi a sala de exposições temporárias da Casa-Museu Abel Salazar, por sugestão da MuMa. Dado que se trata de um museu tutelado pela Universidade do Porto com apoio da MuMa, fazendo a união entre a instituição onde está a ser desenvolvido este mestrado e a principal fonte patrimonial para a conceção do projeto.

A ideia de criar a Casa-Museu Abel Salazar surgiu após a morte de Abel Salazar, com o intuito de preservar a sua memória, bem como a sua casa e acervo. Abel Salazar foi médico e cientista, reconhecido a nível mundial, que residiu em Matosinhos, durante trinta anos e que se destacou também pelas suas obras de arte e como opositor ao regime salazarista. Após diversas dificuldades, impostas pelas autoridades da época, relativas à compra da casa, à

aquisição da coleção de obras pertencentes à irmã de Abel Salazar, às respetivas obras de restauro e adaptação do espaço a museu e à construção de um pavilhão de exposições, a Casa-Museu Abel Salazar acabou por ser aberta ao público em 1975.

O museu organiza-se por três pisos, mostrando com principal destaque a faceta artística de Abel Salazar, através de esculturas, pinturas e desenhos. O museu reconstitui o ambiente vivido por Abel Salazar com o mobiliário e disposição originais. Já o 2º andar mostra vários trabalhos de investigação de Abel Salazar na área das ciências biológicas, material de laboratório e artigos por si escritos, bem como o espaço do quarto de dormir com os seus objetos de uso pessoal.

Porém este espaço foi descartado logo no início, uma vez que a missão do museu não se enquadra com os objetivos da exposição e ele, bem como a sua comunidade, não têm nenhuma ligação com a comunidade piscatória e conserveira de Matosinhos, dado que se encontra a sensivelmente 10km de distância do mar.

Torna-se, pois, prioritário continuar com a procura do espaço para montar a exposição, uma vez que a Casa-Museu Abel Salazar não se enquadrava com a natureza da exposição, tarefa que se revelou uma das mais complicada e demorada em todo o projeto. O espaço seguinte a ser analisado foi os Armazéns da Companhia da Real Vinícola, mas também foi descartado, devido ao seu elevado estado de degradação e à insegurança do espaço, quer para os acervos como para os visitantes.

Posteriormente foi necessário encontrar outro espaço de exposição, que se enquadrasse nos objetivos da mesma e que não se revelasse perigoso. Com tal objetivo foi sugerido pela MuMa a sala de conferências da nova Sede do NAPESMAT, que se localiza no setor poente da Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores, bairro que foi fundado há mais de 63 anos com a intenção de acolher algumas famílias de pescadores. Este espaço revelou-se o mais promissor de todos, uma vez que se localizava no coração do Bairro dos Pescadores, centro da comunidade piscatória de Matosinhos. O espaço disponibilizado pelo NAPESMAT tem sensivelmente 40m², o que possibilita uma multiplicidade de hipóteses na organização do espaço e disposição dos objetos. Pela primeira vez parece estar encontrado o tão ansiado espaço para a montagem da exposição, que reúne as condições necessárias.



XXIII - Sede da NAPESMAT, a azul a zona referente á sua sala de conferencias (imagem do autor)

Entretanto, na procura de espaço para expor surgiu a possibilidade de ocupar uma série de escritórios dentro da própria Docapesca de Matosinhos, Porto de Leixões. Este novo espaço disponível tem à volta de 120m², tornando possível a sua divisão de forma a abordar as multiplicidade de temas e abordagens da sardinha, para além da vantagem de se poder ver o movimento do Porto de Leixões aquando da visita à exposição.

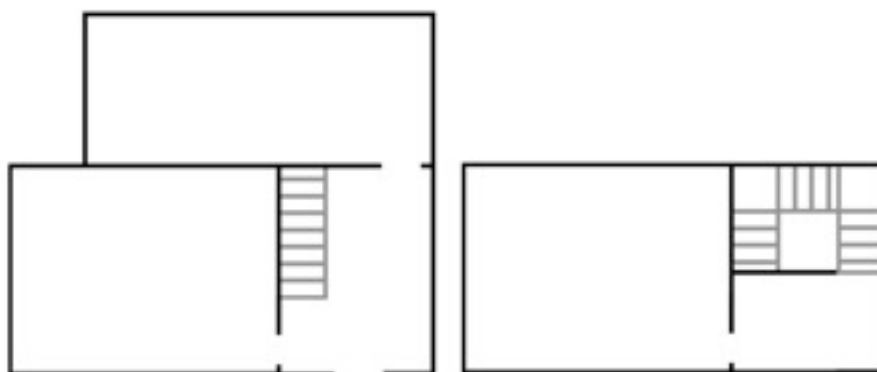
Logo após a exposição ter sido começada a ser desenhada e planeada, a dois meses da inauguração, foi recebida a notícia da possível ocupação do espaço. Porém, a ocupação tanto poderia ser no início de maio, impossibilitando a montagem da exposição, como poderia só ocorrer no fim do ano, não havendo datas certas para a sua ocupação. Assim sendo, foi necessário voltar a procurar um novo espaço para receber a exposição, evitando correr o risco de vir a ser ocupado ou alugado, de um momento para o outro.

Neste sentido, foi repensada a hipótese da possível ocupação da sala de conferências da Sede do NAPESMAT. Tomou-se, então, conhecimento de que, aquando da atribuição do lado poente da Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores à NAPESMAT, também tinha sido entregue o lado nascente à Comissão Administrativa do Mártir São Sebastião, Padroeiro dos Pescadores de Matosinhos, que possivelmente não seria ocupado nos próximos tempos. Dadas as circunstâncias, o próximo passo foi entrar em contacto com a Comissão do Mártir São Sebastião, de forma a averiguar a disponibilidade do espaço e possibilidade da sua ocupação. Depois dos primeiros contactos, averiguou-se que de

momento a referida Comissão não se mudaria para Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores, uma vez que esta necessitaria de obras de remodelação. Desta forma, podia contar-se com dois espaços para a montagem da exposição *SARDINHA*, ambos dentro da Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores, sendo um no lado poente, no segundo piso do edifício, com uma área de 40m², enquanto no lado nascente o espaço disponível é no total de 185m², entre o primeiro e o segundo piso. Porém o lado nascente encontra-se bastante degradado, principalmente no que diz respeito ao segundo andar e ao anexo traseiro, deixando disponível para utilização a área do *hall*, 15m², e da sala do rés do chão, 45m². Vindo-se a optar por este espaço para a primeira paragem da exposição *SARDINHA*.



XXIV - Espaço da Comissão Administrativa do Mártir São Sebastião, a azul (imagem do autor)



XXV - Planta do espaço atribuído à Comissão Administrativa do Mártir São Sebastião, 1.º e 2.º piso (imagens do autor)



*XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX e XXX - Espaço disponível para montar a exposição, hall e sala, 1.º piso
(imagens do autor)*

VI.3. TEMPOS

No desenrolar do projeto foi necessário, logo no seu início, indicar as datas de inauguração da exposição, de forma a desenvolver um calendário de trabalho, definir os tempos para cada tarefa do planeamento, desenho, produção, montagem e inauguração da exposição.

Uma vez que a exposição se encontra inserida numa comunidade piscatória, bastante ativa a nível cultural, umas das datas apontadas foi o Dia dos Pescadores, dia 31 de maio. Desta forma, o projeto poderia integrar as comemorações, em Matosinhos, que homenageiam as gentes do Mar. No entanto, esta data recai a meio da semana, impossibilitando a adesão prevista das pessoas que vivem fora da comunidade piscatória, diminuindo o impacto e a receção do projeto. Na lógica deste pensamento foi escolhido o dia 26 de maio, que antecede as comemorações do Dia dos Pescadores e, por coincidência, atinge o ponto máximo da Romaria do Senhor de Matosinhos, a maior romaria do concelho de Matosinhos e uma das maiores do Norte de Portugal. A festa do Senhor de Matosinhos prolonga-se durante três semanas, em que não faltam comemorações religiosas, atividades lúdicas, culturais e desportivas.

Depois de decidir a data de inauguração foi necessário definir a data do encerramento da exposição, de forma a estar presente durante algum tempo, mas não em demasia. Assim, uma vez que se pretende tornar a exposição portátil, foi decidido que estaria patente ao público, na Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores, até o dia 17 de junho.

O primeiro ponto de paragem da exposição, posteriormente à sua inauguração, foi programado dentro das instalações da Docapesca de Matosinhos de forma a configurar as comemorações das Festas do Mártir S. Sebastião, padroeiro dos pescadores, que se realiza no segundo fim de semana de julho, e em que lhe é pedido um mar farto e seguro. A comemoração do Mártir S. Sebastião é pautada pela procissão, que sai da Igreja Matriz e vai até à Docapesca, onde se realiza um sermão e a bênção do mar e dos barcos que se encontram todos engalanados, estando a exposição patente, neste espaço, de 13 a 15 de julho.

VII. DESENHO PRELIMINAR

O próximo passo a ser dado para o desenvolvimento do projeto foi o seu desenho preliminar. Nesta secção encontramos, como primeira tarefa, o desenho do guião da exposição, desenvolvido a partir do estudo detalhado do tema e das conclusões retiradas da investigação científica. Num primeiro momento do plano da exposição, quando esta estava a ser desenhada para ocupar o espaço dentro da Docapesca de Matosinhos, subdividiu-se em cinco partes, aproveitando as pré-existências do espaço original, e iniciou-se a estruturação de algumas ideias para a sua materialização, ideias formadas ou planos, funcionando como uma nuvem de *tags*, sendo elas:

- Sardinha (*sardina pilchardus*) - projeção nas paredes de imagens de sardinhas no fundo do mar, como se elas tivessem a nadar à nossa volta; sardinhas de faiança portuguesa; utilização de redes de pesca em grande escala para nos sentirmos como as sardinhas presas na rede, sensação das sardinhas dentro da rede, claustrofobia; representações artísticas da sardinha;
- Pesca - fotos antigas e atuais da pesca, descarga, naufrágios, acidentes; réplicas de barcos; fotos antigas; depoimentos; memórias dos que morreram no mar, o que o mar roubou (mesa com fotos (lupa), nome das pessoas); processos e artes da pesca;
- Lota / venda – relação direta com as pessoas e a sardinha; testemunhos, depoimentos; foto antiga da venda de rua da sardinha, romantizada; frases, expressões das vendedeiras;
- Conservas - objetos de *design*, um produto que tem que se vender; para além da indústria conserveira, as conservas impulsionaram outras indústrias como é o caso das gráficas e das latoarias; latas de conserva, reflexo da comunidade e da sociedade; cartazes; *designers* portugueses; diapositivos do processo de fabrico, imagens da indústria, repetição de sons mecânicos sequenciados, fotos atuais em slides com barulho fabril;

cartaz com o nome de todas as fábricas já existentes e com os nomes cortados das que estão encerradas;

- Mesa - mesa com caixa de luz embutida, em que cada fotografia é um prato culinário em que o ingrediente principal é a sardinha; fotos dos pratos; naturezas mortas;

Porém, esta estruturação do tema é bastante extensa. Quando se teve de mudar o planeamento da exposição da Docapesca de Matosinhos para a Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores, foi necessário reestruturá-la e, quando isso aconteceu, esse momento funcionou como um *checkpoint* da exposição e de avaliação do seu processo criativo. Uma vez que nos deparamos com a sua falta de viabilidade para se tornar numa exposição completamente portátil, os espaços, que futuramente iriam recebê-la, teriam de ser bastante específicos em relação a características e à sua montagem, isto é, o espaço teria de sofrer alterações em função da exposição. Neste momento, deitou-se por terra tudo o que já se tinha planeado e começou-se a fazer uma nova projeção da exposição, tendo como objetivo a sua modificação e adaptabilidade para os espaços em que ela decorreria. Assim sendo, chegou-se à conclusão que a exposição teria de ser estruturada por módulos e que não poderia estar dependente das paredes e pré-existências do espaço, de forma a ser completamente móvel. Com estas orientações teve-se a ideia de a exposição ser montada através de módulos que definiriam o espaço e o discurso expositivo. Para tal, o primeiro passo foi o repensar na estrutura da exposição, acabando por subdividir-se em quatro partes, sendo elas: imaginário da sardinha; do mar até à venda da sardinha; indústria conserveira; sardinha na mesa portuguesa.

Antes de estruturar o diálogo expositivo foi necessário definir a mensagem a ser transmitida e comunicada para cada zona, as ideias, valores, conteúdos pretendidos de forma lúdica e atrativa. Na criação do guião da exposição teve-se sempre em atenção que uma exposição deve ter sempre uma linha lógica e coerente capaz de transmitir a sua mensagem de forma correta.

Deste modo, a primeira parte da exposição deve dar a conhecer o universo imaginário da sardinha e das múltiplas visões dos artistas da sardinha. O segundo momento da exposição centra-se na viagem da sardinha, do fundo do mar até sair da lota e ser vendida no mercado de Matosinhos, sem esquecer de ilustrar as artes da pesca da sardinha, a sua evolução ao longo do tempo e a importância social da sardinha, com principal destaque para o momento da

chegada da sardinha. A terceira parte tem o objetivo de caracterizar e dar a conhecer a indústria conserveira em Matosinhos. Já a última parte, a quarta, apresenta os vários pratos produzidos a partir da sardinha, através de um conjunto de fotografias.

A organização do discurso expositivo na exposição é ordenada de acordo com uma lógica predefinida e estruturada, que podemos classifica-la como evolutiva, uma vez que demonstra o conhecimento de forma enciclopédica, cronológica e linear, dicotómica, com a apresentação de varias visões, sendo elas artísticas, sociais e etnográficas, integrada, com a recriação de ambientes que envolvem os espectadores, e fragmentada, apresentada em pequenas frações da realidade com uma visão bastante direcionada.

A partir do guião da exposição, deu-se início à seleção e definição dos objetos necessários para a exposição, tendo como base os acervos já descritos. A mostra de objetos presentes na exposição passou por uma seleção cuidadosa com o intuito de explorar os vários universos da sardinha e, para tal, foi necessário fazer uma interpretação dos mesmos com intenção de explorar o seu potencial de apresentação ao público, com a ressalva de que não existiria uma única forma de mostrar o mesmo conjunto de objetos. Uma vez que os objetos adquirem um novo significado e valor quando são retirados dos seus contextos originais e são dispostos na exposição, é necessário ter em atenção a possibilidade única de criar novos modelos do mundo, principalmente se forem de várias épocas. Para além do significado que os objetos adquirem quando expostos, a sua leitura é reforçada quando se estabelecem relações de significado entre eles.

De entre os objetos a serem apresentados numa exposição há um formato que merece uma atenção especial, os audiovisuais. Este formato é recorrente em exposições devido ao seu carácter e ao potencial educativo que possui e à relação que o público estabelece com ele, uma vez que apela aos sentidos visuais e auditivos e é um suporte atrativo que une a capacidade de informar e entreter ao mesmo tempo, captando desta forma facilmente a atenção do público e ajudando na interpretação da exposição.

Os vídeos utilizados serviram de ponto de ligação entre o passado e o presente, mostras de imagens antigas de Matosinhos, que funcionam como termo de comparação do que era Matosinhos na década de 20 e 40 e como é atualmente, reforçando a ligação de um passado não muito distante que permanece na memória de uma grande parte dos visitantes e facilmente poderá ser explicada aos visitantes mais novos.

Após a estruturação da exposição e a primeira definição de objetos a serem utilizados, iniciou-se a redação de textos que iriam constar na exposição. Os textos nas exposições guiam e orientam os visitantes ao longo de todo o percurso expositivo. A utilização de textos ajuda o visitante a compreender as ideias presentes, a identificar áreas e temas, criam ambientes e reforçam a mensagem a transmitir. Quando se desenvolvem os textos para uma exposição é necessário ter em conta a sua legibilidade e visibilidade. Porém, a utilização de textos nas exposições torna o movimento de circulação mais lento e retira alguma atenção aos objetos por parte do visitante.

Na entrada das exposições deve-se ter um texto introdutório que ajuda na sua apresentação. Este texto é normal dividi-lo em três partes: o título, que deve ser curto e de fácil legibilidade, e identificação; texto de apresentação da exposição, é a primeira informação e impressão que o visitante recebe ao entrar numa exposição, deve dar o tom para o resto da visita e funcionar como um guia conceptual; lista dos parceiros na realização da exposição, bem como os seus apoios e patrocinadores.

Nas exposições também é recorrente a utilização de textos na entrada de cada sala, normalmente sendo um título que ajuda a orientar e a preparar o visitante para o que vai ver. Porém, este tipo de texto não será utilizado, visto que a exposição se desenrola num único recinto e a utilização de títulos iria delimitar a visualização da exposição, uma vez que ao enunciar uma zona estamos obrigatoriamente a impor uma leitura aos seus visitantes, sendo, neste caso, mais interessante eles serem convidados a lerem e a interpretarem a exposição e a descobrir a sua orientação.

Ao longo das exposições também é habitual ou usual o uso de textos longos que se relacionam com cada tema de exposição, de forma generalista, e com alguns objetos em particular. Este género de textos serão recorrentes ao longo da exposição de forma a situar o visitante no tempo e lugar com o intuito de ilustrar momentos importantes, a enaltecer a sardinha e a importância de cada tema na vida de Matosinhos.

Outro género de textos utilizados nas exposições são as legendas, estas são particulares a cada objeto e dão a conhecer informações pertinentes para a leitura e compreensão de cada um. Normalmente tem o nome do objeto, autor (em caso de obras), data e o seu proprietário (em caso de coleções particulares e públicas). Este género de texto, apesar de ser o mais curto e breve, também é o mais problemático. Quando os objetos estão

legendados, sem pôr em causa a sua correta legendagem, os visitantes normalmente demoram mais tempo e prestam mais atenção à legendagem que à contemplação do objeto, pondo em causa a sua utilização. Se, por um lado, é necessário identificar os objetos e a sua origem (a não existência desses dados tornava a visita à exposição mais confusa e menos nítida) por outro lado, na sua ausência, os visitantes seriam convidados a descobrir e a contemplarem os objetos com mais atenção e cuidado.

Como podemos ver existe um grande número de textos presentes numa exposição, podendo dividi-los pelo seu objetivo: orientativos, como é o caso do título da exposição e o seu texto de apresentação, explicativos, com predominância de textos longos, e identificativos, em que prevalecem as legendas de cada objeto;

Para além da redação dos textos presentes na exposição é necessário a produção de textos de apresentação da exposição para a utilização nos diversos suportes publicitários, sendo estes, muitas vezes, o primeiro contacto que o visitante tem com a exposição. Dado o carácter publicitário bastante presente, devem ser curtos, de fácil leitura e atrativos para que, quando lidos, suscitem curiosidade e interesse para a exposição, da parte do visitante.

Para atrair a atenção do público é necessário proporcionar conceitos, visões e ideias familiares e relacioná-las com novos conceitos que são reforçados pela imagem da conjugação dos vários objetos e elementos expostos e de um tratamento gráfico e textual distinto.

Seguidamente iniciou-se a averiguação das estruturas necessárias para a montagem da exposição, uma vez que, foi necessário repensar a exposição aquando da sua mudança de espaço da Docapesca para a escola de Matosinhos. Neste momento decidiu-se que não se iria ficar preso a um espaço predefinido para expor e, assim sendo, a exposição deveria ter como base uma estrutura central montável e desmontável, de acordo com o espaço disponível, livrando-se da necessidade de prender objetos a paredes e funcionando como uma divisão do espaço.

Uma vez que não se possuía nenhuma estrutura que se poderia adotar ou adaptar, foi necessário criar os sistemas expositivos de raiz para a materialização da exposição. Assim sendo, o primeiro passo foi idealizá-la e desenhá-la.

Com a vantagem de poder criar a estrutura da exposição a partir do zero, impõe-se uma listagem de características e necessidades a que se teria de dar resposta. Neste sentido, a estrutura deveria dividir e demarcar o próprio espaço, de acordo com o guião da exposição; suportar e servir de base para os objetos, imagens e textos; combinar várias utilidades e

formações de forma flexiva e dinâmica; funcionar como vitrines, base para uma grande multiplicidade de formatos; reestruturar e redistribuir o espaço e os objetos; possuir elementos modulares, de forma a permitir a itinerância da exposição por diversas instituições; ser de rápida e fácil montagem e desmontagem; ser realizada/construída com materiais leves de fácil manutenção, substituição, deslocamento, montagem e desmontagem; ser de baixo custo.

Depois de ponderar bastante e de desenhar e experimentar várias estruturas chegou-se à conclusão que a melhor estrutura a utilizar seriam retângulos, em que cada um representa um fragmento da realidade e que juntos constituem um todo. A escolha da configuração retangular vai de encontro às necessidades das obras e objetos a expor, uma vez que na sua maioria têm este formato, quer na vertical, quer na horizontal.

Enquanto no desenho preliminar se tem em conta as estruturas disponíveis para a montagem das exposições e averiguação da necessidade de construção de novas estruturas e as suas características, no desenho esquemático e final começa-se a fazer a escolha dos materiais a serem utilizados e a configuração final das estruturas. Porém, por uma questão lógica e de não repetição, apresentam-se de seguida as estruturas criadas e as suas características, deixando para o desenho final a sua organização e disposição no espaço.

Assim sendo, depois de encontrar uma forma geométrica básica (retângulo) e que fazia frente às necessidades, foi necessário dar resposta à funcionalidade de vitrines, ou base para uma grande multiplicidade de formatos. A escolha do retângulo incidiu num de 45x30cm, sendo a forma de um retângulo de ouro quase perfeito, uma das figuras geométricas mais presentes no universo artístico e que se revela invulgarmente agradável à vista e ser a forma perfeita para a perceção e desfrutação visual. O comprimento da junção de dois retângulos horizontais de 45x30cm é igual a três na vertical, ou seis verticais é igual a quatro na horizontal. O mesmo princípio se aplica a um número maior de retângulos, tornando-se numa estrutura bastante multifacetada e de notável adaptabilidade, sem esquecer que a sua configuração representa um dos tamanhos pré-definidos na impressão fotográfica. Posteriormente à definição do retângulo, começou-se a estudar a profundidade do paralelepípedo, chegando à conclusão que a melhor seria de 30cm, profundidade necessária para utilizar a estrutura como vitrine, objetos no seu interior, ou como suporte de imagens e textos a várias profundidades, o que tornaria a exposição dinâmica e compacta. Uma vez que a estrutura poderia ser usada em ambas as faces, enquanto numa, por exemplo, estava uma imagem referente à pesca, na oposta, poderia representar a indústria

conserveira ou ter no seu interior um objeto. Desta forma, a estrutura poderia ser visualizada nos seus lados opostos, retratando assuntos diatônicos e os elementos desenhados, quando desmontados, ocupam um volume mínimo devido aos custos de transportes e à sua arrumação durante os períodos que não estarão em exibição.

Depois de se decidir a forma das estruturas delineadoras e de base da exposição, como sendo um paralelepípedo vazado, de 30x45cm com, 30cm de profundidade passou-se à escolha do material que seria utilizado na construção das estruturas da exposição. A escolha dos materiais deu-se, principalmente, tendo como diretriz um orçamento reduzido, quase inexistente, e a sua aparência e enquadramento com o *design* expositivo. De entre os materiais mais utilizados nas estruturas museológicas a madeira destaca-se, devido ao seu fácil manuseamento, rápida disponibilidade no mercado e relação qualidade preço. Uma vez que a exposição é portátil e não terá de albergar obras ou objetos de avultado valor, não foi necessário ter em conta as suas qualidades de preservação e conservação, como seriam necessárias se tivesse de, por exemplo, acomodar uma obra de Augusto Gomes. No universo da madeira existem três categorias que ressaltam na sua utilização em exposições devido à sua estética e preço, onde encontramos em primeiro lugar os contraplacados, que resultam logo de início, devido à sua estética e utilização em mobiliário de decoração, porém tem a desvantagem de ser um produto caro. Em segundo lugar, temos o OSB (*oriented strand board* ou aglomerado de partículas de madeira longas e orientadas), que reúne a apresentação desejada para as estruturas com o seu padrão natural de madeira e a sua textura, a um preço mais acessível que o anterior e apresentando uma grande resistência à humidade e outros agentes de degradação. Por fim, o terceiro material a ter em conta são os aglomerados, sendo o mais comum dos produtos derivados de madeira é mais frágil e de fácil degradação relativamente aos anteriores, mas com um valor que ronda 1/4 do anterior. O aglomerado revela-se o material a optar, devido aos custos e ao facto de ser um material bastante versátil na sua utilização, destacando-se pela possibilidade de utilizar vários tipos de acabamentos (lixar, pintar, envernizar, entre outros). No entanto, optou-se pela sua utilização em cru, tendo como critério unicamente a sua aparência, o mais simples e natural possível, aproveitando a textura das placas como elemento identitário da exposição.

Na constituição das estruturas e na sua transformação em vitrines é necessário a introdução de outro material transparente, tendo disponível o vidro ou acrílico. Enquanto o primeiro tem como vantagem a sua resistência e de difícil dano, já o segundo trata-se de um

material mais leve, de fácil transporte, representando 1/3 do custo do anterior. Acabou-se por se optar pelo acrílico, tendo como critério de escolha a contenção de custos e o fácil transporte da estrutura expositiva.

Outro fator que foi levado em conta na projeção das estruturas que iriam ser utilizadas foi a iluminação.

A iluminação é uma parte fundamental no desenho de uma exposição, é através dela que se pode observar os objetos expostos, criar espaços e ambientes específicos. Como a exposição tem caracter portátil e os objetos expostos não são muito sensíveis à deterioração provocada por ela não é necessário uma atenção muito severa, tendo a atenção necessária para uma correta iluminação e visualização dos objetos expostos. Assim sendo, a única exigência da exposição, no que diz respeito à sua iluminação, é ser montada num espaço bem iluminado, de preferência com luz zenital. Devido à pouca profundidade das vitrines não se corre o risco de existir objetos ou imagens em que a sua leitura seja comprometida pela falta de iluminação ou se encontrem em sombra.

Depois de definir o guião da exposição, os objetos e textos a serem preparados e as estruturas a serem construídas para a exposição, bem como a sua iluminação, é necessário começar a definir a localização das estruturas, de acordo com o espaço disponível e que permita formar um circuito. Este tópico será apresentado no capítulo do desenho final, sendo este destinado à esquematização final da exposição.

O próximo passo do desenho preliminar foi desenvolver um programa educativo e integrado dentro da exposição. Para a programação de uma exposição e do seu respetivo programa educativo é indispensável identificar e fazer um estudo preliminar de público-alvo, no entanto, como se trata de uma exposição portátil, que irá ser instalada numa grande multiplicidade de locais, foi impossível fazer um estudo do público-alvo. Desta forma, as atividades propostas e toda a exposição foram pensadas e desenvolvidas abrangendo uma grande diversidade de públicos, uma vez que o público tem assumido, nos últimos anos, um protagonismo inegável como espectador ativo nas exposições das instituições museológicas e que cada vez mais está ávido por uma grande diversidade de atividades.

As exposições são um meio único de aprendizagem, onde deve imperar um ambiente informal que permita ao visitante plena liberdade para recolher e escolher a informação que quiser assimilar, proporcionado aos seus participantes novas experiências e vivências educativas e lúdicas. Os conteúdos abordados na exposição devem ser pontos de partida para novas experiências e busca de conhecimento.

De entre o programa educativo a atividade que se desenvolve mais vezes e que reforça a missão pedagógica, cultural e a componente educativa de uma exposição é a visita guiada, quer individualmente quer em grupo, sendo normalmente planeada e programada, de acordo com o público que a procura. Uma vez que se a manutenção da exposição esteve assegurada pelo aluno, as visitas guiadas realizaram-se sempre que alguém se mostrou interessado e desejou mais informações no decorrer da exposição. Dentro das visitas guiadas da exposição há uma grande diversidade de orientações que podem ser tomadas, uma vez que podemos organizá-las de acordo com um saber enciclopédico e científico; pequenas curiosidades que facilmente ficam na memória dos visitantes e que ajudam a cativar o público; visão artística dos objetos expostos; exploração das recordações e vivências dos visitantes, com a intenção de despertar nos visitantes a sensação de mudança, vivências e valorização da sua história pessoal (quando desenvolveram atividades relacionadas com a sardinha); memória pessoal; diálogo comparativo entre as lembranças e o presente, os vários objetos presentes na exposição; exploração dos vários níveis cognitivos dos públicos.

Numa visita guiada à exposição é indispensável a comparação dos objetos presentes, entre si, de forma a ganharem um novo contexto e a criarem novas leituras dos objetos que já fazem parte das nossas vivências, criando novas representações. Para o programa educativo deve-se ter em atenção que o centro da programação é o visitante e que ele deve ser ativo e desfrutar de momentos de entretenimento e pedagógicos.

O segundo grande momento no programa educativo da exposição é o espaço *A MINHA SARDINHA*, onde o visitante é convidado a descobrir o seu imaginário e a pintar a sua sardinha. Com intenção de explorar, valorizar e completar o retrato do gigantesco universo imaginário que a sardinha envolve, levando os seus participantes a descobrir e a apropriar-se da sardinha e a interagir com a exposição de forma ativa. Neste espaço, crianças e adultos pintam a sardinha, com lápis de cor, num papel onde já estão os contornos da sardinha, passando posteriormente os trabalhos daí resultantes a ser configurados na exposição e publicados na página de *Facebook* do projeto (ver anexo 3).

Para além destas duas grandes atividades a exposição é pautada por outros pequenos momentos, como foi o dia nacional do pescador e o dia mundial da criança.

De forma a terminar a fase do desenho preliminar da exposição é necessário ter em atenção as estratégias promocionais de divulgação do projeto a utilizar.

A publicidade é um dos instrumentos mais importantes que o museu possui para se promover, bem como as suas atividades, serviços e exposições que desenvolvem. As estratégias promocionais têm como objetivo máximo dar a conhecer ao público a sua mensagem em poucos segundos para que este se relacione com ela, mesmo antes de visitar o espaço expositivo. A mensagem a transmitir depende em larga escala do seguimento da população que se deseja atingir e atrair. Sendo o *marketing* uma área em que os museus cada vez mais apostam, uma boa publicidade resulta num grande número de pessoas que são atraídas a visitarem e a participarem no museu.

Como já pudemos ver as exposições são os meios, por definição, de comunicar com o público que as visitam e estão impregnadas de conteúdos, saberes e mensagens, contudo, este forte vínculo inicia-se mesmo antes de verem a exposição, através dos produtos promocionais, sendo estes o primeiro contacto e impressão que o visitante tem.

Neste momento serão apresentadas as estratégias promocionais utilizadas na divulgação da exposição, desde o seu planeamento à execução e como produto final, com intenção de não haver a necessidade de repetir parte da informação aquando do capítulo de produção e o da montagem / instalação / inauguração / manutenção da exposição.

Atualmente temos à disposição uma grande variedade de canais de comunicação, porém, nem todos estão ao acesso de uma grande generalidade de pessoas. Para a exposição *SARDINHA* foram desenvolvidos vários formatos e suportes de publicidade, sendo o cartaz o primeiro a ser desenvolvido uma vez que tratar-se do suporte mais clássico. O cartaz funciona e funcionou como o suporte a ser distribuído pelos pontos turísticos, circuitos culturais, juntas de freguesias, bibliotecas, museus, galerias e restaurantes do concelho de Matosinhos de forma a ir ao encontro do público e de informar uma grande quantidade e diversidade de públicos. O cartaz tratou-se de uma folha A4 onde encontrámos a informação essencial referente à exposição (nome, datas, local, dia e hora da inauguração, contactos, apoios e endereço da página de *Facebook* do projeto), trabalhada de forma criativa e bastante visual. Inicialmente foi planeado para ser

impresso em formato A3 ou A2, porém, devido aos custos de impressão que esses formatos acarretavam, optou-se pela impressão num suporte mais pequeno e de maior facilidade de distribuição e afixação. Outro suporte utilizado nas estratégias promocionais foi o de *flyers*, sendo este formato o mais usual para passar de mão em mão, uma vez que se trata de um pequeno papel (tamanho A6) publicitário que tem a função de anunciar e promover a exposição. Foram distribuídos pelos mesmos locais que o cartaz, só que enquanto um se encontra fixado na vitrine ou num quadro, o outro encontra-se pousado num balcão de fácil acesso ao público, desenvolvendo uma relação mais direta com este. O *flyer* revela-nos outra vantagem em relação ao cartaz, nele pode imprimir-se nas suas duas faces, contendo desta forma muito mais informação que num cartaz. Na face do *flyer* encontramos o nome, datas, local e endereço da página de *Facebook* do projeto da exposição, enquanto nas suas costas temos o local, dia e hora da inauguração, morada da exposição, contactos, apoios (as mesmas informações que o cartaz possui) e um texto de apresentação da exposição com um forte carácter propagandista, com a intenção de cativar e despertar a curiosidade dos públicos para a exposição.

De entre os suportes impressos falta-nos falar dos convites, semelhantes aos *flyers* no aspeto visual com as diferenças que estes foram impressos num tamanho maior (A5) e o texto das costas ligeiramente diferente, uma vez que se trata de um convite formal para o dia da inauguração. Os convites foram distribuídos e entregues em mão a cerca de setenta autoridades, a nível institucional, político e cultural do concelho de Matosinhos. A distribuição dos vários suportes de divulgação está diretamente ligada com o êxito do dia da inauguração e da afluência de visitantes durante o seu período de existência. Chegou-se a ponderar a publicação de um catálogo ou de uma pequena brochura, mas devido aos custos elevados que acarretariam não se chegou a concretizar estas ideias.

Ainda em relação às estratégias promocionais é importante referir que foram utilizados painéis, de madeira contraplacada, com o *stencil* do nome da exposição para embandeirar e indicar as ruas envolventes ao espaço da exposição, com intenção de cativar a comunidade circundante do espaço da exposição e atrair um maior número de visitantes.

Para além dos cartazes, dos *flyers* e dos convites foi feita uma lona que foi fixada perto do local da exposição sempre que ela se encontre patente em algum espaço. A lona foi impressa seguindo a mesma linguagem gráfica dos restantes materiais publicitários, onde temos o título, os logótipos dos apoios e o endereço da página de *Facebook* do projeto,

desta forma a lona pode sempre acompanhar a exposição, uma vez que é reutilizável porque não contém nenhuma informação referente a datas e locais determinados. A indicação do local da exposição aparece na lona sobre a forma de vinil autocolante no dia anterior à inauguração. A opção de não informar o espectador da totalidade foi tomada com base na curiosidade e expectativa de quem vê uma lona ou um cartaz. Quando se tem acesso a toda a informação de uma só vez esta é facilmente esquecida, porém, quando falta informação levantam-se logo no momento diversas interrogações e torna-se motivo de conversa. Tal aconteceu com a lona, uma vez que não se colocou a data e o local no momento da respetiva afixação. Duas semanas antes da inauguração, as pessoas começaram a questionar-se onde, quando e como seria a exposição, criando desta forma expectativa e evitando que a exposição caísse no esquecimento. Contudo, quem quisesse saber mais acerca da exposição e deste projeto poderia facilmente consultar a página do projeto presente no *Facebook*.

Todos os materiais publicitários (cartaz, convite, *flyer* lona) foram desenvolvidos pelo *atelier* de design Bolos Quentes.



XXXI - Materiais publicitários (cartaz, convite e flyer) desenvolvidos pelo atelier de design Bolos Quentes (imagem do autor)



XXXII, XXXIII e XXXIV - Materiais publicitários (lona e painéis publicitários) desenvolvidos pelo atelier de design Bolos Quentes (imagens do autor)

Uma vez que já foi referida algumas vezes a página de *Facebook* da exposição é o momento de a apresentar. A utilização dos suportes digitais e das *novas tecnologias* revelou-se ser de grande utilidade e alcance, podendo em poucos minutos atingir um grande número e variedade de públicos. Com principal atenção para a plataforma *Facebook*, graças à qual foi possível chegar a um grande número de usuários, que são adicionados diariamente e que se encontram constantemente atualizados.

Com esta meta em mente foi criada uma página da rede social *Facebook*, <https://www.facebook.com/sardinha.sardinha>, com a intenção de mostrar mais detalhadamente a origem e o alcance deste projeto. O *Facebook* tem a vantagem de ser um *website* gratuito, que em fevereiro deste ano contava com mais de 840.000.000 de usuários ativos e que a todo o momento pode ser atualizado. Deste forma, foi criada a página do projeto no *Facebook* como principal plataforma de distribuição e publicidade da exposição, uma vez que nela podemos encontrar a apresentação da exposição, a sua natureza, contatos, os locais onde já esteve patente e para onde irá passar, fotos, comentários dos visitantes e uma agenda atualizada a todo o momento. Para além destes fatores, esta rede social tem a vantagem de quando um usuário gosta de um evento, foto, comentário, automaticamente, a sua rede de amigos fica a saber das suas preferências, criando um efeito viral à volta da exposição. Assim sendo, aquando do desenho do programa educativo *A MINHA SARDINHA* resolveu publicar-se diariamente todos os desenhos que foram sendo feitos no local da exposição. Quando publicado um desenho da sardinha de um utilizador de *Facebook* e este comenta ou faz um

simples *gosto*, toda a sua rede de amigos fica a par do projeto, alcançando um número elevado de possíveis visitantes na exposição. O visitante, para além do momento de participação ativa na exposição, pode continuar a sua experiência em casa.

Para além da rede social do *Facebook* foram utilizadas outras redes como é o caso do portal <http://museologiaporto.ning.com/> e da plataforma <http://www.pportodosmuseus.pt/> que serviram para publicitar a exposição e o seu dia de inauguração.

Ainda em relação às tecnologias informáticas foi utilizado o correio eletrónico pessoal no convite para o dia da inauguração e visita da exposição no seu momento de apresentação pela primeira vez.

VIII. DESENHO ESQUEMÁTICO

Posteriormente ao desenho preliminar é necessário começar a definir-se, de uma forma mais rigorosa e esquemática, a exposição e os seus vários elementos, como é o caso das estruturas expositivas, que já pudemos ver, e especificar o seu tipo e a sua necessidade na exposição.

O próximo passo foi desenvolver uma listagem dos objetos indispensáveis para constarem na exposição, dos quais já foram referidos alguns quando se apresentaram os acervos disponíveis. Porém, nesta fase do projeto, apercebeu-se que seria necessário haver um maior complemento da exposição com alguns materiais que não se teriam tido em conta na sua fase inicial, com principal atenção para a primeira temática da exposição, imaginário criativo da sardinha, e para a última, a sardinha na mesa.

Assim sendo, para a primeira temática foi necessário procurar-se novos objetos, iniciou-se uma vasta pesquisa em várias bases de dados de expressão artística, com principal incidência na *Behance*, tratando-se de uma plataforma *web* gratuita a nível mundial, que funciona como uma rede onde se encontra reunida uma vasta comunidade unida pelos seus trabalhos em áreas criativas (fotografia, arquitetura, *design*, pintura, ilustração, escultura, poesia, entre outras), que são apresentadas num portfólio mundial que recebe a visita de milhões de utilizadores, diariamente. Nesta vasta base de trabalho, procedeu-se a uma pesquisa por artistas que já teriam trabalhado em torno da temática da sardinha, ou semelhantes, e estabeleceu-se contacto, por via do correio eletrónico, com os vários artistas selecionados. Após algumas explicações, em relação à natureza do projeto, e troca de *emails* obteve-se a autorização para o uso dos seus trabalhos, os quais foram enviados pelos vários artistas com qualidade para impressão, chegando a acontecer que alguns artistas se propuseram fazer obras novas e específicas para constarem na exposição, os quais serão apresentados no capítulo referente ao desenho final da exposição.

Em relação à última temática da exposição, foi necessário também haver o complemento de novos materiais, os quais foram criados uma vez que nos acervos usados não

havia nenhum objeto que pudesse ser utilizado para ilustrar esta temática, com a exceção de uma obra de arte pertencente à CMM.

Para além da criação de novos objetos para constarem na exposição, a fase de desenho esquemático engloba a listagem de textos e documentos necessários para completar o discurso expositivo, porém estes objetos serão apresentados quando for descrita a fase do desenho final da exposição.

No desenho esquemático tem de se ter em conta as possíveis fontes de financiamento para a realização e materialização da exposição. Para tal, desenvolveu-se uma listagem de várias empresas locais, nacionais e internacionais com as quais se entrou em contacto, via pessoal, telefónica e correio eletrónico, de forma a angariar patrocínios e apoios para o projeto. No entanto, cerca de 98% das respostas obtidas foram negativas, justificando-se com a conjuntura atual, o momento de crise que se está a viver e que torna impossível a participação em atividades desta natureza por parte das empresas e entidades.

Desta forma, os recursos económicos e materiais disponíveis para a exposição foram bastante baixos devido à falta de financiamento, podendo contar com o apoio da Junta de Freguesia de Matosinhos para a impressão da lona da exposição e de mais de metade das fotografias utilizadas na exposição, do *Leroy Merlin* de Matosinhos com os materiais necessários para a construção das estruturas expositivas, das fábricas de conservas La Gondola, Pinhais, Ramirez e da empresa Propeixe para o empréstimo de materiais para expor e oferta de latas de conservas para o dia da inauguração e do *atelier* de *design* Bolos Quentes na realização de todos os materiais publicitários (convite, cartaz, *flyer*, lona) para a exposição.

Assim, uma vez que os recursos financeiros foram quase inexistentes, todas as despesas restantes para a realização e concretização da exposição ficaram a cargo do mestrando. Assim sendo, não houve a necessidade de fazer um levantamento exaustivo dos recursos necessários para a sua concretização, tendo sempre em mente gastar o menos possível e a máxima de Mies Van der Rohe *menos é mais*.

Uma vez que se está a analisar os recursos financeiros disponíveis é pertinente apresentar os gastos finais que foram necessários para a execução da exposição *SARDINHA*.

Enumeração das despesas	Valor das despesas €
Estruturas	
Parafusos, pregos, ponta de parafusadora	31.4
1 Placa de madeira aglomerada de 244x122cm de 16mm de espessura	18.45
13 Placas de madeira aglomerada de 244x122cm de 16mm de espessura - patrocínio do <i>Leroy Merlin</i> de Matosinhos	0
Acrílicos	78.12
Alcatifa e placa de borracha para os bancos	10
Sub total	137.97
Exposição	
Vinil autocolante para os textos de apresentação da exposição e para a lona publicitária	23.94
Vinil autocolante para recorte em forma de peixes	13
Impressão de 46 fotografias (30x45, 40x60 e 50x70cm) e o seu corte para colocação nas estruturas	178.22
Impressão de 65 fotografias (30x45cm) - patrocínio da Junta de Freguesia de Matosinhos	0
Sardinha Bordalo Pinheiro	13.5
Bonecos de cascata	4.3
2 Molduras	6.98
Ingredientes necessários para cozinhar os pratos representativos do tema: a sardinha na mesa	35.33
A minha sardinha (lápis de cor, lapiseiro, papel, cortiça)	43.43
Vidro de janela	7
Sub total	325.7
Publicidade	
<i>Design</i> gráfico - patrocínio do <i>atelier</i> de <i>design</i> Bolos Quentes	0
Lona - patrocínio da Junta de Freguesia de Matosinhos	0
Cartazes e <i>flyers</i> (papel e tinteiro)	42.45
Placas publicitárias (placas de platex, abraçadeiras, <i>spray</i>) e cartaz	42.4
Sub total	84.85
Manutenção da exposição	
Ambientador, produtos de limpeza	16.84
Água e luz – apoio do NAPESMAT	0
Sub total	16.84
Inauguração	
Tostas, travessas com napron, guardanapos, chá, vinho, água	39.06
Sardinha em conserva - patrocínio das fábricas de conservas La Gondola, Pinhais, Propeixe e Ramirez	0
Sub total	39.06
Outros	
Telefone, tinteiros, combustível e transporte de material	155.96
Sub total	155.96
Total	763.38

XXXV - Despesas do projeto SARDINHA

IX. DESENHO FINAL

Momentos antes de iniciar a produção da exposição temos o seu desenho final, onde é feito um *checkpoint* do projeto e onde é delineada a exposição, ao milímetro, de forma a não haver supresas nem imprevistos na altura da sua produção e montagem. Se houver um bom desenho final a produção e montagem revelam-se os momentos mais fáceis e rápidos de todas as fases de uma exposição, em contrapartida se não se desenvolver um bom desenho final da exposição, o projeto corre o risco de ultrapassar em muito os orçamentos e ideias pré-estabelecidas, podendo mesmo levar ao seu adiamento ou não realização.

Depois de definir, nos capítulos anteriores, o guia da exposição, os objetos e textos a serem preparados e definir as estruturas a serem construídas para a exposição, é necessário começar a definir a localização das mesmas, de acordo com o espaço disponível e do sistema expositivo. Assim sendo, antes de avançar para a lista final de objetos e a sua localização, é necessário apresentar a planta da sala que irá receber a exposição, tendo sempre em atenção que este é o primeiro espaço a receber mas que, graças às suas múltiplas possibilidades de disposição, poder-se-ão adaptar a qualquer espaço que a receba.

O espaço disponível para apresentar pela primeira vez a exposição tratou-se do rés do chão do lado nascente da Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores que é constituída por em um *hall* e uma sala, tendo estas duas divisões um total de 70m² e respetivamente 20m² e 50m². Posteriormente a vários desenhos e estudos da colocação das estruturas no espaço, concluiu-se que a melhor distribuição seria através da sua colocação em formato de “L”. Foram estudadas outras disposições, nas quais encontrávamos vários blocos dedicados a cada tema ou em forma de “O” ou “I”, porém o formato em “L” revelou-se ser o preferencial, uma vez, que temos quatro temas a serem apresentados e que dois deles têm uma maior quantidade de objetos que os outros dois, por coincidência, os mais breves tratam-se do primeiro e do último temas, para além deste formato criar um circuito simples, de fácil perceção e orientação por parte do visitante e as estruturas podem, desta forma, ser exploradas ao máximo, uma vez que de um lado temos um tema e na face oposta temos outro diferente.

Ao mesmo tempo que se estudava o formato do sistema expositivo no espaço, desenhava-se também a disposição das estruturas, de forma a criar um espaço dinâmico e interessante e que, desde o início, cativasse o visitante a explorar e a descobrir o mundo da sardinha. As estruturas foram organizadas a formar um grande “L”, dispostas como peças de lego que se encaixam entre si, sobre mesas, com uma altura de 60cm, proporcionando uma confortável visualização e apreciação dos objetos, tendo como base as proporções ergonómicas e proxémicas, dos diversos públicos. Nas estruturas as imagens estarão a várias distâncias da sua superfície, criando um maior dinamismo em toda a estrutura e realçando algumas imagens em relação a outras.

Nesta fase do projeto, foram desenhadas e montadas várias maquetes com intuito a ter uma maior perceção da exposição e do seu espaço, através da passagem do plano bidimensional para o tridimensional. Com as maquetes foi possível perceber as múltiplas possibilidades do desenho espacial, considerar as diversas opções que as estruturas oferecem, as suas relações, a divisão do próprio espaço e a circulação do público na exposição.



XXXVI, XXXVII e XXXVIII - Maquete da organização da exposição (imagens do autor)

Passemos a apresentar e a descrever os quatro temas principais que constituem a exposição através dos objetos e textos finais que foram necessários para a sua construção, instalação e montagem, tendo em atenção como os objetos foram apresentados ao público e como se relacionam uns com os outros e com o discurso narrativo.

SARDINHA E O SEU IMAGINÁRIO

O primeiro tema com que nos deparamos quando entramos na exposição é a apresentação da sardinha e do seu imaginário. Para o ilustrar foi utilizada a sardinha de Rafael Bordalo Pinheiro, em cerâmica pintada à mão, e foram realizadas quatro fotografias de uma única sardinha em várias perspetivas, com a intenção de explorar o seu potencial visual e dar a conhecer ao visitante um peixe ao qual, normalmente, não se denota muita atenção.

Para explorar o seu universo imaginário foram utilizadas obras contemporâneas de vários artistas, tratando-se no total de quatro ilustrações e de um bordado. As ilustrações utilizadas representam a sardinha como elemento identitário de Portugal, porém também podemos encontrar este singular peixe um pouco por todo o mundo, adquirindo um valor e elemento iconográfico universal, como podemos ver através da utilização de duas ilustrações de duas artistas do Porto e outras duas ilustrações de artistas do Canadá e do México. As ilustrações da artista Lara Mendes (Porto), de Marina Mota (Porto) e de Claudette Lambert Peterson (Canada) foram desenvolvidas especialmente para esta exposição, enquanto a obra de Jocelyn Ramo (México) trata-se de um trabalho já desenvolvido pelo artista, em 2010, e aproveitado para a exposição. Nas quatro obras apresentadas temos uma grande variedade de abordagens ao tema da sardinha por parte dos artistas, dando-nos a conhecer o universo imaginário da sardinha e das suas múltiplas visões, desde uma representação mais realista da sardinha até uma sardinha inspirada no *Nascimento de Vénus* de Sandro Botticelli, também podemos encontrar a homenagem às gentes do mar, ao seu esforço, ou por outro lado, temos uma referência às festas populares.

Para terminar o tema do imaginário da sardinha, temos o bordado que serve como base e representação do artesanato local em que a sardinha é um dos seus elementos inspiradores.

SARDINHA DO MAR ATÉ À VENDA

A segunda parte da exposição é pautada pela importância dada à pesca da sardinha, ao longo dos tempos, em Matosinhos. Mas, antes da pesca e da preparação dos homens para o mar, temos a apresentação da sardinha e dos seus cardumes no fundo dos mares, através de três fotografias do fotógrafo Dmitry Miroshnikov (Rússia), que captou a corrida anual da

sardinha ao longo da costa da África do Sul, no ano de 2011. As sardinhas desta zona do planeta não são da mesma espécie das que são capturadas na costa portuguesa, porém, como não foi possível encontrar boas fotografias da viagem da *sardinha pilchardus*, foram utilizadas de outras espécies de sardinha, onde nos deparamos com paredes de sardinhas constituídas por milhões de indivíduos em movimento, em perfeita harmonia e que se confrontam com os seus primeiros predadores, os golfinhos e as aves marinhas.

Posteriormente às fotografias das sardinhas no fundo do mar, iniciamos a nossa viagem pelas tradições e artes da pesca de Matosinhos, encontrando em primeiro lugar a fotografia de uma campanha a carregar as redes, nos anos 20 (coleção CMM), seguidamente de uma outra onde temos o *botar* o barco ao mar, anos 30 (coleção CMM). Em seguida, encontramos o plano de urbanização de Matosinhos, de António Cruz 1953 (coleção CMM), demonstrativo do desenvolvimento que Matosinhos teve na altura da explosão da indústria piscatória e conserveira.

Enquanto os homens iam ao mar, as mulheres e os industriais conserveiros aguardavam a chegada do peixe na praia de Matosinhos, como podemos ver nas fotografias das mulheres à espera da sardinha, anos 20 (coleção CMM). Nas obras de Joaquim Lopes podemos encontrar uma forte ligação temática à sardinha e aos pescadores, como é o caso da obra *Pescadores* (coleção CMM), em que nos deparamos com um grupo de pescadores que aguardam a chegada do peixe, com uma perspetiva muito semelhante a uma fotografia, também exposta, dos anos 20 (coleção CMM), que aborda a mesma temática e a mesma maneira de retratar o tema. Apesar das técnicas serem distintas, o enquadramento escolhido, as proporções da paisagem e das personagens têm a mesma estética.

De forma a cativar todas as gerações de visitantes foram utilizados brinquedos antigos na exposição para recordar o passado e abrir um canal de linguagem entre filhos e pais, quando estes explicavam como faziam e brincavam com os carrinhos de rolamento ou os comboios de latas. Foram utilizados neste subtema três barcos de casca de pinheiro, um comboio de barcos de casca de noz, um carrinho de rolamentos, um comboio de latas de conservas e um guindaste (pertencentes ao RTA). Estes brinquedos retratam-nos outra geração, quando as crianças ficavam na praia à espera dos pais e que tinham de ocupar os seus tempos a criar e a inventar os seus próprios brinquedos.

Posteriormente temos duas fotografias, dos anos 60 (coleção CMM e NAPESMAT), de traineiras carregadas de sardinhas até borda fora, no auge da sua pesca. Numa delas

podemos ver que as pescas eram tão fartas que os homens tinham que se pendurar nos mastros das traineiras, uma vez que o convés vinha carregado. De seguida, encontramos na exposição um texto longo que apresenta as condições naturais, os Leixões, que desde os inícios dos tempos possibilitaram o florescimento da povoação que mais tarde daria lugar a Matosinhos e onde era possível encontrar um local de abrigo e de pesca da trágica Costa Negra. No texto também podemos ler um pouco da história da pesca em Matosinhos, desde a ocupação Romana, até à criação do Porto de Leixões e das grandes tragédias que se abateram em 1892 e em 1947 sobre a população de Matosinhos. A tragédia foi captada por Augusto Gomes na sua obra *s/título* (coleção CMM), em que nos deparamos, por breves momentos, com a desgraça que se abateu sobre uma família de pescadores. É utilizada uma réplica desta obra na exposição para demonstrar os grandes sacrifícios que as gentes de Matosinhos fizeram, no decorrer da faina ligada à pesca da sardinha.

Em seguida é apresentada a chegada da sardinha, ao longo dos tempos, em que podemos recuar até 1886, aquando das primeiras fotografias do local em que seria edificado o Porto de Leixões. Temos fotografias da foz do rio Leça, ao longo dos tempos, em que podemos ver a evolução das embarcações, da paisagem, das gentes e da cidade em plano de fundo. Para tal contamos com sete fotografias que vão desde 1886 até os anos 70, onde temos lanchas poveiras, bateiras, chalandras, traineiras a vapor e a combustível na descarga da sardinha, inicialmente na praia, posteriormente na lingueta e, por fim, nos cais de desembarque. Para além das fotografias podemos contar com a réplica de duas obras de arte de António Carneiro, uma de 1911 e outra de 1914, ambas retratando a *descarga da sardinha* e o mar de *gaivotas à chegada da sardinha*.

Segue-se, na sequência da visualização referente à pesca da sardinha, a sua descarga através do esforço braçal dos homens do mar. Podemos encontrar neste subtema uma sequência de cinco fotografias que apresentam um pescador a preparar o cabaz para a descarga, anos 20/30 (coleção CMM); pescadores com bordão a aguardar a descarga, anos 20 (coleção CMM); pescadores com os cabazes no bordão, anos 20 (coleção CMM); pescadores a descarregarem cabazes de sardinha na praia de Matosinhos, anos 20 (coleção CMM); bateira na lingueta após a descarga, anos 20 (coleção CMM). Porem além destas fotografias, podemos encontrar na exposição mais duas fotografias demonstrativas do mar de chalandras que nos anos 40/50 existiam em Matosinhos, onde no momento de descargas e de grande afluência aconteciam as maiores tragédias, quando vinha uma vaga do mar e levava tudo à sua frente, acabando, muitas vezes, em amputações de membros ou mesmo em mortes. De todas

as imagens expostas nenhuma capta melhor o esforço braçal e o sacrifício dos pescadores na descarga do peixe que a obra *pescadores* de Joaquim Lopes (coleção CMM).

Para além das fotografias e das réplicas das obras podemos encontrar nesta zona da exposição uma réplica de traineira com as redes borda fora de Manuel Calisto e oito postais antigos onde encontramos várias cenas da vida piscatória matosinhense.

Depois de uma noite à pesca e da descarga da sardinha, os pescadores ainda não podiam ir descansar, era necessário remendar, tratar as redes e prepará-las para o próximo dia de pesca. Este esforço é contínuo, ao longo dos tempos, como podemos ver nas três fotografias dos pescadores a repararem as redes, inicialmente no bordeiro (local do atual Parque da Cidade), inícios do século XX (coleção CMM), posteriormente nos cais, anos 30 (coleção CMM) e 70 (coleção particular).

Após a descarga da sardinha entram em cena as mulheres e filhas dos pescadores que geralmente trabalhavam também na sardinha, quer como vendedeiras, peixeiras ou na indústria conserveira. Para homenagear estas mulheres recorreu-se às obras de Augusto Gomes e de Joaquim Lopes que captam de forma única as suas vivências e sofrimentos, sendo utilizadas a obra *três mulheres* de Augusto Gomes e a *peixeira*, 1920, de Joaquim Lopes (ambas da coleção CMM). Para complementar este universo recorreu-se à figura de uma peixeira do artesão João G. Ferreira. Nestes três objetos encontramos as peixeiras de forma autoritária e imortalizadas com a sua postura altiva, porém a sua vida era sofrida. Para além do sofrimento que tinham todas as noites quando os filhos e homens iam para o mar com a incerteza do seu regresso, elas tinham de estar pontas para quando chegasse a sardinha começar a sua escolha e venda, inicialmente na praia, fotografia anos 40 (coleção CMM), e posteriormente na lota, fotografia dos anos 50 (coleção CMM). A juntar-se a estas atividades, as mulheres tinham ainda de lavar a sardinha, fotografia anos 20 (coleção CMM), e percorrer a pé as ruas de Matosinhos e Porto para venderem o seu produto.

A lota de Matosinhos foi imortalizada pelo artista japonês Hiroshige Watanuki, aquando a sua estadia em Matosinhos, durante a década de 60, em que captou e registou os principais edifícios de Matosinhos, como podemos ver na sua obra *lota*, de 1962 (coleção CMM). Para além desta obra, podemos encontrar na exposição uma fotografia da entrada da lota, com os carros de bois e carroças de cavalos à espera de entrar, anos 50 (coleção CMM).

De forma a captar um pouco o essencial da venda atual da sardinha em Matosinhos fotografaram-se as irmãs Conceição e Isabel Marques, na sua banca, no Mercado de

Matosinhos, sendo estas geralmente indicadas como as melhores representantes das peixeiras de Matosinhos.

Para completar o tema da sardinha, do mar até à venda, não poderiam faltar os famosos bonecos de cascata, dos quais foram utilizados quatro bonecos, sendo eles um pescador a pescar, um pescador com cabazes no bordão, outro só com um cabaz e uma vendedeira com a canastra à cabeça, findando o tema com uma fotografia de uma caixa de sardinhas salgadas (coleção CMM).

Nesta zona também poderemos encontrar os materiais audiovisuais, documentários referentes a Matosinhos, à pesca da sardinha bem como às indústrias dependentes deste precioso peixe, bem como uma réplica de traineira com o cerco americano montado com intenção de demonstrar o método de captura da sardinha, que será instalada sobre uma pré-existência do espaço, uma banca com um lavatório fixo que será tapado, proporcionando uma base para a réplica.

SARDINHA E A INDÚSTRIA CONSERVEIRA

Em relação ao tema da indústria conserveira nada melhor que dar o tom inicial com a apresentação de nove latas de conservas antigas, das já extintas marcas de conserva de Matosinhos, como é o caso da Portos, Layco, Beach Flower, Oeillets de France, Princesse, Minerva e Alex.

Iniciamos a nossa viagem pela produção da indústria conserveira através de uma sequência de dez fotografias antigas (coleção CMM) que vão desde a receção da sardinha na fábrica até à sua saída dentro das caixas de conserva para exportação, passando pela salmoura, descabeço, cozedura, fabricação das latas, enlatamento, enchimento e fecho das latas de conserva. Nas fotografias também podemos ver a distinção dos trabalhos que eram desenvolvidos pelas mulheres dos pescadores e dos outros homens, que geralmente eram os capatazes das fábricas ou trabalhavam na metalurgia destas. Ao mesmo tempo que temos estas fotografias antigas podemos ver e rever, do tema anterior, os bonecos de cascata, a peixeira de barro e a réplica da traineira, uma vez que estas se encontram em caixas com acrílico nos dois lados, possibilitando desta forma uma melhor visualização e iluminação dos objetos, bem como um ponto de fuga para olhar para o outro lado da exposição.

Também podemos encontrar as ferramentas utilizadas pelas mulheres na preparação da sardinha, na indústria conserveira, mais especificamente a tesoura para o descabeço e a pinça para tirar as espinhas da sardinha.

Em seguida temos a apresentação dos belíssimos edifícios industriais que a indústria conserveira criou e deixou em Matosinhos através de uma fotografia antiga da fachada da Fábrica de Conservas Continental, quando ainda estava em labor, e ao seu lado podemos observar em que estado se encontra o património industrial, através de uma fotografia atual da mesma fachada completamente em ruínas e em risco de colapso. Estas duas imagens surgem-nos na exposição com a pretensão de alertar os matosinhenses e as autoridades locais para o património que já se perdeu em Matosinhos e o que está em eminente risco de desaparecer, apesar de, em tempos idos, ter caracterizado a envolvência urbana.

Seguidamente, encontramos duas ilustrações antigas, sendo uma referente a um cartaz da Fábrica de conservas Nun'Alvares onde é dado a conhecer as suas marcas, Lage, Porto, Brand e Cadeu, enquanto a outra caricatura as antigas chaves de abrir latas e a sua fragilidade, ao mesmo tempo que faz publicidade à Sociedade de Chaves e Grelhas, L^a. Nesta sequência ainda encontramos um longo texto de apresentação e explicação da indústria conserveira, onde viajamos até as primeiras conservas na Antiga Grécia, passando pela invenção de Nicolas Appert, em França, e o florescimento da indústria em Matosinhos.

O próximo conjunto de imagens, cinco fotografias, mostra-nos os processos pelos quais a sardinha passa atualmente na sua transformação de peixe fresco em conserva pronta a ser servida através do antigo método de trabalho manual que ainda é desenvolvido em algumas fábricas de Matosinhos. Este conjunto de fotografias foi desenvolvido especialmente para esta exposição de forma a demonstrar, de maneira bastante visual, e explicar aos visitantes as diversas fases que a sardinha sofre na sua transformação.

Retomando um pouco o tom do tema inicial da exposição, do imaginário da sardinha, são apresentadas duas ilustrações de dois artistas em que nos apresentam as suas visões das sardinhas de conserva. Enquanto Jocelyn Ramos (Querétaro, México) apresenta-nos uma visão das sardinhas em lata todas ordenadas e apertadas umas contra as outras, já Rubens Scarelli (São Paulo, Brasil) dá-nos a conhecer a sua visão fantasmagórica das sardinhas a saírem de uma lata de conserva.

Depois de apresentar todo o processo da indústria conserveira é necessário conhecer o seu resultado final, as latas de conserva. Para tal, temos inicialmente provas dos desenhos de maquetes de latas de conserva (coleção CMM) que antigamente se faziam.

Quando falamos da indústria conserveira em Matosinhos não poderia faltar a homenagem às fábricas que resistiram às adversidades e dificuldades dos tempos e ao mesmo tempo mostrar a beleza do *design* gráfico das latas de conserva. Das quatro fábricas de conservas que ainda temos no concelho de Matosinhos três delas aceitaram participar na exposição, através da apresentação das suas latas antigas e das atuais. Assim sendo, temos: a Ramirez com uma variedade de treze latas e tipos diferentes de conserva da sardinha, que atualmente produzem, e uma lata gigante inspirada na grafia das primeiras latas, recriada aquando do seu 150º aniversário; as Pinhais com oito tipos diferentes de conserva de sardinha representadas por doze latas, juntamente com umas fotografias de uma das suas primeiras latas; e por último, a La Gondola com treze latas e tipos diferentes de conserva de sardinha que atualmente têm e quatro latas que nos mostram a sua evolução gráfica ao longo dos tempos. Para além das fábricas de conservas, é necessário representar a ProPeixe, entidade responsável pela regulação das pescas e vendas em Matosinhos através das suas latas de conservas de sardinha.

Como podemos verificar a indústria conserveira impulsionou outros tipos de indústrias por todo o Concelho de Matosinhos, como é o caso das tipografias e das litografias que em tempos formaram um dos maiores polos em Portugal. Para tal, na exposição podemos encontrar uma pedra litográfica (coleção CMM) utilizada na impressão das latas de conservas.

Num tema referente à indústria conserveira não poderiam faltar as antigas chaves de abrir as latas de conservas que tantas vezes nos ajudaram a abrir e outras tantas nos deixaram ficar mal. A fábrica de conserva Ramirez teve a gentileza de emprestar uma lata antiga, porém de atum, onde ainda temos a língua onde era encaixada a chave para abrir as latas antigas, bem como duas chaves grandes.

Para completar e fechar este tema ainda temos mais dois elementos importantes para a perceção da importância da indústria conserveira em Matosinhos e em Portugal. O primeiro é um quadro gráfico da exportação da Fábrica Continental de 1923 a 1937 (coleção CMM). Este quadro é importante na lógica que em primeiro lugar mostra o grande nível de exportação para vários países dos quatro cantos do mundo de uma única fábrica de Matosinhos. Em segundo lugar o quadro ganha um maior valor quando reparamos que, em

certos anos, a exportação para a Alemanha é superior a 80% de toda a sua produção, com principal atenção que se trata do período antecedeente à II Guerra Mundial. Ainda é de denotar maior atenção ao quadro, uma vez que a Alemanha aparece-nos representada pela bandeira suástica nazi. Apesar do tratado de neutralidade, Portugal e o seu governo vendiam para as duas frentes de guerra de igual modo e foi graças a estes negócios e parcerias que Portugal conseguiu manter-se neutro na guerra que devastou tudo o Mundo.

Para terminar este temas foi divulgada uma listagem com o nome das 52 fábricas de conservas que Matosinhos já albergou, das quais só resistem de momento quatro, indicadas a uma cor mais escura das restantes.

SARDINHA NA MESA PORTUGUESA

O tema da sardinha à mesa portuguesa, o quarto e último, faz-se representar principalmente através de fotografias que nos dão a conhecer os pratos em que a sardinha serviu de inspiração. Aqui sobressaem a tradicional petinga frita com arroz de feijão, a sardinha à escabeche, sardinha de conserva em cima da broa de milho e a bola de sardinha, prato típico de Matosinhos, que se encontra em risco de desaparecer, e que em tempos demonstrava a união entre os seus pescadores e os agricultores, as duas grandes comunidades e atividades que existiam em Matosinhos.

Na rica culinária da sardinha não se poderia esquecer de homenagear a sardinha assada na brasa, sendo este o prato rei das festas populares. Assim sendo, temos três abordagens para a sardinha na brasa, temos uma fotografia da sardinha a ser assada na brasa, a ser preparada, temos um quadro de lousa com a inscrição *prato do dia – sardinha assada na brasa* a giz, demonstrativo do ex-líbris dos restaurantes de Matosinhos e por fim temos uma fotografia do prato de sardinha na brasa acompanhado com batatas cozidas com casca e uma salada de pimentos, como manda a tradição.

Para completar o tema da sardinha na mesa podemos admirar a réplica da obra *escamando peixe* (coleção CMM), de Alda Machado e ler ainda um texto que nos remete para a origem da culinária em que a sardinha é o ingrediente principal, desde o Império Romano e a exportação do *garum* até à atualidade, evidenciando os benefícios do consumo da sardinha.

X. PRODUÇÃO

Posteriormente ao desenho final da exposição começou-se a dar vida e forma a todo o trabalho projetado, desde a produção dos materiais às estruturas a serem utilizadas.

O primeiro passo na produção da exposição consistiu na criação e preparação dos materiais a expor, iniciando pelos materiais cedidos pela CMM, onde encontramos fotografias antigas, já digitalizadas, nas quais foi preciso fazer-se pequenas correções de enquadramento de forma a terem as proporções corretas para preencherem as estruturas. Também foi necessário fazer pequenas correções digitais nas imagens, eliminadas pequenas imperfeições e correções de níveis de iluminação com fim a obter a melhor qualidade de visualização da imagem. Em relação às obras artísticas cedidas pela CMM, digitalmente, optou-se por não fazer nenhuma correção na perspetiva ou níveis, respeitando a integridade das obras, optou-se unicamente por redimensionar as imagens para um tamanho inferior às estruturas de modo a ficarem com uma margem a preto no tamanho das estruturas.

Nesta altura reforçaram-se os contactos com os diversos artistas que estavam a desenvolver obras para a exposição, com a intenção de desenvolverem os seus projetos o mais depressa possível para ter as suas obras com bastante antecedência em relação à montagem e instalação da exposição.

Durante este período também se obtiveram os restantes objetos que figuraram na exposição, como é o caso das latas de conservas antigas, pedra litográfica, latas de conserva atuais, brinquedos antigos, réplicas de barcos e sardinha de cerâmica.

Como já foi referido nos capítulos anteriores foi necessário produzir alguns materiais para a exposição, sendo nesta fase que consiste o seu desenvolvimento, tendo sido necessário fotografar sardinhas para o tema inicial, vários pratos culinários portugueses em que a sardinha é o centro das atenções, vendedeiras no mercado, indústria conserveira e da transformação que a sardinha sofre, desde que entra na fábrica até estar dentro das latas de conservas. Para além destes materiais também foram realizadas fotografias do desembarque da sardinha no porto de pesca de Matosinhos, porém estas obras não foram utilizadas na exposição, uma vez que não se enquadravam com o resto da linguagem utilizada na

abordagem do tema da pesca da sardinha, tendo sido remetidas para um segundo plano, na fase inicial, mas que vieram a ser utilizadas na página do projeto no *Facebook*, ganhando desta forma a página do projeto uma nova dimensão, onde deixa de ser uma simples página informativa e passa a ser ela própria uma extensão da exposição com novos materiais e obras expostas, continuando a experiência do público para lá da exposição.

Foi ainda necessário desenvolver três textos longos que se relacionam com os três últimos temas expostos. Para o seu desenvolvimento teve-se como base a pesquisa inicialmente efetuada, realçando a importância da sardinha e pequenas curiosidades que ajudem a cativar a atenção e o interesse do público. Outro género de texto utilizado na exposição são as legendas, sendo necessário produzir uma legenda específica para cada imagem e objeto exposto, contendo o nome do objeto, autor, data e o seu proprietário. Na produção das legendas optou-se por ser um texto curto e o mais breve possível com principal incidência no nome do objeto, uma vez que é através deste que o público faz ou completa a sua leitura da obra exposta, mas sem desviar a atenção do público dos objetos em si.



XXXIX - Exemplo de legenda utilizada na exposição SARDINHA (imagem do autor)

Ainda em relação aos textos foi necessário produzir três textos para a fase inicial da exposição onde encontramos o nome da exposição, um texto de apresentação da exposição e do projeto e uma listagem dos apoios e patrocínios na realização da exposição que seriam utilizados em caixas de luz na entrada da mesma.

Em relação às estruturas e à sua produção, conseguiu-se o patrocínio do *Leroy Merlin* de Matosinhos, como já foi referido, para os materiais de construção, tendo-os recebido uma semana antes da inauguração da exposição. Na altura de receção dos materiais, na loja, efetuou-se o corte das placas de madeira de forma a tornar a montagem das estruturas mais rápida. Com as placas já cortadas à medida iniciou-se a montagem das estruturas que dariam forma à exposição, sendo montado cada bloco para uma disposição específica, segundo o desenho final pré-desenvolvido, brincando com as distâncias das placas de dentro que iriam receber as várias imagens.

No final da produção da exposição tínhamos 89 imagens (fotografias, ilustrações, pinturas, desenhos e gravuras), oito postais antigos, uma sardinha de cerâmica, um bordado, sete brinquedos antigos, uma réplica de traineira, uma escultura de uma peixeira, quatro bonecos de cascata, nove latas de conservas antigas, dois quadros (um com uma fotografia e o outro com um gráfico), quatro ilustrações de maquetes de latas antigas, 42 latas de conserva atuais, uma tesoura de descabeço, uma pinça, duas chaves de abrir latas de conservas, uma pedra litográfica, três textos longos, 145 legendas e 76 caixas de madeira para a estrutura expositiva. Através destes materiais, foi possível transformar e materializar a ideia inicial na exposição *SARDINHA – uma exposição das profundezas do mar até à mesa*.

XI. INSTALAÇÃO / MONTAGEM / INAUGURAÇÃO / MANUTENÇÃO

Umas das fases finais no projeto de uma exposição é a sua montagem, sendo nesta altura o momento crucial e de avaliação das fases anteriores do projeto. Uma vez que todo o trabalho culmina neste único e singular momento, todo o tempo dispensado na pesquisa e produção da exposição ganha vida com a sua montagem e instalação.

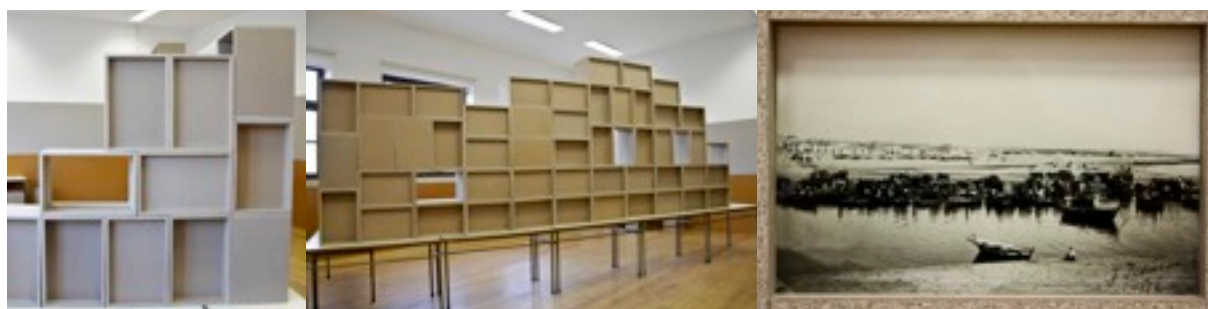
Porém antes de montar a exposição é necessário preparar o espaço que a irá receber. Tendo ficado acordado que se optaria pelo lado nascente da Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores, que se encontrava desativada há mais de um ano, o que tornara o espaço bastante degradado e sujo para a sua receção, foi necessário fazer uma primeira limpeza geral do espaço que acabou por demorar quatro dias, no total, desde limpeza de tetos, paredes, chão, postas, janelas, vidros e mobília a utilizar. Também foi necessário limpar o exterior do espaço, até ao ponto de se ter de arranjar dos canteiros e jardins, com a intenção de melhorar a aparência e limpeza dos espaços que iriam receber a exposição. Posteriormente, foi necessário fazer uma segunda limpeza geral, uma vez que não se tratava de um espaço convencional para a sua exibição.

Seguidamente, iniciou-se a montagem da exposição com a colocação das mesas escolares que serviriam de base para a estrutura expositiva. Uma vez que nos encontrávamos dentro de um espaço que já fora uma escola optou-se por utilizar como base as antigas mesas utilizadas pelos alunos que passaram pela escola, ao longo dos vários anos do seu funcionamento, respeitando desta forma as memórias do espaço e fazendo uso dos materiais que ele nos oferecia.

Em seguida, transportaram-se as estruturas e os objetos para o espaço da exposição sendo possível desta forma iniciar-se a montagem e distribuição das estruturas no espaço com fim a albergar as obras. Começou-se por colocar as várias caixas nos seus respetivos lugares e pela primeira vez a exposição estava a ganhar forma. A sua montagem foi

relativamente fácil e rápida, uma vez que elas encaixavam perfeitamente uma nas outras e tinha-se como base o esquema pré estabelecido.

Posteriormente à colocação das caixas deu-se início á montagem dos objetos dentro das mesmas, começando-se pelas fotografias e réplicas de obras de arte através do uso de fita-cola de dupla face. Em seguida, foram colocados os objetos tridimensionais para os quais foi necessário fazer algumas alterações no interior das caixas, com base nas suas necessidades específicas de montagem, de forma a acomodá-los e a proporcionar a sua melhor visualização por parte do visitante. Cada obra requer um suporte concreto para a sua exibição, como é o caso da sardinha de cerâmica, em que se teve de a pendurar dentro da caixa possibilitando ao publico a sua visualização em todo o seu esplendor, da réplica da traineira ou da pedra litográfica. Com os objetos dentro das caixas colocaram-se os acrílicos de forma a protegê-los de eventuais acidentes ou vandalismos.



XL, XLI e XLII - Estruturas no espaço expositivo e uma fotografia no seu interior (imagens do autor)

Com a estrutura montada e os respetivos elementos expositivos no seu lugar completou-se a zona expositiva com a colocação das legendas em todas as caixas, juntamente com a preparação da mesa que marcaria a zona com os suportes audiovisuais. Para tal, utilizou-se um canto da sala com uma mesa e sobre ela colocou-se um leitor de DVD, parcialmente tapado por um baú da marmita que os pescadores levavam para ao mar, encontrando-se, ao seu lado, outro baú aberto com a televisão dentro para a exibição dos documentários. De início ponderou-se projetar os filmes através de um projetor, porem, devido à iluminação da sala, a sua visualização seria quase nula. Ponderou-se ainda editar os vídeos de forma a conter unicamente imagens referentes à pesca ou à indústria conserveira, contudo não foi possível preparar o material para o dia da inauguração, mas o que se veio a revelar foi uma supresa. Aquando exibidos, as pessoas

ficavam a ver os filmes, de 1928 e de 1948, na sua íntegra o que requeria mais de 60 minutos do seu tempo, o que é notável para uns filmes que na sua primeira meia hora não contêm nenhum som e só havia três lugares reservados para as pessoas se sentarem. Assim sendo, optou-se por mostrar sempre os filmes na íntegra, em *loop*, devido à vontade das pessoas de verem Matosinhos e Leça da Palmeira de outros tempos, principalmente quando podemos contar com três gerações no público a assistirem aos filmes e a reverem os tempos passados de outras vidas, lugares e gentes.

Depois da instalação e verificação dos sistemas audiovisuais e antes de completar a sala expositiva ainda era necessário preparar dois espaços, um onde encontraríamos uma réplica de traineira e outro referente à atividade *A MINHA SARDINHA*. Em relação à réplica de traineira, aproveitou-se uma pré-existência do espaço, móvel com lavatório, e procedeu-se à sua transformação na base para receber uma réplica de traineira com as redes montadas, de forma a simular a técnica de pesca utilizada na apanha da sardinha, o cerco americano, e a explicar e exemplificar de maneira atrativa e simples aos visitantes.

Em relação ao espaço *A MINHA SARDINHA* utilizaram-se duas mesas que serviram de base para os desenhos e lápis de cores a serem utilizados, juntamente com duas caixas destinadas a albergar as sardinhas pintadas e uma outra com o nome da atividade e o convite a visitarem a página do projeto no *Facebook*, *a minha sardinha – visite a sua sardinha em www.facebook.com/sardinha.sardinha*, com os respetivos desenhos.

Com intenção de unir todo o espaço expositivo e orientar o visitante ao longo da exposição foram colados no chão diversas sardinhas que direcionavam o visitante e formavam cardumes à volta da exposição.

Desta forma ficou montado o espaço expositivo, porém ainda faltava tratar do *hall* de receção da exposição. Como já foi referido, foram utilizadas três caixas de luz de 60x60cm, destinadas a albergar o título da exposição, um texto de apresentação da exposição e do projeto e um referente aos apoios e patrocínios obtidos. Neste espaço também podíamos encontrar uma mesa com uma antiga lanterna e o livro de memórias da exposição, onde todas as pessoas que passassem por ela aí pudessem deixar uma mensagem. Este espaço ficou completo com a colocação de redes de pesca da sardinha em toda a sua envolvência, nas paredes e tetos, com o intuito de criar um espaço em que o visitante se sentisse, desde o princípio, dentro de uma viagem que começaria com a pesca deste singular peixe. Para além desta rede gigantesca foram

utilizados outros objetos (baús, lanternas, boias, chumbos e redes) nos espaços expositivos que catapultavam o visitante para outros ambientes (ver anexo 1).

Dois dias antes da inauguração da exposição surgiu a possibilidade de utilizar três sardinhas gigantes da CMM, criadas por três artistas para a Câmara aquando da iniciativa *parada do mar* em 2009, onde foram espalhadas várias obras artísticas pela cidade de Matosinhos, tendo como fonte de inspiração os animais marinhos da nossa costa. Assim sendo, aproveitou-se para dar vida e a estas obras, que se encontravam na garagem, na CMM, colocando-as no exterior do edifício, transformando-as em mais uma atração para a exposição que convidava o visitante a explorar o projeto. Depois de ter todo o espaço montado foi necessário fazer uma última limpeza a todas as estruturas do espaço, de forma a estar preparado e pronto para a inauguração.

A inauguração da exposição *SARDINHA – uma exposição das profundezas do mar até à mesa* aconteceu, pela primeira vez, no dia 26/05/2012 às 17h00s, na Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores. Deu-se o início à inauguração com as boas vindas aos visitantes da exposição seguidas de uma apresentação do projeto, da exposição e dos agradecimentos às autoridades presentes e às que apoiaram o desenvolvimento da exposição. Seguidamente, deu-se a palavra ao Vereador do Pelouro da Cultura, Voluntariado e Juventude da CMM, sendo seguido pelo Presidente da CMM. Posteriormente, fez-se a visita guiada à exposição seguida de uma degustação de conservas de sardinhas das várias fábricas do concelho de Matosinhos. Para a degustação prepararam-se as sardinhas de conserva sobre vários tipos de tostas, condimentadas com algumas ervas e especiarias, acompanhadas por vinho verde, chá verde ou água, sendo servidas por vários elementos do Rancho Folclórico dos Pescadores de Matosinhos, empregando trajes de trabalho, mais especificamente de pescadores e vendedeiras. Durante este dia foram servidos mais de três litros de água, cinco litros de chá verde, treze garrafas de vinho, 69 latas de conserva e 360 tostas.

Durante o dia de inauguração esteve presente no jardim da Antiga escola do Bairro dos pescadores uma exposição dedicada ao modelismo náutico e dentro da sede do NAPESMAT encontravam o seu polo museológico dedicado ao mar, juntamente com uma exposição de miniaturas dos monumentos religiosos de Leça da Palmeira e de Matosinhos. O dia da inauguração terminou com a exposição a encerrar às 23h55, tendo sido o horário

alargado para possibilitar uma maior visualização da exposição no seu primeiro dia, culminando-o com o tradicional fogo de artifício das festas do Senhor de Matosinhos. No dia de inauguração bateu-se todas as expectativas, uma vez que durante a tarde e a noite passaram mais de 1150 pessoas pela exposição (ver anexo 2).

A manutenção de uma exposição é um ponto crucial em todas as exposições, interfere no projeto, desenho, construção e respetiva instalação. A manutenção vai desde a abertura da exposição, troca de lâmpadas, limpeza, manutenção do espaço e troca de algum equipamento eletrónico e mecânico. Desta forma, todas as despesas de manutenção, operacionalidade e sustentabilidade de uma exposição têm de estar incluídas no orçamento inicial, sendo necessário na projeção da exposição ter-se em atenção as capacidades dos materiais e sistemas expositivos aguentarem o desgaste diário do uso e todos os elementos da exposição devem ser acessíveis para uma rápida reparação ou substituição.

Na manutenção de uma exposição é essencial a sua inspeção diária para assegurar que se mantem com os mesmos níveis de qualidade ao longo da sua mostra. O espaço tem de estar limpo e apresentável durante todo o período que dura a exposição e é preciso ter em atenção a necessidade de substituição e troca de textos e imagens em caso destes se degradarem ou serem vandalizados.

Durante a exibição da exposição foi necessário fazer pequenas alterações nas estruturas da exposição, uma vez que se conseguiu encontrar novos objetos, a que não tínhamos acesso até ao momento, e que revelaram serem pertinentes para o discurso expositivo, no tema do imaginário da sardinha, como foi o caso de um reco-reco, em forma de sardinha colorida, de uma carrinha de latão e uma traineira de madeira de brincar para completar os brinquedos relacionados com a sardinha. Ainda neste tema, *sardinha do mar até à venda*, encontrou-se uma fotografia impressionante das viúvas e filhos do naufrágio de 1947 que era indispensável para fechar o subtema dos sacrifícios das gentes do mar. Para além desta fotografia acrescentou-se outra referente aos barcos engalanados para as Festas em Honra do Mártir S. Sebastião, anos 40 (coleção NAPESMAT). Já no tema *sardinha e a indústria conserveira* acrescentaram-se algumas maquetes de impressões das latas de conserva antigas e conseguiram-se arranjar mais algumas ferramentas utilizadas pelas mulheres da indústria conserveira. Ainda referente ao tema da sardinha na indústria conserveira foi oferecida pelo Vereador da Cultura da CMM uma coleção de oito latas de

conserva para configurar na exposição, editadas pela CMM no centenário da indústria conserveira em Matosinhos, onde temos latas desenhadas pelos arquitetos que já passaram e têm obras em Matosinhos, como é o caso de Siza Vieira, Alfredo Barros, José Salgado, Souto Moura, Sissa Afonso, Alcinho Soutinho e Armando Alves, realçando desta forma o carácter visual das latas de conservas como objeto de *design*.

A desmontagem de uma exposição também se revela uma altura crucial para constatar se ela é na realidade portátil ou não, uma vez que deve ser de fácil e rápida desmontagem e montagem, bem como o seu fácil transporte. Iniciou-se a primeira desmontagem da exposição por retirar os objetos de dentro das vitrines, para não correr nenhum risco desnecessário, sendo logo protegidos e embalados para o seu transporte. Já os textos, imagens, ilustrações e fotografias não necessitam de serem desmontados, uma vez que estão dentro das estruturas e serão guardados e transportados dentro delas sem correrem risco de degradação. Como a exposição já teve de fazer três deslocações, já foi possível averiguar o tempo necessário para a sua desmontagem e montagem em outro espaço, tendo a média de seis horas para todo o processo.

XII. AVALIAÇÃO

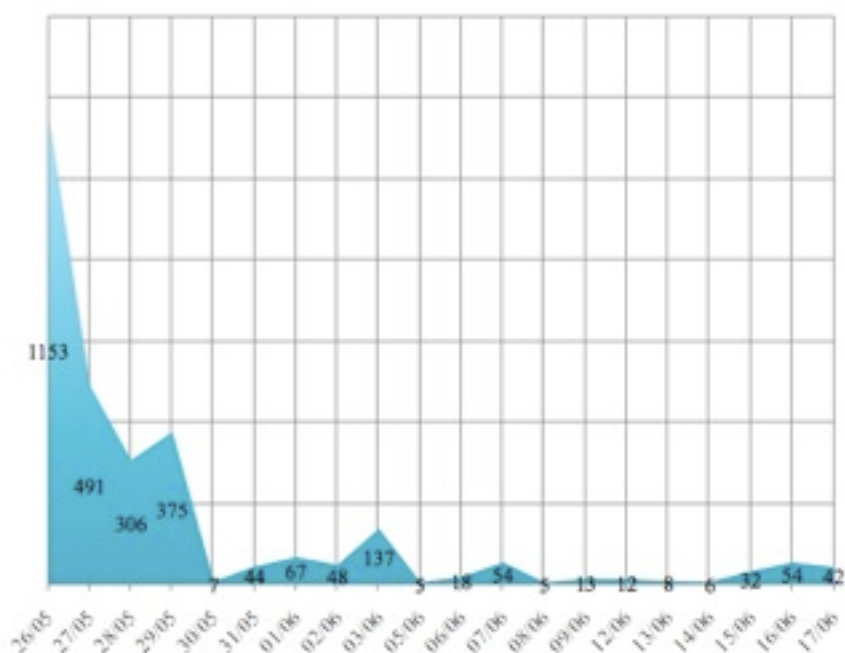
A avaliação de uma exposição torna-se imperativo na sociedade atual, onde as ofertas são muitas e os recursos estão constantemente a ser reduzidos. Assim sendo, a avaliação de uma exposição vem ganhando cada vez mais força e peso. Só através de uma constante avaliação e questionamento, é que se torna possível aprender e crescer com os sucessos e fracassos das opções tomados na criação de uma exposição.

A avaliação deve ser constante ao longo de todo o trabalho, devendo acontecer com principal atenção em três alturas do projeto, na fase inicial, prevendo e antecipando eventuais contratemplos que poderão vir a acontecer e a ter em atenção mais-valias para a valorização do projeto; durante a fase de planeamento e conceção da exposição, com a intenção de fazer um *checkpoint* da exposição; no final da exposição, com o objetivo de constatar o seu sucesso, se o planeamento foi bem projetado e os objetivos inicialmente pretendidos foram alcançados.

Uma das ferramentas mais utilizadas na avaliação das exposições são os questionários / inquéritos. Porém, para o seu desenvolvimento é necessário fazer um estudo de público bastante rigoroso e específico o que não aconteceu com este projeto, uma vez que se trata de uma exposição portátil que não está ligada a um espaço expositivo predefinido e com história, também não se tratava dos objetivos e orientações deste projeto.

É, no entanto, possível fazer uma avaliação da exposição de forma quantitativa e qualitativa de forma sumária, uma vez que foi contabilizado o número de visitantes que passaram pelo espaço da exposição e o seu funcionamento esteve sempre dependente do mestrando que pôde recolher, em primeira mão, as opiniões dos visitantes.

Assim sendo, em relação à avaliação da exposição de forma quantitativa esta ultrapassou todas as expectativas, uma vez que o objetivo inicial seria de chegar a 1.000 pessoas durante as três primeiras semanas de exibição ao público, acabando por alcançar ao longo deste período 3.008 visitantes, com principal incidência durante a sua primeira semana, como se pode verificar pelo gráfico.



XLIII - Gráfico do número de visitas diárias à exposição SARDINHA, de 26 de maio a 17 de junho

Para além da sua exibição na Antiga Escola EB1 dos Bairro dos Pescadores a exposição já esteve patente em outros três espaços, viajando primeiro para as Festas em Honra do Mártir S. Sebastião, onde em apenas quatro dias teve a visita de mais de 600 pessoas. Posteriormente, durante o mês de agosto, deslocou-se para o Mercado de Matosinhos, de forma a figurar nas suas comemorações de 60 anos de existência. Porém como se trata de um espaço aberto e a abertura e fecho da exposição não foram da responsabilidade do mestrando não foi possível contabilizar a sua afluência, podendo simplesmente ter sido possível contabilizar no dia da sua inauguração, o que rondou as 190 pessoas a verem a exposição. De momento encontra-se em exibição na Escola Básica de Leça da Palmeira onde já contou com 1.700 visitantes.

Em relação à avaliação de forma qualitativa, deve-se ter em conta a reação e aceitação, ou não, do público à exposição, tendo em consideração, em primeiro lugar, a atração do público para a exposição, se aprenderam algo, se correspondeu às suas expectativas e necessidades e se proporcionou um momento agradável, o balanço é positivo.

A exposição *SARDINHA* tratou-se de uma exposição portátil que se desenvolveu a partir de um estudo rigoroso do seu tema pelas suas várias áreas. A pesquisa revelou-se a tarefa mais demorada de todo o processo da produção da exposição, sendo a partir dela que se elaborou o guião da exposição. Foi uma preparação indispensável para o conhecimento da matéria, uma vez que foi o primeiro contacto com os temas envolventes e era indispensável a sua correta

preparação, uma vez que iria abordar um tema querido numa comunidade que representa os seus maiores especialistas e conhecedores. A larga e positiva aceitação da exposição por parte do público é facilmente constatada pelas inúmeras mensagens deixadas no livro de memórias da exposição. Neste livro os visitantes poderiam escrever algumas palavras sobre a exposição ou as suas vivências relacionadas com o espaço e o tema expositivo (ver anexo 4):

Muitos parabéns por tudo. Têm uma ótima exposição. Parabéns.

Uma ótima exposição, muito cultural e bem apresentada!

Parabéns por esta exposição que mostra aos cidadãos como era muito e é custosa e penosa a vida no mar dos nossos pescadores.

Gostei muito de rever o passado e relembrar os logotipos antigos e nomes de fábricas para as quais trabalhei.

Trabalho notável! Parabéns pela iniciativa e pela manutenção do edifício que nos é muito especial!

Bastante completa e que bem integrada está esta exposição! Parabéns!

Porque cada um que passa recorda as ligações que fez a sardinha, conhecendo sempre alguém que faz, ou fez, da sardinha profissão.

Também é de notar a vontade dos visitantes verem mais vezes a representação do seu património presente na exposição e da sua valorização, alicerçada pelo desejo de verem um *Museu do Mar*. Outro ponto a ter em atenção na avaliação é a larga aceitação do público e a vontade manifestada de oferecerem, enriquecerem a exposição com espólios pessoais em torno da sardinha, os quais são autênticas raridades que não se encontram na posse das autoridades ou associações locais. Porém devido à fugacidade do projeto e a ser impossível a promessa da correta conservação e valorização do património não é eticamente possível serem aceites, ficando, no entanto, o contacto para novas iniciativas que a comunidade gostava de realizar e de se ver representada, uma vez que a exposição evoca modos e lugares da vida do seu passado e presente.

Na exposição denotou-se que se tinha criado uma narrativa lógica e coerente que guiava o visitante das profundezas do mar até à mesa portuguesa, através da utilização de diferentes conteúdos que de início poderiam parecer incompatíveis, mas que graças a uma correta disposição possibilitaram novas leituras dos objetos, de forma particular e do conceito em geral. No fim da visita à exposição o visitante fica a conhecer uma nova faceta da sardinha, mesmo tendo trabalhado nela toda a sua vida, e a importância da valorização do património que ainda resta, com principal atenção para o da indústria conserveira e o património imaterial.

XIII. CONCLUSÃO

O trabalho apresentado descreve o estudo, planeamento, execução e controlo da exposição portátil *SARDINHA*. A exposição foi criada com o objetivo de explorar o mundo da sardinha e as várias vertentes inerentes à realização de uma exposição.

O primeiro objetivo deste projeto foi a concretização de uma exposição, tendo como base os conhecimentos adquiridos ao longo do primeiro ciclo do Mestrado em Museologia. Já o segundo objetivo deste trabalho consistia na descoberta e valorização de um tema e património que tem sido negligenciado, uma vez que nunca foi objeto de estudo ou de exposição numa zona que, durante as décadas de 40 a 60, foi o maior porto sardineiro do mundo.

Assim sendo, para a realização deste projeto foi necessário passar por várias fases com principal atenção e cuidado no estudo do objeto e no planeamento da exposição. O estudo da sardinha é complexo uma vez que acarreta inúmeras áreas e informações, tratando-se de uma espécie que se pode encontrar por todo o mundo e que é comum a todos os povos. Deste modo, foi necessário estruturar as suas múltiplas áreas com intenção de delimitar e controlar a informação necessária e pertinente para a exposição. Teve-se de estudar em primeiro lugar a espécie da *sardinha pilchardus*, as artes da sua pesca e a sua relação com Matosinhos, o que impulsionou o seu desenvolvimento e o surgimento da indústria conserveira. Também foi necessário estudar a relação da sardinha com a culinária portuguesa e os seus benefícios para a saúde, terminando com os provérbios e ditos populares. Em relação a este tema, provérbios e ditos populares, não foi possível ser abrangido na exposição devido à contenção de custos.

Na realização do projeto é de realçar a importância do planeamento e produção da exposição. Só através do correto planeamento é que podemos obter os resultados que inicialmente foram propostos alcançar e os objetivos inicialmente delineados, dos quais se destacam o de descobrir e dar a conhecer a sardinha e o da realização da exposição.

Ambos os objetivos estão dependentes um do outro, uma vez que só com a realização da exposição é que foi possível dar a descobrir os mundos da sardinha numa sociedade que se encontra um pouco de costas voltadas para umas das indústrias que a fez florescer. Assim sendo, o primeiro objetivo visou a descoberta da sardinha numa comunidade que teve o seu

desenvolvimento dependente dela, mas que atualmente desconhece a sua importância e todos os progressos que lhe proporcionou. Um ponto importante na conclusão deste projeto é a nota da vontade da comunidade envolvente de participar ativamente na conceção do projeto e realização de exposições em que se vê representada ou que abordem as suas memórias coletivas.

O segundo objetivo, realização da exposição, também foi alcançado, após atravessar algumas dificuldades na disponibilidade de espaços para expor e no financiamento. Pode-se dizer que a exposição foi um autêntico sucesso, uma vez que conseguiu atingir mais de 5.500 pessoas em apenas quatro meses e ficou a vontade e o projeto de fazer outras atividades em torno da sardinha, desde exposições de *design* em que as latas de conservas são o centro das atenções, explorar as memórias das indústrias conserveiras e o seu impacto sociocultural em Matosinhos e descobrir e valorizar o seu património industrial e imaterial.

Para o sucesso da exposição contou a vontade do público em descobrir um pouco mais deste ícone da cultura popular portuguesa, a promoção da iniciativa e o alargamento do horário inicialmente estabelecido. A promoção, com principal destaque na página do projeto no *Facebook*, revelou-se ser de bastante utilidade e dar uma resposta rápida às necessidades dos visitantes. Inicialmente a página seria para promover o projeto e fazer atualizações para os seguidores estarem a par das deslocações e atividades do projeto. Porém logo no início alargou-se as suas funções para a promoção da sardinha, em termos latos, desde publicações até ligações a outras pessoas que trabalhavam à volta da sardinha, quer seja no mundo gastronómico ou nas artes, de notícias, objetos de *design*, exposições e outras atividades culturais. O horário alargado foi um fator importante para o sucesso da exposição, o que inicialmente estava previsto ser um horário normal das 14h00 até às 19h00, rapidamente passou para um horário das 10h30 até às 24h00. Esta mudança de horário requereu bastante sacrifício, uma vez que foi necessário garantir a sua abertura, manutenção e fecho todos os dias, mas os resultados foram bastante positivos e compensaram os sacrifícios feitos. Foi essencial e continua a ser ir de encontro às possibilidades e necessidades dos públicos que frequentam as atividades culturais e, muitas vezes, isso requer ir ao seu encontro *in loco* e alargar os horários das entidades culturais. O prolongamento do horário justificou-se principalmente durante as duas primeiras semanas de abertura da exposição, período referente à Romaria do Senhor de Matosinhos e da Feira de Artesanato de Matosinhos e durante a sua estadia na Docapesca de Matosinhos, Festas em Honra ao Mártir S. Sebastião.

Em suma, é necessário fazer um esforço para criar exposições pertinentes para os seus visitantes em que se possa transmitir conhecimento e informação de forma lúdica e descontraída e dar aos seus visitantes ferramentas uteis para a sua aprendizagem e valorização. Um dos pontos chave para o sucesso da exposição foi criar uma exposição em que se desperta a curiosidade e a imaginação do público, bem como estimular o seu desejo de aprender, ao mesmo tempo que desfruta de momentos de lazer.

A realização de uma exposição desta envergadura revelou-se um processo de constante aprendizagem em que as tarefas desempenhadas para a sua criação são múltiplas e de grande abrangência e em que a exposição resulta de um complexo sistema de conceção e interpretação, desenho e organização, comunicação, apresentação e representação, transmitidas através dos objetos expostos e da sua disposição.

Esta exposição foi um trabalho individual, no que diz respeito à idealização e materialização do conceito da exposição. Porém a sua realização só foi possível graças a parcerias com associações, entidades políticas e culturais. A criação de uma exposição envolve diversas disciplinas que se unem para dar forma a uma ideia onde são necessárias competências artísticas e científicas. Por assim dizer, um museólogo atualmente tem que ser projetista, desenhador, curador, diretor do projeto, comissário, investigador, coordenador, desenhador de iluminação, relações públicas, *designer*, arquiteto, conservador, engenheiro, segurança, educador, guia, editor, técnico de produção e montagem, jardineiro, picheleiro, carpinteiro, eletricista, pintor e carregador.

Conclui-se que todos os objetivos traçados foram alcançados uma vez que se realizou o projeto, aprofundaram-se e adquiriram-se novos conhecimentos que doutra forma seriam impossíveis de alcançar. O projeto é uma mais-valia para o futuro, quer para o mestrando quer para o conhecimento de saberes e tradições que estão a desaparecer rapidamente caso não se realizem atividades para a sua valorização e divulgação.

O trabalho desenvolvido deu uma nova perspetiva da importância das exposições e do seu correto planeamento e execução, uma vez que se trata do melhor canal de comunicação entre museus, instituições museológicas e os seus visitantes. É através de uma exposição que o museu se dá a conhecer e o seu correto planeamento é a base da sua vida e de todos os seus serviços, bem como um recurso precioso.

XIV. BIBLIOGRAFIA

- AIRES, Isabel, Cid, José 2007. *Do projecto ao museu* in *Museologia.pt* 1, pp. 154-158.
- ALMEIDA, António Manuel Passos 2006-2007. *Contributos ao estado da museologia portuense no século XIX*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Porto.
- ANGINOT, Philippe & O. Barbaroux 2002. *La sardine, De La Mer À La Boîte*, Libris, Seyssinet.
- AUERBACH, Jeffrey 1999. *The great exhibition of 1851: a nation on display*, Yale University Press, Estados Unidos da América.
- BARCLAY, Robert, A. Bergeron & C. Dignard 1998. *Mount-marking for museum objects*, Canadian Conservation Institute, Ottawa, Canada.
- BARKER, Emma 1999. *Contemporary cultures of display*, Yale University Press, Estados Unidos da América.
- BELCHER, Michael 1991. *Exhibitions in museums*, Smithsonian Institution, Washington D. C.
- BURCAW, G. Ellis 1997. *Introduction to museum Work*, AltaMira Press, California, Estados Unidos da América.
- CARRIER, David 2007. *Museum Skepticism: a history of the display of art in public galleries*, Duke University Press, Estados Unidos da América.
- CENTRO DE ECONOMIA AGRÁRIA E SOCIOLOGIA RURAL, Instituto Nacional de Investigações das Pescas 1991. *Portugal moderno: enciclopédia temática*, Agricultura e Pescas, Edições Pomo, Lisboa.
- CHAVES, António et al. 2011. *O rio da memória: arqueologia no território do Leça*, Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos.
- CHERRY, Deborah & F. Cullen 2008. *Display and spectacle*, Wiley-Blackwell, University of Michigan.
- CLETO, Joel 1989. *Arqueologia industrial, exposição sobre indústria conserveira em Matosinhos*, Editorial Caminho, Lisboa.

- CLETO, Joel 1995/96. *A indústria de conserva de peixe no Portugal romano, o caso de Angeiras, Matesinus*. Revista de Arqueologia, História e Património de Matosinhos, 1, Matosinhos: Gabinete Municipal de Arqueologia e História.
- CLETO, Joel 1996. *Conserveira Pinhais: património vivo em Matosinhos*, Revista Municipal n.º14, Câmara Municipal de Matosinhos.
- CLETO, Joel 1998. *Porto de Leixões - fotografias Domingos Alvão e Emílio Biel*, APDL - Administração dos Portos do Douro e Leixões.
- CORDEIRO, José M. Lopes 1989. *A indústria conserveira em Matosinhos: exposição de Arqueologia industrial*, Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos.
- DEAN, David 1994. *Museum exhibition: theory and practice*, Routledge, Londres.
- DURFEE, W. 2008. *Project planning and Gantt Charts*, University of Minnesota.
- FANGUEIRO, Óscar 1988. *A descarga do peixe no passado*, Edição Câmara de Matosinhos, Matosinhos.
- FEARING, Daniel B. 1804. *Memoria sobre as diversas salgas da sardinha*, Officina Regia, Lisboa.
- FELGUEIRAS, Octávio Lixa 1994. *Traineeiras da Costa Portuguesa*, Edição Bilingue, Clube do Coleccionados C.T.T.
- FERNÁNDEZ, Luis Alonso 1993. *Museología: introducción a la teoría y práctica del museo*, Fundamentos Maior, Espanha.
- FERNÁNDEZ, Luis Alonso, Fernández, Isabel García 1999. *Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje*, Alianza Editorial, Madrid, Espanha.
- FERNÁNDEZ, Luis Alonso 2006. *Museología y museografía, ediciones del serbal*, Barcelona, Espanha.
- FESTAS DO SENHOR DE MATOSINHOS, Comissão de 1995. *Receitas de sardinha*, Câmara de Matosinhos, Matosinhos.
- FREEMAN, Ruth 2001. *The evolution of an exhibit: community museums and travelling exhibits*, Onatario Museum of Association, Toronto.
- GALEGO, Belmiro Esteves 2004. *Pescadores de Matosinhos*, Editorial Maresia, Câmara Municipal de Matosinhos.
- GALEGO, Domingos 1930. *Matosinhos ontem, hoje e amanhã*, Câmara Municipal de Matosinhos.

- GAHTOENS, Thomas W. & L. Marchesano 2011. *Display and art history: the dusseldorf gallery and its catalogue*, Getty Research Institute, U. S., Los Angeles, Estados Unidos da América..
- GAMEIRO, José 2007. *Um programa museológico para Portimão. Da fábrica ao museu, do museu à comunidade* in *Museologia.pt* 1. pp. 150-153.
- HOMS, M.^a Inmaculada Pastor 1992. *El museo y la educación en la comunidad*, Pedagogía Social, Barcelona, Espanha.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean 1992. *Museums and the shaping of Knowledge*, Routledge, Londres.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean 1998. *Los museos y sus visitantes*, Ediciones Trea, Madrid.
- COEMAN, Laurence Vail 1950. *Museum buildings*, The American Association of museums, Washington.
- MACDONALD, Sharon 2007. *Exhibition experiments*, Blackwell Publishing, Oxford.
- MARÇAL, Horácio 1988. *A luta de Matosinhos*, Edição Câmara de Matosinhos, Matosinhos.
- MARTINEZ, Javier Gómez 2006. *Dos museologías - las tradiciones anglosajona y mediterránea: diferencias y contactos*, Ediciones Trea, Espanha
- MAURE, Marc 1996. *La nouvelle muséologie – qu'est-ce-que c'est?* in Schärer, Martin R. (ed.) *Museum and community II*, Icofom Study Series 25, Vevey, Suíça, Alimentarium Food Museum, pp. 127-132.
- MENSCH, P. Van 1991. *The language of exhibitions* in Martin R. Schärer (ed.) *Icofom Study Series*, Vevey, Suíça, pp. 11-13.
- PACHECO, Helder 1986. *O grande Porto: Gondomar, Maia, Matosinhos, Valongo, Vila Nova de Gaia*, Edições Presença, Lisboa.
- PACHECO, Helder 2004. *Porto - o livro do S. João - tomo 1*, Edições Afrontamento.
- PACHECO, Helder 2005. *Porto - o livro do S. João - tomo 2*, Edições Afrontamento.
- PEARCE, Susan 1995. *On collecting: an investigation into collecting in the european tradition*, Routledge, Londres.
- RICO, Juan Carlos 1999. *Museos arquitectura arte: los espacios expositivos*, Sílex Ediciones, Espanha.
- RICO, Juan Carlos 1999. *Los conocimientos técnicos: museos, arquitectura, arte*. Sílex Ediciones, Madrid, Spain.

- REGA, Mário & F. Resende 2004. *Memórias de um passado recente: traineiras e motivos sobre Matosinhos*, Junta de Matosinhos, Matosinhos.
- ROLDÃO, Victor Sequeira 2000. *Gestão de projectos, uma perspectiva integrada*, Monitor, 1.º edição, Lisboa.
- SARDINHA 1960. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Volume XXVII*, Editorial Enciclopédia, Lisboa / Rio de Janeiro.
- SEMEDO, Alice 2004. *Da invenção do museu público: tecnologias e contextos*, revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, I Série volume III, Porto, pp. 128-136.
- SOEIRO, Teresa & F. C. Lourido 1999. *Fainas do mar: Vida no Litoral Norte*, Centro Regional de Artes Tradicionais, Porto.
- SOUSA, Fernando de & J. F. Alves 2002. *Leixões - uma história portuária*, Porto de Leixões e Grafiassa, Porto.
- STANISZEWSKI, Mary Anne 2001. *The power of display: a history of exhibition installations at the Museum of Modern Art*, MIT Press, Nova York.
- TATO, José Fernandes 2009. *A Maré*, Editores A. S. Castelo Branco e Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos.
- TATO, Josué 2008. *Memória da indústria conserveira de Matosinhos, Leça da Palmeira e Perafita: 1899 – 2007*, Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos.
- VERHAAR, Jan & H. Meeter 1989. *Project model exhibitions*, Reinwardt Academie, Holanda.

XV. WEBGRAFIA

A.I.N.A. - Association Internationale Nicolas Appert [em linha] disponível em: <http://www.appert-aina.com/> (Consultado a 11 de maio de 2012).

ALGARVE FILM [em linha] disponível em: www.algarvefilm.com (Consultado a 11 de maio de 2012).

BLOG MUSEU MUNICIPAL DE ESPINHO [em linha] disponível em: <http://museumunicipaldeespinho.blogspot.pt/> (Consultado a 11 de maio de 2012).

CENSO NOGUEIRA [em linha] disponível em: <http://www.charutosebebidas.com.br/materias/sardinha.html> (Consultado a 11 de maio de 2012).

MARINE STEWARDSHIP CONCIL [em linha] disponível em: <http://www.msc.org/> (Consultado a 11 de maio de 2012).

CINEMATECA [em linha] disponível em: <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8294&type=Video> (Consultado a 11 de maio de 2012).

CMDV - Portal do Deficiente Visual [em linha] disponível em: http://www.cmdv.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=775 (Consultado a 11 de maio de 2012).

CONSERVEIRA DO SUL [em linha] disponível em: www.consul.pt/ (Consultado a 11 de maio de 2012).

DEPARTMENT OF HEALTH [em linha] disponível em: <http://www.health.ny.gov/diseases/conditions/osteoporosis/vitd.htm> (Consultado a 11 de maio de 2012).

DN [em linha] disponível em: http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1844007 (Consultado a 11 de maio de 2012).

ENTRE O MAR E A TERRA [em linha] disponível em: <http://www.scribd.com/maria-daniela/d/35924871-ESPINHO-Entre-o-Mar-e-a-Terra2#download> (Consultado a 11 de maio de 2012).

ESPINHO [em linha] disponível em: <http://portal.cm-espinho.pt> (Consultado a 11 de maio de 2012).

FOGAÇA, Cristina [em linha] disponível em: <http://www.cristinafogaca.com/10983/187382.html> (Consultado a 11 de maio de 2012).

FOTO ARCHAEOLOGY [em linha] disponível em: <http://www.fotoarchaeology.blogspot.pt> (Consultado a 11 de maio de 2012).

FREIRE, Adriana [em linha] disponível em: <http://www.virgiliogomes.com/cronicas/79-sardinha-rica-sardinha> (Consultado a 11 de maio de 2012).

- GROVER, D. 2002. *Graphical Project planning techniques: an overview of gantt, PERT, and CPM charts prepared for groups* [em linha] disponível em: <http://www.southampton.ac.uk/~jps7/Aircraft%20Design%20Resources/project%20management/ganttv1.pdf> (Consultado a 25 de agosto de 2012).
- IPO PORTO [em linha] disponível em: <http://www.ipoportor.min-saude.pt/> (Consultado a 11 de maio de 2012).
- LIFE&STYLE, [em linha] disponível em: http://lifestyle.publico.pt/bemestar/288889_s-de-sardinha (Consultado a 11 de maio de 2012).
- MAIL TRIBUNE [em linha] disponível em: <http://www.mailtribune.com/apps/pbcs.dll/article?AID=/20071106/LIFE/711060318/-1/LIFE0203> (Consultado a 11 de maio de 2012).
- MATOSINHOS [em linha] disponível em: <http://www.cm-matosinhos.pt/> (Consultado a 11 de maio de 2012).
- PESO&MEDIDA [em linha] disponível em: <http://static.publico.pt/pesoemedia/ficha.aspx?id=1278382&idMenu=1792> (Consultado a 11 de maio de 2012).
- PORTAL DO FADO [em linha] disponível em: http://www.portaldofado.net/component/option,com_jmovies/Itemid,336/task,detail/id,351/ (Consultado a 11 de maio de 2012).
- PORTIMÃO [em linha] disponível em: <http://www.cm-portimao.pt> (Consultado a 11 de maio de 2012).
- PORTO [em linha] disponível em: <http://www.cm-porto.pt/> (Consultado a 11 de maio de 2012).
- PÓVOA DE VARZIM [em linha] disponível em: <http://www.cm-pvarzim.pt/> (Consultado a 11 de maio de 2012).

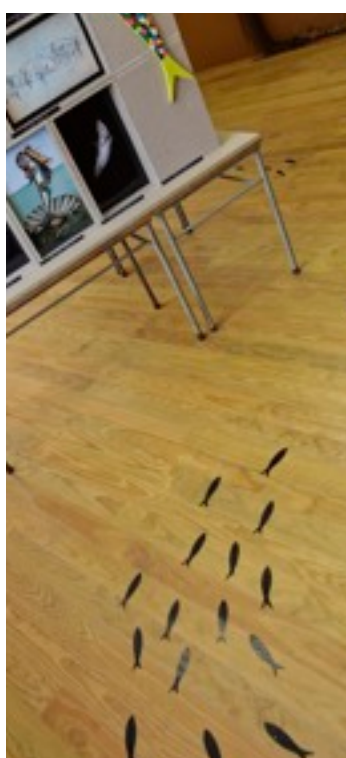
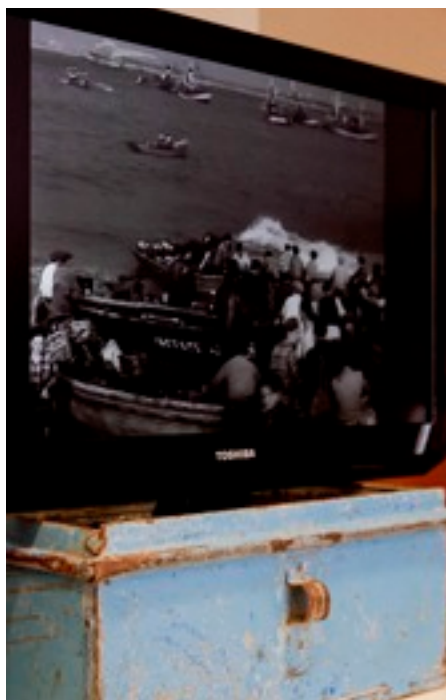
XVI. ANEXOS

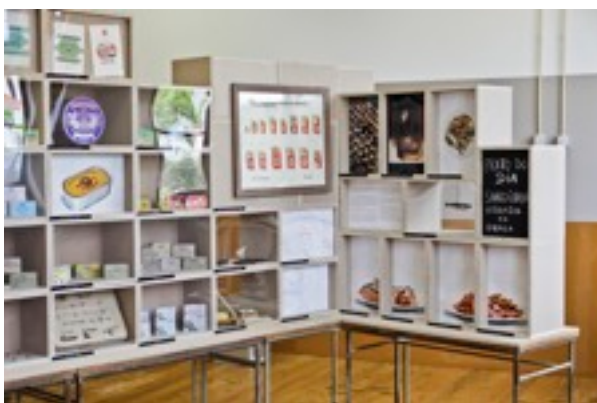


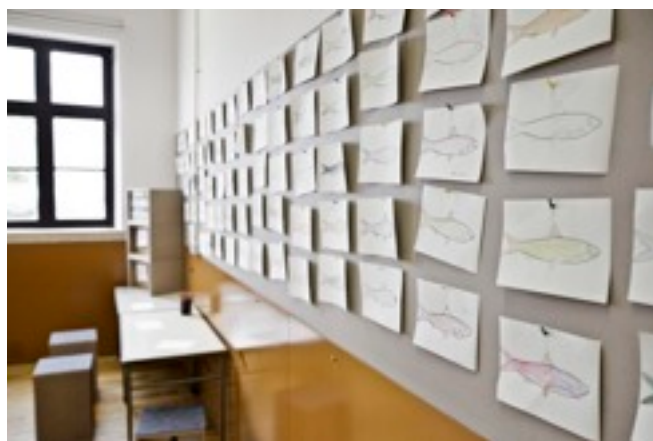
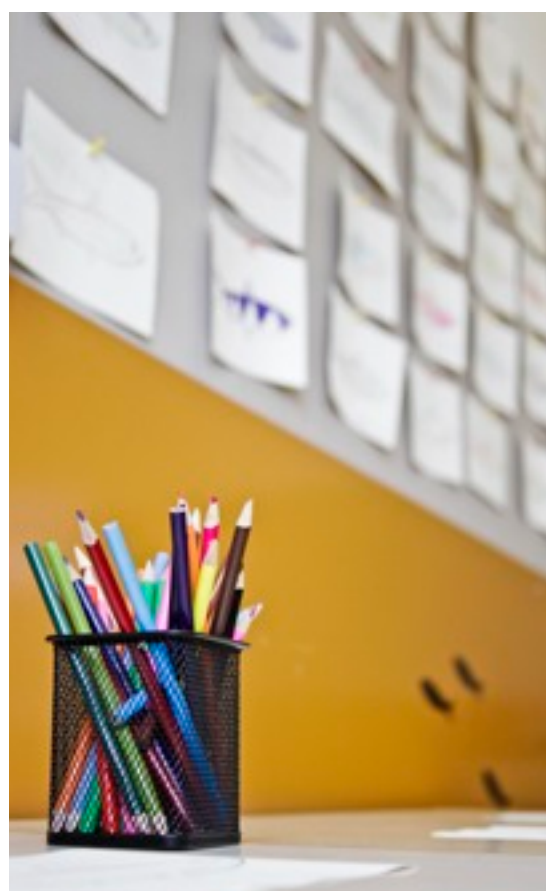
XLIV - Sardinha (imagem do autor)

XVI.1. EXPOSIÇÃO SARDINHA









XLV a LXVI - Exposição SARDINHA na Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores (imagens do autor)

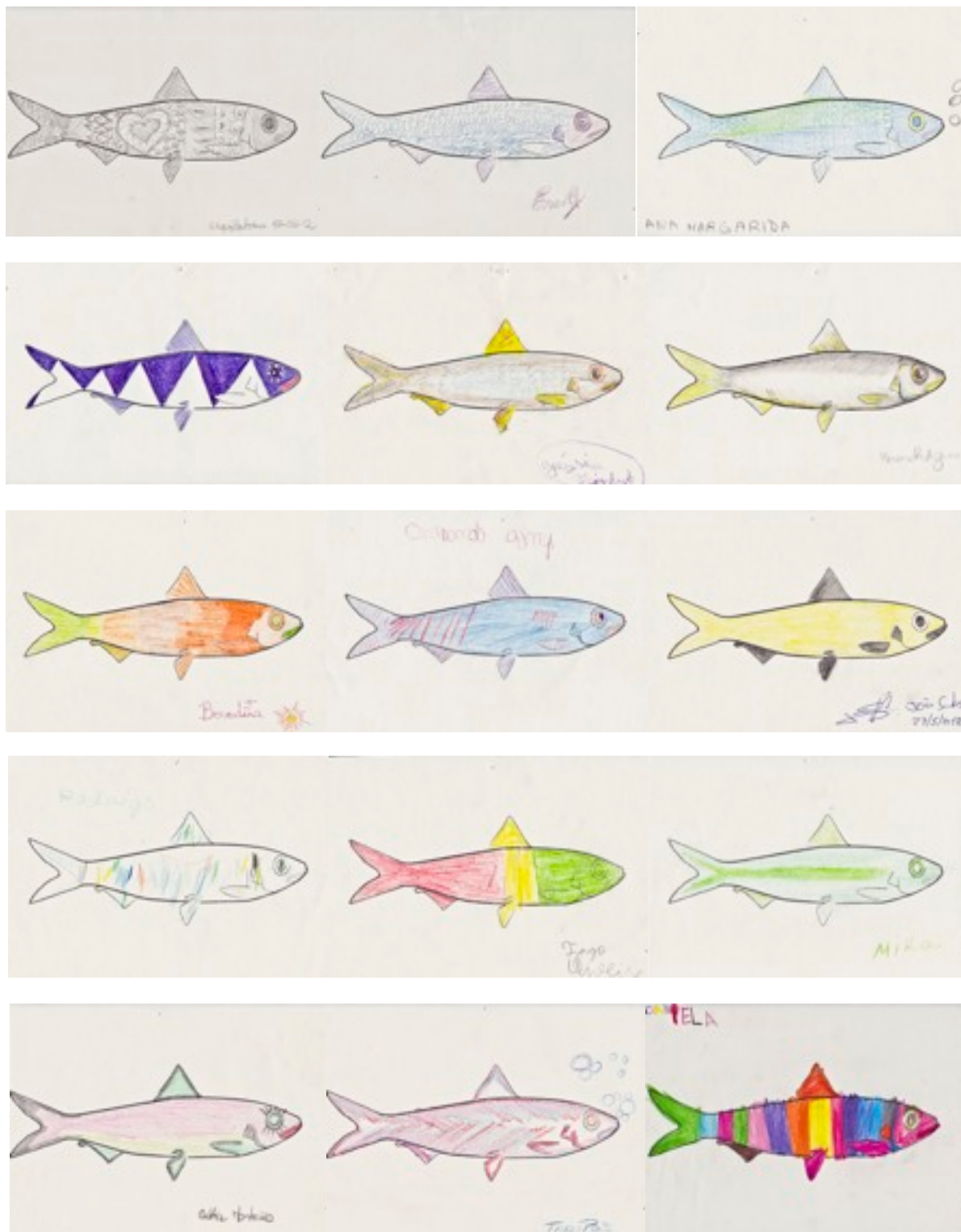
XVI.2. INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO SARDINHA

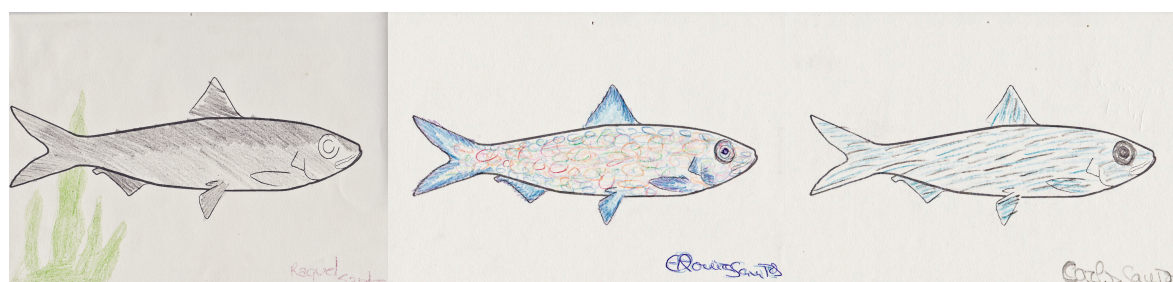
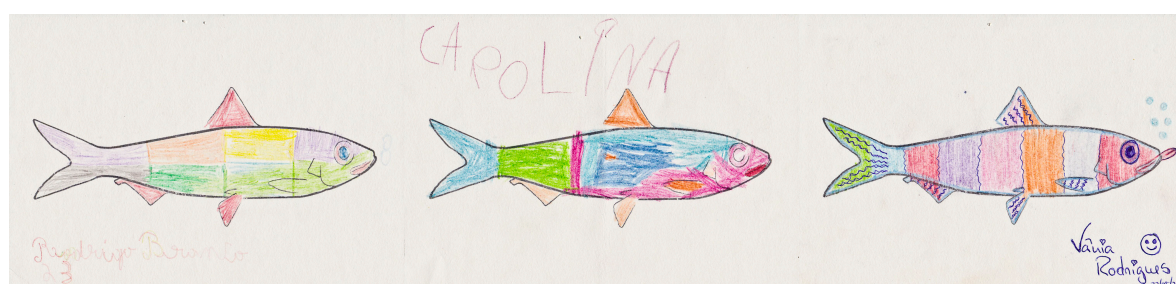
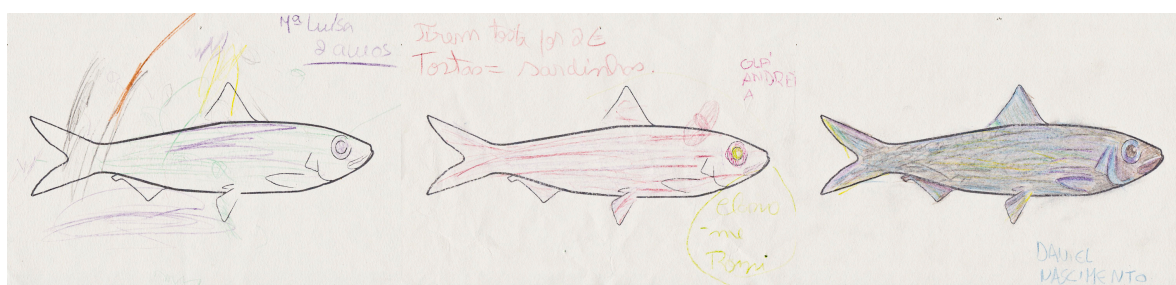
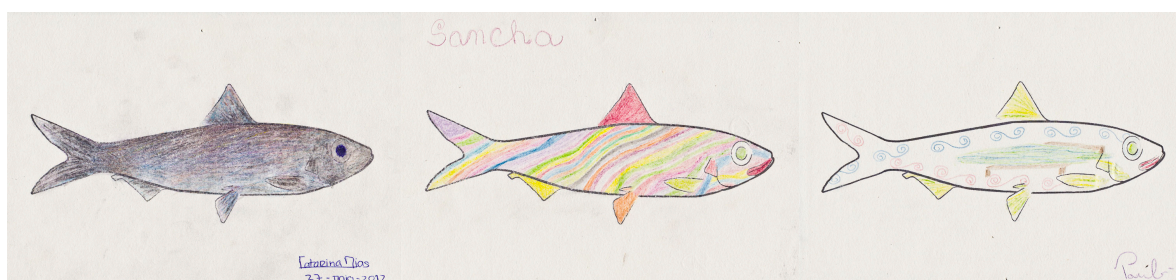


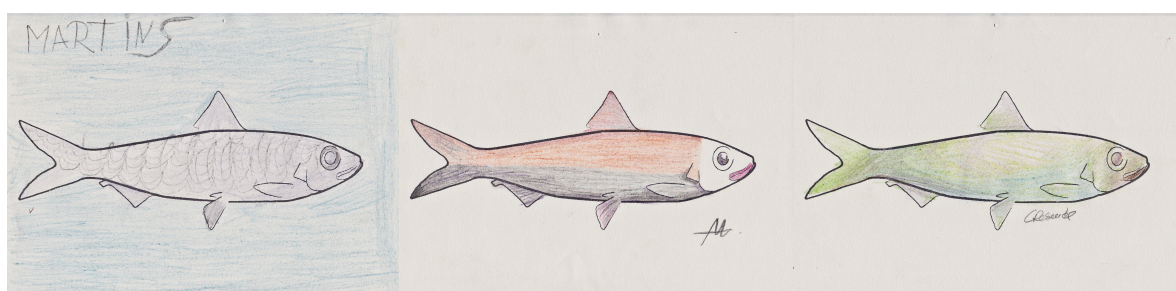


*LXVII a LXXIX - Inauguração da exposição SARDINHA na Antiga Escola EB1 do Bairro dos Pescadores
(imagens do autor e colaboradores)*

XVI.3. A MINHA SARDINHA







LXXX a CXXII - A MINHA SARDINHA, alguns exemplares das ilustrações

XVI.4. LIVRO DE MEMÓRIAS DA EXPOSIÇÃO

Manuela Garcia-Ferreira
(Presidente da Associação dos Antigos Alunos da
Escola do Azeite)

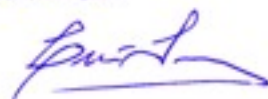
Parabéns pela iniciativa. Haja quem com
vontade junte as pontas e faça as pontas
das nossas vidas, da nossa terra e da
nossa cultura

É bom que ainda existam pessoas empenhadas
em preservar a sabedoria dos tempos antigos.
É uma exposição para toda a família e a ideia
de preservar um desenho por uma crónica é fantástica.
Parabéns!

TIAO Grace Teju,
t-fo t-ir

Luísa,
os meus parabéns pelo teu brilhante trabalho e pelo
grande empenho e dedicação demonstrados. A
exposição está super interessante e com um design
muito arrojado.
Com o espólio que a C.M. Matosinhos te cedeu a tua
missão era exultante. Todavia, o resultado
final é fantástico e permite a todas as gerações
perceber a importância e o papel da Sardinha e
da Indústria Conserveira ao longo dos últimos
150 anos.

Um Abraço e votos de
muito sucesso.



Os meus parabéns pela exposição
Enfithages

Em nome dos alunos, funcionários e professores que hoje estiveram aqui presentes a visitar e festejar o dia do Bairro dos Pescadores, damos os parabéns por esta magnífica exposição.

Prometemos voltar em breve, desejamos as melhores felicidades a todos e a equipe que realizou esta incansável tarefa.

Bom-bom e Parabéns!

Henrique

Um povo sem passado é um povo sem futuro. Um país sem orgulho do seu passado, é um país pobre. Foi com muito agrado que visitei esta exposição que demonstra o orgulho do meu passado e das gerações que me deram origem. Parabéns Filipe!

Um abraço ao meu amigo da Sardinha que fez se apaixonar a um povo tão bom e bom.
Parabéns *Henrique*

Um forte abraço,
João Paulo de Silva

Parabéns pela iniciativa. Espero que tenham a oportunidade de fazer esta exposição permanente, pois será certamente uma mais valia para o concelho.
Joana Silva

Trabalho notável! Parabéns pela iniciativa e pela manutenção do edifício que me é muito especial!

Turma 4 A B I - EB Mafosinhos

Fernando

Uma iniciativa muito louvável com interesse cultural e etnográfico. Vimos visitar o Sr. de Patrocinador mas acabamos por encontrar aqui um local de paragem muito agradável. Parabéns :-) Família Afonso Gomes

É de bom ver todas as iniciativas que nos
têm a ajudar pelas nossas ideias.
Parabéns pelo trabalho!

PARABÉNS PELA EXPOSIÇÃO
E PELOS BESSIMOS FILMES!

fl. f. e

GISELA FERREIRA

PARABÉNS PELA EXCELENTE EXPOSIÇÃO. FOI UMA BOMBA
DE DOR A CONHECER AOS MAIS NOBRES O VERDADEIRO
E MAIS PURO DE UMA POPULAÇÃO PESQUISA,
FIZEI O TRABALHO E O CONHECIMENTO
QUE ADMIRI.

Silva Souto *ff*

Muitos parabéns pela exposição!

Parabéns também ao muito trabalho
como antes.

Am. F. S. S. S.

Excelente exposição e iniciativa
sobre a atividade nuclear no território
e a sua comunicação científica, tendo
o trabalho foi realizado por pessoas
que têm uma cultura bastante boa para
e acima de tudo o futuro de uma comunidade
com iniciativa. Boa sorte e boas iniciativas
com boa vontade e coragem para estas
e as outras coisas. Muito obrigado.
Hesite na *H. S.*

Foi gratificante voltar
aos meus tempos de Termino
José Pereira

Muito obrigado S. L. P.

A Sardinha é, de facto, um espaço insólito
no passado moderno.

Obrigado pelo trabalho que faz perdurar nos
seus visitantes um tempo também.

Paulo Souto
Paulo Souto

Estou muito de saber o passado e
salvar os lugares antigos e memórias
de fabricas para as gerações futuras na
preservação dos ambientes (pela imprensa)

Paulo Souto

CXXXIII a CXXV - Algumas palavras dos visitantes da exposição SARDINHA registadas no livro de
memórias da exposição

